

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**NA EMOÇÃO DO FUTEBOL: UMA ANÁLISE DAS
TRANSMISSÕES NO RÁDIO E NA TV**

ELISA FERREIRA DE CARVALHO PATRICIO

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**NA EMOÇÃO DO FUTEBOL: UMA ANÁLISE DAS
TRANSMISSÕES NO RÁDIO E NA TV**

Projeto Experimental apresentado no Curso de Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo

ELISA FERREIRA DE CARVALHO PATRICIO

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Paiva de A. Soares

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Na emoção do futebol: uma análise das transmissões no rádio e na TV**, elaborada por Elisa Ferreira de Carvalho Patricio.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Paiva de Araújo Soares
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Fernando Antonio Mansur Barbosa
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Expressão e Linguagens - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

PATRICIO, Elisa Ferreira de Carvalho.

Na emoção do futebol: uma análise das transmissões no rádio e na TV. Rio de Janeiro, 2014.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientadora: Raquel Paiva de Araújo Soares

PATRICIO, Elisa Ferreira de Carvalho. **Na emoção do futebol: uma análise das transmissões no rádio e na TV.** Orientadora: Raquel Paiva de Araújo Soares. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho analisa as transmissões de futebol no rádio e na televisão. Procura-se ressaltar todos os elementos, mostrando o espaço destinado a este esporte nos dois meios de comunicação. Para exemplificar a pesquisa apresenta dois estudos de caso. O primeiro é a comparação de um mesmo jogo transmitido por dois veículos, um de cada meio. O segundo é um vídeo de um humorista carioca que imita as duas transmissões, destacando pontos importantes de cada uma delas. O projeto inclui também entrevistas com profissionais das duas áreas, fazendo análises comparativas das transmissões.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu avô, Ernesto Ferreira de Carvalho, que sem saber foi o maior incentivador da minha vida, é uma lembrança exemplar para mim e minha maior saudade.

AGRADECIMENTO

Neste momento de finalização de mais um ciclo da vida, faltam palavras, apesar de elas terem sobrado ao longo de toda a monografia, e sobram sentimentos. Nestes vinte e dois anos de vida foram muitas pessoas que passaram pelos meus dias. Eu só tenho a agradecer a todos, pois uns deixam marcas e outros, apenas, passam, mas todos contribuem, seja de maneira positiva ou negativa. Não seria quem sou sem essas experiências vividas. Alguns não poderia deixar de citar.

À minha mãe, Constança Carvalho, pela coragem de criar duas filhas, pela força e determinação de sempre. Por ser um exemplo até nos momentos de dificuldade, pelo colo e carinho até na hora da bronca e pelo amor incondicional, que pode ser obrigatório a todas as mães, mas eu sei que é verdadeiro e real;

À minha irmã, Beatriz Patricio, pelo apoio irrestrito e pelo maior amor de irmã do mundo. Por ser diferente de mim, mas só buscar o meu bem. Por ser minha parceira de “crimes” para toda a vida e a minha certeza de que nunca estarei sozinha;

Aos meus irmãos, Gabriela Patricio e Paulo Junior, por serem tão carinhosos e mimarem tanto a caçulinha. Ao meu pai, Paulo Patricio, que da maneira dele, torce pelo meu sucesso;

Ao Bruno, pelo incentivo, pela compreensão, pela amizade e pelo amor. Por secar minhas lágrimas e abrir o meu sorriso. Por querer estar sempre próximo, até nas horas enlouquecedoras e querer construir uma história, apesar de saber os meus piores defeitos e maiores medos;

À minha família unida e também muito ‘ourçada’. À minha avó materna pelo carinho especial, exemplo de força e a vontade de incentivá-la a seguir em frente. À paterna, por me obrigar a comer e ficar fortinha. Aos meus tios, por inserirem o futebol e o amor ao esporte de uma forma tão intensa. Às minhas tias, pelos jogos, pelos papos e pela cumplicidade. Aos meus primos, pelo carinho de irmãos. Ao Enrique por ser o meu maior amor do mundo, um amor de criança que não tem limite, tamanho e cobrança. Aos agregados, que deixam a família mais numerosa e divertida. E aos parentes distantes pela bagunça de sempre. À Didi, por me aguentar e me estressar todos os dias;

À Maryana Teles por ser a minha alma irmã, um achado, para a vida toda, que se transformou na extensão de mim mesma. Ao Lucas Drummond por me fazer focar em tantas aulas enquanto ele ensaiava e pelas cópias de caderno em momentos de distração. Pela cumplicidade que levou aos tapas e beijos. À Amanda Antunes pelo drama exagerado e o compartilhado comigo, além do brilho diva a mais na minha vida. À Antonella Zugliani, uma amizade que entrou na minha vida repentinamente e tomou um pedaço do meu coração. Ao Raphael Kappa, pelas ausências mais divertidas e por ser um exemplo de profissional completo. Aos amigos da “tchurminha”, em especial, Igor, Isabela, Karen e Rafael, pelas brigas, barracos, mas sempre muita diversão. À todos os futuros companheiros de profissão que conheci nessa incrível jornada na ECO;

Aos professores da minha vida toda e, em especial, os da Escola de Comunicação Social, que serviram de exemplo e me ensinaram durante todo este período. Em especial, minha orientadora Raquel Paiva, que acreditou, apostou e torceu, mesmo que de formas duras. E aos professores como Beatriz Becker, Cristiane Costa, Eduardo Refkalefsky, Fernando Ewerton, Fernando Mansur, Gabriel Collares, Fernando Ewerton, Márcio Amaral, Maria Helena, Marialva Barbosa, Marta Pinheiro, Renzo Taddei;

Aos vizinhos da vida toda: Aninha, Nina, Taciana e Armando, por serem a família extensão no décimo andar;

Aos amigos da Escola Parque, principalmente, Mari, Marina, Marcela, Gaia, Daniel, Onaldo e Horacio, por compreenderem a ausência neste período, pelo incentivo e o amor formado no Ensino Médio;

Ao Eric, que sempre acompanhou o meu caminho, esteve ao meu lado e torceu por mim;

Ao Rodrigo, Fabão e Thiago, pela amizade mais gostosa e duradoura que eu vivo;

A todos os amigos da infância, que me acompanharam a vida toda, especialmente, Aninha, Amanda Gouveia, Bela, Cla, Carol, Vic, Amanda Vieira, Ju, e Dani, minhas flores queridas e certeza de eterna amizade. Às mães das minhas amigas, que sempre me acolheram com tanto carinho;

Às amigas da minha irmã: Alice, Luiza, Polli, Lis, Julia, por terem me adotado, também, como irmã mais nova e sempre apostarem em mim;

Aos amigos, distantes e próximos, da vida e do trabalho da minha mãe, sempre tão próximos, torcendo e ajudando;

Às minhas amigas do Jazz, Fernanda, Isadora, Laura, Luana, Maria e Karen por tantos momentos divertidos e os melhores anos da minha vida. E ao Edclê, em memória, por ter

me ensinado a contar. Aos meus amigos de projeto social, por acreditarem, assim como eu, que podem fazer a diferença e por terem segurado uma barra enquanto eu escrevia a monografia;

Aos amigos que eu fiz nesta trajetória, ainda curta, de trabalho no jornalismo. Os primeiros: Aline, Bianca, Renato e Sandra, pelas brincadeiras e o carinho de sempre. No meu aprendizado da Rádio Bradesco Esportes com grandes amigos e profissionais, que muito me ensinaram e me divertiram, formando uma grande família única. Ao Garotinho, Gilson e Gérson, pela simplicidade, humildade e ensinamentos de tantas experiências vividas. E aos do SporTV, que me apoiaram, ainda mais na fase da monografia, em especial Rafa e Fernando.

Por fim, e em especial, à Deus e à Virgem Maria, por traçarem minha vida e meu caminho, em quem confio plenamente: “Credito em Deus, faço Ele de escudo”.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	01
2. RÁDIO E FUTEBOL	04
2.1. Rádio de esportes.....	09
2.2. A transmissão futebolística radiofônica	10
3. TELEVISÃO E FUTEBOL	15
3.1. TV por assinatura	21
3.2. A transmissão futebolística televisiva	23
4. ESTUDOS DE CASO	28
4.1. Abertura/pré-jogo	30
4.2. Intervalo.....	35
4.3. Publicidade	38
4.4. Encerramento/pós-jogo.....	40
4.5. Narração.....	43
4.6. Reportagem.....	49
4.7. Comentarista.....	53
4.8. Plantão Esportivo.....	56
5. CONCLUSÃO	58
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
7. ANEXOS	66
7.1. Anexo I.....	66
7.2. Anexo II.....	74
7.3. Anexo III	81
7.4. Anexo IV	91
7.5. Anexo V.....	95
7.6. Anexo VI.....	97

1- INTRODUÇÃO

A criação da realidade através da voz. O imaginário do real em efeitos sonoros, música e som B.G, detalhes curiosos e entrevistas. A descrição completa a partir da visão total. Do outro lado, várias câmeras, mas, apenas, um foco. Uma observação em cima da imagem, um detalhe importante, uma informação a mais, que não pode ser visualizada naquele espaço. Nos dois casos, a emoção, a descrição, a narração, o espetáculo. Os profissionais, “sabem como ninguém interpretar a emoção de um torcedor como se ele próprio a vivesse.” (POLITO) ¹

Uma partida de futebol é mais do que um esporte, principalmente para os brasileiros. Um jogo de noventa minutos é um espetáculo, com direito a abertura, intervalo, encerramento e repercussão. A transmissão passou a fazer parte deste *show* único. “A relação mídia-esporte altera o modo como este é transmitido e por nós percebido. Acentua-se o caráter espetacular das modalidades esportivas principalmente no futebol.” (CALEIRO & DINIZ, 2012, p.3) Segundo diversos estudiosos, no Brasil em particular, a narração dos jogos é um caso à parte, tamanha a emoção e dedicação ao trabalho. Para Edileuza Soares (1984, p.13 – 14), essa transmissão muitas vezes é superior ao espetáculo apresentado dentro das quatro linhas.

A narração de uma partida pelos locutores brasileiros é singular. Jogando com o imaginário do fanático torcedor, o locutor cria um lance mais bonito do que a realidade. É uma descrição sempre emocionante, precisa e rica em detalhes [...] É um espetáculo à parte para a platéia do primeiro mundo, habituada a uma narração mais informativa e menos empolgante ²

O Brasil é reconhecido nesta modalidade esportiva. O país do futebol. Um dos principais motivos não está dentro de campo, não veste chuteiras, mas marca gols. As transmissões radiofônicas e televisivas do esporte são mundialmente conhecidas e reconhecidas. Os narradores e a emoção transmitida durante a partida ajudaram a transformar o Brasil em uma “pátria de chuteiras”.

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é fazer uma análise e dar um enfoque completo das transmissões de futebol no rádio e na TV, a partir de diversos

¹ Disponível em:

<http://reinaldopolito.com.br/portugues/artigo.php?id_nivel=12&id_nivel2=153&idTopico=232>. Acesso em: 04 de maio de 2014

² Disponível em:

<<http://www.tecsi.fea.usp.br/eventos/contecsi2004/BrasilEmfoco/port/comunica/radio/esporte/index.htm>>

Acesso em: 06 de maio de 2014

aspectos, destacando os principais: narração, jornada esportiva [pré e pós-jogo], comercial, reportagem, plantão esportivo e comentários. Para isso, lembrar nos dois primeiros capítulos o começo das narrações nestes dois meios, a partir do surgimento do esporte no país e das primeiras transmissões ao vivo. Esses capítulos vão mostrar as mudanças e desenvolvimento do início para os tempos atuais.

O primeiro passo é a revisão da bibliografia na área. Apesar de muitos livros sobre o esporte, a transmissão em si, ainda não ganha muito destaque e o principal foco, dos trabalhos estudados, é apontar as diferenças na forma de narrar: a linguagem e a emoção. Dois autores serão a base desta pesquisa, e apontam essa limitação na área, ao tratar da história do futebol e sua relação com a comunicação, André Ribeiro, ou das transmissões focando na narrativa e na concorrência, como Márcio Guerra. Além de grandes nomes do jornalismo esportivo, como Nelson Rodrigues e o escritor Ruy Castro.

O primeiro capítulo, sobre o rádio, é baseado, principalmente, nos livros de Márcio Guerra: “Rádio x TV: o jogo da narração. – A imaginação entra em campo e seduz o torcedor” e “Você, ouvinte, é a nossa meta – A importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol”. O autor explora o início do meio de comunicação e aborda, de forma apaixonada, as transmissões futebolísticas. Guerra entrevistou profissionais da área e torcedores para comprovar a ligação entre rádio e futebol. No primeiro livro, o autor mostra ainda as transmissões televisivas, com influências e mudanças para o rádio, tema abordado no segundo capítulo deste trabalho. André Ribeiro, em “Os donos do espetáculo – histórias da imprensa esportiva no Brasil”, apresenta a história do futebol nos meios de comunicação desde o princípio até o início da *internet*.

Outras duas metodologias serão apresentadas neste trabalho. A primeira são as entrevistas com profissionais do jornalismo esportivo nesses dois meios de comunicação, lembrando o início e, em especial, buscando uma opinião da profunda análise deles. A segunda, para complementar de forma a exemplificar, são os dois estudos de casos do último capítulo. A partir da transmissão de um mesmo jogo acompanhado pelo rádio e pela TV e a análise de um vídeo da imitação do humorista Marcelo Adnet nos dois meios de comunicação.

Com o primeiro caso, vai ser possível embasar cada análise realizada ao longo dos dois primeiros capítulos do trabalho e apontar como transcorre uma partida de futebol em cada um desses meios. Três dos entrevistados, inclusive, participam das transmissões que vão ser analisadas neste estudo de caso e, por isso, a linha de pensamento deles será

apresentada ao leitor. Todos os entrevistados farão uma análise própria dos pontos de uma transmissão futebolística. A ideia desta monografia, diferente de alguns livros, artigos e vídeos publicados, não é o juízo de valor, ou seja, chegar a uma principal diferença entre as transmissões ou decidir a melhor e com maior audiência. Pelo contrário, os meios de comunicação não se extinguiram com o surgimento de novos. O objetivo é levar ao torcedor, a maneira como os jogos são observados e reproduzidos, para que ele possa fazer uma análise e ter discernimento para definir se, de fato, existe um jogo no campo e outro, diferente, na mídia.

O segundo objeto é a análise da apresentação, gravada em vídeo, do humorista Marcelo Adnet, na premiação do Campeonato Brasileiro de 2010, mostrando a diferença entre a partida de futebol na TV e no rádio. O comediante faz imitação da narrativa em cada um desses meios. A ideia é, justamente, a sátira e o exagero, na frente de uma plateia repleta de jornalistas, jogadores e ex-jogadores. Ao contrário da pesquisa bibliográfica, esta metodologia levou a um personagem, que não é profissional no assunto, mas soube retratar diferentes pontos de uma transmissão futebolística, focando na narrativa dos locutores, mas destacando aspectos relevantes que serão levantados nesta monografia.

A narrativa futebolística, que será mais profundamente analisada no desenvolver deste trabalho de conclusão de curso, não é diferente do cotidiano. Para Roberto DaMatta³, é uma forma de expressão da sociedade brasileira. Através da vibração e da torcida externamos sentimentos comuns ao nosso dia-a-dia, como tristeza, frustração, choro, alegria, expectativa e comemoração, proporcionando aos torcedores a experiência da igualdade e justiça social. O jogo narrado é uma metáfora para a própria vivência sendo transmitida, trazendo a importância da análise. O interesse do brasileiro aumenta e a emoção toma conta de cada instante desta partida. Como no slogan da Copa de 70: “todos juntos vamos pra frente Brasil”, uma contradição da época política com o sentimento criado através desse esporte. Afinal, a torcida, no estádio ou fora dele, é um dos poucos lugares onde todos são iguais.

2 – RÁDIO E FUTEBOL

³ Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/22/02-damatta.pdf>> Acesso em: 06 de maio de 2014

O rádio é um meio de radiodifusão sonora que transmite programas de entretenimento, educação e informação. Passou por diversas fases e grades de programação com música, notícias, discussões, informações de utilidade pública, programas humorísticos, novelas, narrações de acontecimentos esportivos e sociais, entrevistas e cursos. É um serviço prestado mediante concessão do Estado, devendo operar dentro de regras preestabelecidas em leis, regulamentos e normas. O rádio, em sua história, acompanhou o momento político vivido no Brasil.

O próprio surgimento deste meio de comunicação no país está ligado ao poder público. O rádio teve a sua primeira transmissão oficial no dia 7 de setembro de 1922, como parte das comemorações do Centenário da Independência. A transmissão radiofônica foi o pronunciamento do então, Presidente Epitácio Pessoa. A primeira estação de rádio surgiu apenas no ano seguinte, em 20 de abril, com programas literários, informativos e musicais. A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi criada por Roquette Pinto, médico, antropólogo e escritor, e Henrique Morize, engenheiro e geógrafo. A profissão dos dois responsáveis pelo surgimento da primeira estação demonstra a fase do início do novo meio de comunicação, que não contava com profissionais da área.

Em seu início no Brasil, o rádio tinha uma linguagem rebuscada, parecida com a que se lia nos jornais. Logo se percebeu que o rádio é mais abrangente, letrados ou não, notando-se que o conteúdo é mais importante do que a forma. A partir desta observação, os locutores passam a interagir de maneira mais informal. O locutor, que naquela época era conhecido como *speaker* e, geralmente, tinha uma voz possante, reajustou a linguagem.

Na outra ponta, no dia 1º de dezembro de 1863, a Federação Internacional de Futebol, FIFA, registra esta como a data do surgimento do futebol. O dia exato é contestado, já que existem relatos da prática do esporte antes de Cristo. Segundo a Federação, na Inglaterra que se praticou o esporte da forma mais parecida do que é atualmente, com a primeira regulamentação datada em 26 de outubro de 1863. No Brasil, o futebol chega com Charles Miller, brasileiro, jovem de 20 anos, que estudou fora desde os 10 anos de idade. A primeira partida aconteceu em 1895, o São Paulo Athletic Club [SPAC], com jogadores de empresas inglesas no Brasil, foi dividido em duas equipes.

De volta a São Paulo, onde sua família morava, associou-se rapidamente ao clube dos ingleses chamado SPAC. A intenção era uma só: jogar futebol. Mas Miller logo viu que esse esporte era pouco praticado em São Paulo [...] Começou a organizar treinos entre os funcionários da empresa onde trabalhava, a São Paulo Railway, os da Companhia de Gás e os do

London Bank. E foi em um desses treinos que, um dia, um surpreso jornalista descobriu o novo esporte (RIBEIRO, A., 2007, p.19).

Com o início das partidas oficiais, o futebol chamou atenção do jornalismo brasileiro. Celso Araújo, cronista, foi o primeiro a dar importância ao esporte. De acordo com relatos, o nascimento do jornalismo esportivo brasileiro teria acontecido em 1856, com *O Atleta* dando receitas para o aprimoramento físico. Depois surgiram outros periódicos, mas o futebol não era prioridade. Na época, estavam na moda o turfe, regatas e ciclismo. No século XX, não chamou atenção pelos jogos e resultados, mas começou a ocupar as páginas da imprensa pelos benefícios e prejuízos do novo esporte à população. O primeiro texto publicado foi apenas em 27 de outubro de 1902, pelo *O Estado de S. Paulo*, na primeira decisão do Campeonato Paulista. A *Gazeta de Notícias* dedicou, pela primeira vez, um pequeno espaço para jogos e passou a ter uma seção fixa com duas colunas, a *Gazeta dos Sports*.

Aos poucos, o futebol começava a conquistar um espaço maior na mídia brasileira, com seções especializadas, capas de publicações, livros dedicados ao assunto, periódicos esportivos, além do interesse de empresas cinematográficas. Entretanto, a primeira transmissão radiofônica, no formato de hoje em dia, só aconteceu na oitava edição do Campeonato Brasileiro, em 1931.

No início, apenas notas de jornais eram lidas pelos locutores. Em 15 de outubro de 1922, Leopoldo Santana foi o primeiro a irradiar um jogo válido pelo Campeonato Sul-Americano entre Brasil e Argentina, disputado nas Laranjeiras, no Rio de Janeiro. A transmissão foi feita em diversos boletins enviados por telefone e retransmitidos por alto-falantes. Em 1924, uma sorveteria em São Paulo, notou o grande interesse do público e instalou alto-falantes para que os frequentadores pudessem acompanhar as informações da conquista do tricampeonato do Corinthians.

Voltando à primeira transmissão no formato da atual: Nicolau Tuma, um jovem estudante de Direito, de 20 anos, locutor da Rádio Educadora Paulista, percebeu que teria que passar ao ouvinte, a noção exata do campo. Irradiando no meio da arquibancada, um pouco antes do início da partida, no dia 19 de julho de 1931, Tuma abriu a transmissão situando o torcedor:

Como vocês sabem, o campo de futebol é um retângulo. Então, vocês façam um retângulo aí em sua frente, numa cartolina... Ou então, peguem uma caixa de fósforos. A caixa de fósforos é um retangulozinho, não é?

Agora sim, a caixa de fósforos é o campo. Do lado esquerdo vão jogar os paulistas, do lado direito, os paranaenses (RIBEIRO, J. *apud* RIBEIRO, A., 2007, p. 76).

Outro ponto crucial nas primeiras transmissões era a falta de um exemplo a copiar, se fazendo necessário criar um estilo próprio. Nesta época as camisas dos clubes não tinham número ou nome para identificar o jogador. Para o bom entendimento do ouvinte, a descrição era feita pelos detalhes do atleta, como a cor do cabelo, chuteira, forma física, altura. Sem a ajuda de comentarista ou repórter, o maior temor de Nicolau Tuma era que o ouvinte desligasse o rádio. Para isso não acontecer, o narrador não dava nenhum intervalo e ficou conhecido como *speaker metralhadora*. Assim como a descoberta do rádio no mundo é questionada, existe uma polêmica em torno da primeira transmissão no Brasil. Segundo alguns autores, na década de 20, o locutor Amador Santos, narrava, de forma sóbria e lenta. Tuma deu ritmo à narrativa e ganhou o apelido e a fama.

O desenvolvimento tecnológico do rádio está relacionado com a cobertura esportiva. No princípio as linhas telefônicas eram um problema para as emissoras, que chegavam a pedir que fosse instalada nas casas vizinhas ao estádio. Além disso, o esporte começou a dominar rapidamente espaço no rádio. Neste período, década de 30, também foram criados os primeiros anúncios publicitários. Em 1932, o governo regulamentou a veiculação da publicidade nas emissoras, a partir do decreto 21.111, impulsionando o rádio como empreendimento comercial. Um novo caminho e uma nova fonte de renda se abriram para a transmissão esportiva neste meio, apesar de que os aparelhos ainda eram caros e raros.

A rádio Record, do grande empresário Paulo Machado de Carvalho, criou o plantão esportivo, aos domingos, com os resultados dos jogos. Mais afrente foi a primeira a transmitir outros esportes, como turfe, basquete e boxe, o que não teve muito sucesso. Na década de 30 ainda surgiu a figura do comentarista, jornalistas da mídia impressa.

Com o sucesso, em 1934, os clubes decidiram proibir as transmissões com medo da escassez do público nos estádios, surgindo os direitos de transmissão, garantindo que os dirigentes também faturassem com a mídia. No início, diretores das rádios, alugavam casas próximas ou procuravam altos muros para transmitir a partida e não precisar pagar.

Apesar do grande crescimento do rádio esportivo, na Copa do Mundo de 1934, na Itália, não houve transmissão. A primeira transmissão internacional aconteceu em 1936, em Buenos Aires. A Rádio Nacional irradiou uma partida do Campeonato Sul-Americano.

Em 5 de junho de 1938, os brasileiros puderam acompanhar a narração de Gagliano Neto em um mundial do futebol, através de uma linha telefônica (HEIZER, ANEXO I, p. 66)⁴. “Naquele tempo, nem todo mundo tinha aparelho de rádio em casa. As pessoas se amontoavam nas principais praças das capitais do país para ouvir, através de alto-falantes, as transmissões.” (MATTIUSI *apud* GUERRA, 2012, p.30).

Mais adiante, em 1940, surgiu a Rádio Panamericana, hoje Jovem Pan, de São Paulo, que foi a primeira a se especializar e ter uma programação voltada para esporte. Trouxeram novas profissões, como comentarista de arbitragem, repórter de campo, plantão esportivo e a novidade mais inovadora: humor no esporte, com o programa *Show de Rádio*. No Rio de Janeiro, uma emissora especializada em esportes só surgiu dez anos depois, a Rádio Continental. Outra novidade dentro de campo aconteceu oito anos mais tarde, quando a Rádio Bandeirantes colocou repórter de campo na linha de impedimento. Essa foi a primeira noção de avaliação e *replay* do lance. O tira teima era o repórter, que estava posicionado junto ao bandeirinha, uma vez que o comentarista de arbitragem só surgiria na década de 60, inclusive, gerando polêmica, uma vez que o repórter via o lance mais próximo e o comentarista não tinha a repetição da imagem. Mário Vianna, primeiro comentarista de arbitragem do Brasil, tinha o costume de, após o gol, confirmar que tinha sido legal e uma vez, Spezin Bermuda, repórter que fazia ponta no jogo [reportagem atrás do gol], afirmou que o gol tinha sido com a mão, gerando uma grande confusão no ar.

Na Copa de 58, surgiu uma grande revolução no rádio: o “radinho de pilha”. A partir daí cria-se a rotina de acompanhar o futebol de qualquer lugar, mesmo que não estivesse em casa ou no carro e, principalmente, poder levar para o estádio e seguir a transmissão enquanto se assistia à partida. Outra forma de prender este ouvinte que, agora poderia acompanhar imagem e áudio, foi na década de 60, com a implantação nas transmissões de estatísticas dos jogos, lances e jogadas. Dessa maneira, o rádio provava ao ouvinte que sempre tinha uma informação a mais.

O brasileiro é engraçado. Ele vai ao campo e leva o rádio no ouvido para saber se foi pênalti. Como o comentarista predileto lhe diz que foi pênalti, ele se conforma. Caso o comentarista diga que não foi, ele protesta contra o juiz. Se tiver alguma dúvida sobre a opinião do comentarista, gira o botão e confere o que o outro está dizendo. No dia seguinte, ele vai para o trabalho e defender que houve pênalti e sua defesa é em cima do que o tal comentarista ou narrador disse (HALLACK *apud* GUERRA, 2012, p.37).

⁴ Entrevista concedida à autora

Ao longo dos anos 70, outras formas de prender o ouvinte e deixá-lo ligado na transmissão foram criadas, como a utilização de efeitos sonoros, principalmente depois da marcação do gol; revezamento de narradores para dar dinâmica ao jogo e depois a transmissão de partidas simultâneas na mesma estação, o que passou a ser oferecido em AM e FM.

O futebol foi transformado em um grande espetáculo, graças ao rádio. A popularização do esporte se deu pela aproximação dos narradores com os ouvintes, seja no vocabulário informal ou por aportuguesar as expressões e regras do esporte. “O rádio buscou através dos vários recursos da linguagem radiofônica [a capacidade emotiva da voz, músicas, vinhetas, cortinas sonoras] levar a magia do espetáculo ao ouvinte, por meio do apelo a sua imaginação.” (ALMEIDA, 2004, p.10).

Para muito estudiosos, o futebol foi bem aceito na cultura brasileira por ser visto como extensão do cotidiano. Assim como no jogo, na vida temos vitórias e derrotas e, na maioria das vezes, uma próxima etapa e partida para se levantar. Para fazer essa ligação, o rádio se apropriou de laços afetivos e o recurso deste meio de comunicação é a intimidade e o afeto, com aproximação. Todos da transmissão, em especial, o narrador, fazem questão de manter uma proximidade com o ouvinte, chamá-lo a participar, por redes sociais e telefone. Além da emoção, da entonação, da dicção, da imprevisibilidade dos lances e do imaginário transmitidos pelas irradiações, a interação é o ponto forte do rádio, com a própria equipe, para saber quando chamar comentarista, repórter de campo ou repórter com notícias da cidade e do entrono do estádio, e com o ouvinte, chamando a participar e dando “voz ao torcedor”.

A profissionalização do futebol, em 1933, foi paralela a do rádio e teve contribuição direta desse meio. Com isso, as principais emissoras acabaram dedicando espaço relativamente grande à editoria esportiva, algo que acontece até os dias atuais (BOCHEMBUZO & SOFFNER JUNIOR, 2013).

2.1 – Rádio de esportes

Se na década de 40, a Panamericana, em São Paulo, e depois da Rádio Continental, no Rio de Janeiro, buscaram uma programação voltada para o esporte, atualmente, a única emissora exclusiva no país é a Bradesco Esportes FM/Esportes FM, que funciona em São Paulo e Rio de Janeiro, mas teve filias também em Belo Horizonte e Porto Alegre. A rádio, com programação vinte e quatro horas dedicada ao esporte em geral, é uma parceria entre o

Grupo Bandeirantes de Comunicação e o Banco Bradesco, em São Paulo e no Rio, e foi lançada em 2012. O surgimento teve por objetivo preparar o ouvinte brasileiro para a década mais esportiva do país com a realização da Copa do Mundo em 2014 e os Jogos Olímpicos, do Rio, em 2016.

Para tentar levantar a audiência da programação, a emissora buscou nomes de peso, fato usual no histórico das rádios no Brasil, tanto quando começam quanto nas épocas de crise. Na cidade olímpica, José Carlos Araújo, o Garotinho, locutor esportivo mais famoso assinou o projeto. Reformular a rádio esportiva era uma ideia antiga do narrador de maior renome. Garotinho montou uma rádio jovem, para ensinar futuras estrelas do meio esportivo. Em São Paulo, grandes nomes foram transferidos da BandNews, também pertencente ao Grupo Bandeirantes. O sucesso não foi o mesmo e em 2013 a equipe foi bastante reduzida e o comando das transmissões ao vivo ficaram com a BandNews. Sem contar que Belo Horizonte e Porto Alegre passaram, apenas, a retransmitir a programação de São Paulo, sem exigir a participação de uma grande equipe durante um período.

No Rio de Janeiro, José Carlos Araújo deixou de ser o narrador número um ao deixar o projeto e participar para a Transamérica, levando o comentarista e ex-jogador Gérson; o repórter consagrado e apresentador Gilson Ricardo; e jovens talentos como Bruno Azevedo, Bruno Cantarelli, Raphael Saladich, Lucas Machado e Maurício Filardi. Garotinho ainda investe na ideia de renovação do setor no rádio, mas não se enquadrando ao padrão da Bradesco Esportes FM, principalmente por direitos de transmissão na Copa do Mundo no Brasil e pela frequência do dial da rádio no FM: 91,1. “Saio pela porta da frente, não saio brigado, como todas as emissoras pelas quais passei. E sigo com o meu projeto de renovação do meio esportivo”, declarou em janeiro de 2014.

Apesar de todas as dificuldades, a rádio exclusivamente de esportes surgiu com intuito de aproximar o ouvinte das mais diversas modalidades. Partidas de basquete, vôlei e lutas passaram a ser irradiadas. Uma novidade que foi copiada por outras emissoras. Uma nova equipe com nomes fortes no mercado radiofônico foi montada, com Edilson Silva, Sérgio Guimarães e Ronaldo de Castro.

Além das transmissões ao vivo, na grade, diversos esportes que estão distantes dos holofotes da mídia ganharam espaço, com programas dedicados a informar e atualizar. Especialmente o vôlei e o basquete, modalidades que crescem muito no país, mas ainda não ganham destaque como o futebol. Colunistas renomados fazem boletins para a

emissora, como a ex-jogadora de vôlei Jaqueline Silva, o surfista Rico de Souza, o ex-jogador de basquete Alexey Carvalho e o atleta paraolímpico Clodoaldo Silva.

2.2 – A transmissão futebolística radiofônica

Se em 1931, Nicolau Tuma abriu a transmissão da partida em cima da hora da bola rolar, atualmente, é bastante diferente. A maioria das transmissões começa, no mínimo, uma hora antes do jogo começar. Sem contar que, nos finais de semana, especialmente, no domingo, dia considerado do esporte neste meio de comunicação, a jornada esportiva começa com programas matinais, em algumas emissoras, como Rádio Globo e Tupi, líderes de audiência no Rio de Janeiro, e podem ser preenchidos com entrevistas exclusivas e debates sobre esporte.

Nas uma ou duas horas que antecedem a partida, o apresentador aquece o ouvinte para a partida ao lado de um grupo de comentaristas e repórteres. Informações sobre a preparação para o jogo, o clube durante a semana e, até mesmo, da vida de alguns jogadores, fora e dentro de campo, como transferência, renovação, lesões, participação no campeonato, cartões em jogos e gols. Desde o pré-jogo, o ouvinte interage, com perguntas e comentários, normalmente, respondidos, ao vivo, pelos comentaristas. O repórter divulga a escalação da partida, assim que tem acesso no estádio. Para essa abertura antecipada, alguns jornalistas chegam ao local da partida até cinco horas antes do início do jogo. Normalmente, durante esta abertura de transmissão, o único que não participa é o narrador. Esta cultura se dá para que o locutor possa poupar a voz, já que explora bastante durante a irradiação.

Neste pré-jogo, o principal informante é o setorista [repórter que cobre o dia-a-dia de determinado clube] do time que vai jogar, da porta do vestiário. Participam ainda o plantonista [repórter com informação dos jogos em andamento] e o comentarista. Por fim, a cobertura conta com os outros setoristas; repórter no entorno, atualizando sobre a chegada da torcida, venda de ingressos e possíveis confusões; e reportagem do jornalismo, sobre o trânsito na cidade e, até, fatos relevantes do dia. Independente do tempo desta abertura há uma rotatividade dessas informações, com esses profissionais envolvidos, comerciais e, em algumas, emissoras, músicas para animar e atrair o ouvinte.

Entre trinta e quinze minutos antes do início da partida, o apresentador passa o comando do espetáculo radiofônico ao narrador, que chama os repórteres de campo com as escalações, passadas durante o pré-jogo, mas agora irradiadas com maior emoção,

acompanhada de vinhetas. O narrador convoca o ouvinte a acompanhar a transmissão pelo rádio, divulgando os atrativos da partida, como o comentarista, a música e, claro, a interatividade, através do telefone ou das redes sociais. Antes do início do jogo, os repórteres ainda são acionados para conseguir uma entrevista rápida de jogadores ou treinadores. Toda a parte convidativa ao torcedor para o jogo que está por vir, como ressaltou Márcio Guerra (2012):

Um fator que logo chama a atenção é a imprevisibilidade do futebol. Ele é um dos poucos esportes coletivos que lida com o inesperado durante toda a sua realização. Não há placar pré-determinado a favor de uma equipe, por mais favorito que ela seja. O efeito é direto na conduta do torcedor que, sabendo disso, fica ligado o tempo todo, na expectativa do lance seguinte. O fato de ser um esporte sem ter um resultado previsível é apontado como um dos fatores para que ele tenha caído no gosto popular. Não dá para garantir que um time vencerá, por maior que seja a diferença técnica entre ele e o adversário (GUERRA, 2012, p.41).

Ao longo do primeiro tempo, transcorrer do jogo, um padrão segue a transmissão. O locutor narra, descrevendo jogadas detalhadamente, uma vez que o ouvinte não tem a imagem, criando um imaginário para torcedor, como fazia Nicolau Tuma ao situar o campo de futebol na cabeça do ouvinte. Sendo necessário precisar em qual parte está o atleta e toda a movimentação da jogada. O narrador busca detalhes de todos em campo, dando uma visão completa ao torcedor.

O rádio tem um desafio muito grande. Ele trabalha com o imaginário do ouvinte, ou seja, ele cria imagens através de palavras com a cabeça de cada ouvinte. E esse ouvinte tem que ser informado, por exemplo, do posicionamento da bola, se ela está pela defesa, se ela está na direita, se ela está pela esquerda, para que esse ouvinte possa criar essas imagens cada vez mais ricas. Na medida, também, em que a bola sai de uma defesa, vai para o meio-campo, ultrapassa a metade [do campo], vai pra intermediária contrária, para entrada da grande área contrária, a tonalidade de voz tende a crescer pra poder transformar a emoção e fortalecer essa imagem. Vai crescendo e isso é pra vender a emoção com o *timing* do rádio (ARAÚJO, ANEXO II, p. 74)⁵.

Lado a lado com a partida, o repórter busca uma novidade, até para marcar presença, principalmente quando o jogo não é na cidade da emissora: uma observação do treinador, uma jogada ensaiada [que ele acompanhou nos treinos durante a semana] ou uma reação da torcida. No final de cada lance de perigo, o repórter é acionado para contar

⁵ Entrevista concedida à autora

detalhadamente o ataque. Entretanto, a maior emoção transmitida e que comprova a presença da estação no local da partida é o som da torcida: “As jogadas, os locais do campo, a reação da torcida – o som em B.G. está presente durante toda a transmissão – não são descritos literalmente” (ABREU, 2000, p.6).

O comentarista participa em alguns momentos durante a transmissão. O primeiro deles é quando o narrador chama para analisar o andamento da partida ou uma jogada específica. O segundo é após cada gol. O terceiro, e, certamente, não menos importante, para comentar a participação do ouvinte, respondendo questionamentos ou observações.

O plantonista, por sua vez, participa a cada marcação de tempo. Durante o jogo, o narrador informa tempo e placar, a cada cinco minutos, sempre com vinhetas sonoras para chamar atenção do ouvinte da marca no jogo e, ao final, gira com o repórter do plantão informando outros jogos finalizados ou em andamento. A participação também acontece a cada gol ou lance importante nas outras partidas.

Durante as transmissões, ainda, algumas emissoras apostam no jornalismo, com notinhas curtas sobre trânsito ou acontecimentos marcantes. Sem contar com o repórter que, no início da transmissão estava no entorno do estádio, e durante o jogo vai para as arquibancadas acompanhar a reação das torcidas e, costuma entrar com detalhes ou entrevistas rápidas sobre o andamento do jogo. Esta é outra forma de aproximar o torcedor do rádio, já que no estádio é possível ver a partida e ouvir pelo radinho de pilha.

Desde que Vargas liberou a publicidade no rádio, o investimento é cada vez maior. As disputas foram inúmeras, envolvendo, inclusive, os locutores, que ao longo dos anos, ganhavam mais prestígio não só pela narrativa e linguagem, mas pela capacidade de vender anúncios. Essa é uma realidade presente até hoje. José Carlos Araújo é o que mais vende e tem contratos, apesar de as transmissões de todas as emissoras serem marcadas por comerciais nos intervalos e foguetes, pequenos anúncios, com o jogo em andamento.

No intervalo de jogo, o juiz apita o fim da etapa e o narrador convoca os repórteres de campo com entrevistas com jogadores sobre o primeiro tempo. O bom repórter, neste momento, busca destacar o gol ou um lance importante ou polêmico, e antevê possibilidades para o segundo tempo. Com o retorno do comando para o locutor principal, este chama o plantonista, para atualizar as informações dos outros jogos. Algumas vezes, o repórter que faz entorno e arquibancada é acionado. Caso contrário, o narrador passa o comando deixando uma pergunta para o comentarista. “Ele vai contar o que está achando desse primeiro tempo de jogo. E aí, tá gostando?”, solta José Carlos Araújo para Gérson.

Depois de uma rápida análise, o comentarista devolve para o mesmo apresentador que abriu a jornada e agora vai comandar o intervalo radiofônico. Ao longo dos quinze minutos, um ou dois comerciais são chamados. O tempo restante é ocupado por comentários e informações com os repórteres e o plantonista. Antes do retorno do narrador, o repórter de campo ainda costuma dar a informação se existe modificação no time para o segundo tempo de jogo. Ao retornar o comando para o narrador, este chama as entrevistas de campo para algum detalhe inicial e segue o mesmo roteiro do primeiro tempo.

Ao final do jogo, não costuma ter uma despedida oficial do narrador. Este passa da mesma forma como foi no intervalo, ou seja, chamando repórteres e depois o comentarista. A partir daí, o apresentador assume o comando mais uma vez para o pós-jogo. A ligação do torcedor com o rádio é essa. Antes e depois do jogo, a transmissão segue, com informações adicionais e comentários. Após a partida, o repórter no entorno passa para o ouvinte a situação no trânsito, chuva e no transporte público, sem contar, com detalhes de confusões ou brigas. O plantonista finaliza sua participação com informações de todos os jogos da rodada e a classificação. O repórter de campo segue para acompanhar a coletiva de imprensa.

Antigamente, após a partida, os repórteres podiam entrevistar qualquer jogador e entrar no vestiário. Atualmente, os atletas têm agentes e assessores e, muitas vezes, não costumam ceder facilmente uma exclusiva. No final da partida, a coletiva, para todos os jornalistas, é dada pelo treinador. Em alguns casos raros, um jogador participa. As emissoras de rádio, no pós-jogo ou encerramento da jornada, transmitem a coletiva na íntegra para o ouvinte acompanhar. Após a entrevista, o comentarista e o apresentador ainda conversam sobre as declarações do técnico. Em algumas estações de rádio, a jornada tem horário certo para acabar e, em outras, pode se estender com participação de outros setoristas, repórteres do jornalismo e o comentarista.

Esse modelo só foge, um pouco, deste padrão quando há partidas seguidas e o pré-jogo do segundo acontece antes do primeiro. Entre uma transmissão e outra, acontecem comentários da primeira partida e troca de informações com repórter de campo do próximo jogo que ainda vai começar. No pós, depois da segunda transmissão, há um comentário mais desenvolvido sobre o primeiro jogo e algumas declarações do treinador durante a coletiva em matérias dos repórteres.

3 – TELEVISÃO E FUTEBOL

Para alguns estudiosos, como Márcio Guerra (2102), o casamento entre rádio e futebol é intenso e duradouro. Isso se deu, principalmente, pela popularização que ambos tiveram, nos anos 50, durante a urbanização do país, e a contribuição de cada um nesse

processo. O rádio tornou-se o meio da massa e o futebol o esporte de maior paixão nacional. Ao contrário do que pensava os dirigentes dos clubes, que chegaram a proibir transmissões ao vivo na década de 30, o rádio aumentou o público nos estádios. “Na fala do narrador está a garantia de que o espetáculo é sempre bom e que tudo pode acontecer.” (GUERRA, 2012, p. 42). Por isso, a ferramenta de levar o radinho de pilha ao jogo, garantindo o *show*, mesmo que o ouvinte esteja vendo que as jogadas não são brilhantes.

A proximidade do repórter e da transmissão como um todo com o jogador era tamanha, que o torcedor também queria se sentir envolvido. Naquela época, as entrevistas eram dentro dos vestiários, depois os profissionais das duas áreas conversavam, informalmente, tudo em *off*, fazendo com que a intimidade, confiança e relação ficasse mais forte, como conta o ex-jogador e atual comentarista Leovegildo Lins da Gama Júnior, conhecido apenas por Júnior:

A força que tinha, e eu acho que tem, o rádio ainda é aquele negócio de você ter a ligação direta com os jogadores. Nós pegamos uma fase aonde os repórteres iam dentro do vestiário. Aliás, os e as repórteres, faziam a entrevista, com os jogadores de toalha [...] Nós éramos profissionais e os caras [repórteres] também, mas acabou o trabalho, a gente sentava junto pra tomar chope, se contava história em *off* e história em *off* morria [...] Existia uma ética e um respeito muito grande. Tinha gente que você tinha mais intimidade e, de repente, você dava um furo pro cara [repórter] (GAMA JÚNIOR, ANEXO III, p. 81)⁶.

Com todos esses ingredientes, a decepção com a derrota do Brasil na Copa de 50, no Brasil, foi ainda maior. Com a cobertura da mídia, o torcedor se sentiu ainda mais perto do fracasso na final contra o Uruguai. Entretanto, dois meses depois, surgia um novo veículo para revolucionar o país: a televisão. A TV Tupi entrou no ar dia 18 de setembro daquele fatídico ano, em São Paulo, e no ano seguinte no Rio de Janeiro. A história da televisão, na verdade, começa em 1884, na Alemanha e as primeiras experiências chegaram ao Brasil, somente, na década de 30, época em que começam as transmissões esportivas no Mundo, como beisebol e Jogos Olímpicos de Berlim.

Desde que entrou no ar, no Brasil, a televisão, ao contrário do que aconteceu na história do rádio, abriu espaço para o futebol. Além de ter importado quase que por completa a sua grade do rádio. Ao longo do tempo, cada vez mais programas dedicados ao

⁶ Entrevista concedida à autora

esporte surgiam. A primeira transmissão, em videoteipe, só aconteceu em outubro, entre Palmeiras e São Paulo.

O jogo acontecia e era produzido aos domingos, mas exibido pelas emissoras, com narração, nas segundas. O comentarista Teixeira Heizer (ANEXO I, p. 67)⁷ garante que, mesmo assim, era um sucesso em São Paulo e no Rio de Janeiro. “Era uma transmissão feita com bastante discrição, sem gritaria. O gol era gol e não um grito. [...] O telespectador se sentia parte da história e não parte de um grito.” (HEIZER, ANEXO I, p. 67)⁸ Ainda segundo o comentarista (HEIZER, ANEXO I, p. 66)⁹, a televisão não tinha uma transmissão agradável porque a qualidade da imagem, no começo, era precária: difusa e em preto e branco, e os profissionais oriundos do rádio não achavam um padrão de narração.

Desde 50, como acontece até hoje, a principal disputa entre rádio e televisão era pela contratação dos profissionais. As maiores estrelas começaram a dividir as atividades entre os dois meios. Com a experiência do rádio, muitas ideias foram apenas adaptadas para as transmissões na TV. O rádio acompanhou o processo do futebol, evoluiu com o esporte e, aos poucos, foi inovando. Com o surgimento da televisão, muitas ideias bem sucedidas foram implementadas, como a inclusão de comentarista e reportagem. Houve um receio, mas buscou se revigorar, como ressalta o narrador Edson Mauro:

Como qualquer entrada de um novo meio do mercado, isso, obviamente, causou um impacto ao rádio que vinha até então, antes da entrada da televisão, soberano, como meio de comunicação falado. Com a entrada da TV, com som e a imagem, o rádio, realmente, teve que se readaptar (MAURO, ANEXO IV, p. 91)¹⁰.

A primeira Copa depois do surgimento da TV foi transmitida, apenas, na Europa, em 1954. Para o Brasil, as emissoras de rádio estiveram lá e voltaram mais cedo, com a eliminação precoce. A única estação a ficar foi a Rádio Globo, que passou a criar a rotina de narrar jogos que não eram da nossa Seleção. No novo meio de comunicação, a primeira transmissão intermunicipal no Brasil só foi acontecer no final de 1955, na TV Tupi. No ano seguinte, a TV Record e a TV Rio, promoveram a primeira transmissão interestadual, ao vivo, direto do calçadão da praia de Copacabana. “O cidadão comum custou a acreditar que aquelas imagens pudessem estar sendo vistas simultaneamente nas duas cidades [Rio

⁷ Entrevista concedida à autora

⁸ Entrevista concedida à autora

⁹ Entrevista concedida à autora

¹⁰ Entrevista concedida à autora

de Janeiro e São Paulo].” (RIBEIRO, A., 2007, p. 157). Ainda naquele ano, a vitória da Seleção Brasileira em cima da Itália foi transmitida ao vivo, direto do Estádio do Maracanã. Waldir Amaral, estrela do rádio, narrou a partida e foi duramente criticado pelo atraso da narrativa em relação à imagem. Os equipamentos da época não eram os melhores e das quatro câmeras disponíveis, três pararam de funcionar durante a transmissão.

A TV Tupi comprou os direitos exclusivos dos jogos do Mundial em 1958. A exibição aconteceria com dias de atraso e meia hora de duração, enquanto na Europa, era a primeira vez que uma Copa do Mundo seria transmitida ao vivo pela televisão e na íntegra. A partir de então, a TV passou a incomodar o rádio. E, naquele mesmo ano de 58, a TV passou a transmitir jogos ao vivo do Campeonato Carioca.

Enfrentaram a oposição dos dirigentes [dos clubes], sob a mesma alegação já usada contra o rádio, na década de 1930, de que a televisão acabaria tirando o público dos estádios [...] Presidentes de clubes, prefeitos e administrador do Maracanã passaram dois meses discutindo, mas no final as tevês ganharam a queda-de-braço (ASSAF & MARTINS *apud* RIBEIRO, A., 2007, p. 170).

Para surpresa dos gestores dos clubes cariocas, o público nos estádios aumentou, mas no ano seguinte, as previsões negativas se confirmaram devido ao grande número de partidas transmitidas. Uma realidade que se tornou constante no futebol carioca e brasileiro. A briga entre empresários da televisão e dirigentes de clubes e federações durou até 1986, quando, finalmente, chegaram a um acordo e a TV passou a televisionar jogos ao vivo do Campeonato Brasileiro.

A transmissão de todas as partidas dos campeonatos, agora pela TV por assinatura, diminuiu o número do público presente no estádio. Negativa facilitada, também, pelo alto custo dos ingressos e a precária segurança durante anos, com as brigas entre as torcidas organizadas. Justamente pelo grande interesse do torcedor, o mercado passou a investir mais na televisão, especialmente, na área esportiva. Nesta época, TV Record e Rio passaram a usar lentes de zoom especiais conseguindo os primeiros ângulos distintos e levando ao telespectador o que ele mais busca, até hoje em dia, a novidade, o diferente na transmissão televisiva: a capacidade de assistir o mesmo lance por diversos os ângulos. Algo que não era possível nem no rádio e nem no estádio.

O rádio tinha esse impacto. E, naturalmente, com o passar do tempo, a televisão foi ocupando, um pouco, esse espaço. É lógico que o visual é

muito maior do que qualquer coisa. Quando você tem uma imagem, não adianta você falar porque a pessoa vai prestar muito mais atenção na imagem do que na tua fala. A diferença está na modernidade, nos próprios recursos que ela tem (GAMA JÚNIOR, ANEXO III, p. 81)¹¹.

Apesar do avanço tecnológico antes do início da década de 60, na Copa do Chile, em 62, a transmissão televisiva ainda era por videoteipe, com dois dias de atraso, mas na íntegra. A grande inovação, entretanto, que leva, muitas vezes, a preferência do torcedor de assistir as partidas na televisão aconteceu por acaso. Walter Abraão, conhecido narrador de rádio e TV, conta (ABRÃO *apud* RIBEIRO, A., 2007) que estava acompanhando uma transmissão ao vivo, quando aconteceu um lance duvidoso e ele comentou com um técnico que seria bom ver novamente a jogada. Arnold Farias, da Tupi, mostrou a montagem que Walter chamou de ‘bilance’. Na época, não exploraram a descoberta, que só ficou conhecida durante a Copa 70 (CARMONA & POLI, 2009). Antes disso, a TV Record usava foto para fazer o replay da jogada. Deixava fotógrafos atrás do gol registrando lances polêmicos e perigosos. No intervalo, as imagens eram reveladas e exibidas na televisão.

A aposta televisiva saiu da esfera, somente, da transmissão de jogos de futebol em 1963, quando começaram a surgir os programas de mesa redonda: discussões sobre o futebol, principalmente, depois das partidas. O debate era formado, em sua maioria por comentaristas das emissoras. Ainda no começo desses programas, na década de 70, Rui Porto, comentarista, depois de falar dos gols da rodada, usava um quadro para afixar botões, simulando a disposição tática dos times em campo. Esse recurso é usado ainda hoje, tendo passado por algumas inovações. Atualmente, os programas exclusivos, nesse formato acontecem, somente, nos canais de TV por assinatura. Na televisão aberta, é mais comum ter quadros em programas, principalmente dominicais.

O primeiro Mundial, que teve transmissão televisiva ao vivo para o Brasil, foi em 1970, no México, pela TV Cultura, e contou com a audiência de 700 milhões de pessoas. O ponto alto da inovação acompanhou a renovação da mídia nesta década, quando, em 1972, no Brasil teve a primeira transmissão colorida de futebol na América do Sul. A partir de 77, a Confederação Brasileira de Desportos [CBD] passou a negociar as transmissões por partidas buscando uma negociação interessante para ambas as partes.

No início da década de 80, a TV Globo, começou a buscar sua hegemonia no futebol, principalmente por questões financeiras. Em 82, a emissora carioca, comprou os

¹¹ Entrevista concedida à autora

direitos exclusivos do Mundial da Espanha e, pela primeira vez, na história do jornalismo esportivo brasileiro enviava uma grande estrutura com 150 profissionais, estúdios próprios em Madri e equipamentos para suprir qualquer necessidade (RIBEIRO, A., 2007). Os resultados não poderiam ser melhores. Contudo, no país a situação da emissora era diferente. A Bandeirantes que possuía direito a jogos exclusivos do Campeonato Brasileiro até 1993. Dessa maneira, a disputa seguia acirrada entre as duas emissoras. A partir de então, as inovações eram cruciais para atração da audiência. A TV Globo instalou câmeras dentro do gol, dando um novo ângulo, inusitado, ao telespectador. Em contra-ataque, a Bandeirantes empregou quatorze câmeras na transmissão da final do Campeonato Paulista de 93.

Na Copa do Mundo do ano seguinte, a TV Globo colocou quatro câmeras exclusivas, usou o *superslow* [imagem com velocidade reduzida] e *touch screen* para congelar imagem e analisar, baseado no quadro com esquema tático criado por Rui Porto, em 70. Após o sucesso deste Mundial, tanto dentro quanto fora de campo, a imprensa esportiva voltou a deslanchar no Brasil, principalmente na televisão. Grandes emissoras passaram a transmitir jogos de campeonatos estaduais e nacionais, aumentando a rivalidade, apesar da manutenção, e, depois da Copa, confirmação da hegemonia da TV Globo.

Os torcedores da poltrona acostumaram-se com objetos estranhos colocados ao redor do gramado dos estádios. Trilhos nas laterais, guias que subiam e desciam em movimentos similares ao de uma gangorra passaram a ser comuns nas transmissões. Quem quisesse entrar na disputa pela audiência da televisão teria de ter dinheiro para tudo isso e muito mais (RIBEIRO, A., 2007, p. 278).

Apesar do avanço tecnológico se comparada às outras emissoras, o poderio da TV Globo ficou mais evidente a partir de Copa de 1998, ao pagar 220 milhões de dólares para transmitir os jogos com exclusividade, enquanto as concorrentes realizavam debates. Nesta época, o ex-jogador passou a participar de forma mais ativa de transmissões, como comentarista, e nas mesas redondas principalmente como forma de atrativo.

A televisão que trouxe aspectos mercadológicos ao futebol. Os números seguiram aumentando ao longo dos anos, tanto para exclusividade de campeonatos estaduais, nacionais e internacionais, quanto para o Mundial. Dessa forma, o marketing esportivo, surgido na virada do século XX ganhou força objetivando o aumento de lucros para as

empresas, assim como as rádios fizeram, principalmente, através de seus narradores. Cada espaço da transmissão televisiva gerava benefícios, através da associação da imagem da marca, seja pelo comercial ou pelo foguete durante a partida ou o espaço no campo com *banners*, criando um produto comercial que passou a obedecer à lógica do mercado, buscando atingir e prender o público de forma mais ampla e duradoura possível (BOURDIEU, 1997).

A grande virada veio quando a Globo passou a enxergar o futebol como algo rentável, culminando com a criação de sua própria empresa para administrar eventos [...] A base lucrativa já estava montada, com direito a merchandising nos estádios, arenas e praças desportivas, compra e venda de transmissão, e até a subvenção dos clubes de futebol por meio de altíssimos contratos. A publicidade e as placas agora poderiam ser estáticas ou virtuais. O importante é que a Globo assumia o controle dos eventos e transmissões (SCHINNER *apud* GUERRA, 2012, p. 103).

Isso porque a TV Globo, no princípio, relutou em incluir na grade as transmissões esportivas, pela expressiva audiência das novelas e noticiários. Em 1965, o jornalista Teixeira Heizer, primeiro contratado da TV Globo e chefe de esportes, decidiu convencer a direção, mesmo sem recurso para grandes gastos. A maior dificuldade da emissora, na época, era a ausência de um caminhão de externa. A opção era ter, apenas, programas esportivos: *Em cima do lance* e *Por dentro da jogada*. O plano para a primeira transmissão, em 1965, era inovador. Teixeira (ANEXO I, p. 68)¹² contratou dez motociclistas para levarem as latas de filmes do Maracanã para a sede da TV Globo durante a partida. Para a filmagem, dois cinegrafistas usavam máquinas de cinema, com qualidade melhor do que as transmissões das concorrentes. Na narração, o próprio profissional chefe do departamento esteve à frente. Para as reportagens de campo, o locutor de rádio, Garotinho, que fazia reportagem de campo para a Rádio Globo naquele jogo, carregou uma máquina pendurada ao pescoço por uma canga para entrevistar os jogadores antes, durante o intervalo e depois da bola rolar (ARAÚJO, ANEXO II, p. 75)¹³.

Cada lata de filme que era feita, eu passava para um dos motociclistas e ele voava para o filme ser revelado, copiado e montado. Pela norma estabelecida, o horário de exibição era até às oito horas da noite [...] Eu tinha um problema que eram os últimos dez minutos de jogo, que coincidiam com a saída do público do Maracanã [...] Tudo foi feito,

¹² Entrevista concedida à autora

¹³ Entrevista concedida à autora

muito melhor do que a televisão, porque máquinas de filmar são muito mais fáceis de mover. Mas a última lata era muito difícil e também a minha locomoção para colocar voz nos filmes [...] Foi a sensação do Rio de Janeiro e chamada a primeira transmissão externa da TV Globo (HEIZER, ANEXO I, p. 68)¹⁴.

A partir de, então, se abriu o caminho da líder de audiência da televisão aberta e fechada. Como para as suas concorrentes, que precisaram ir atrás, pois começou a verdadeira evolução e preocupação com os equipamentos televisivos, levando para aquela primeira transmissão, em 70, pela TV Tupi e cobertura de Copa do Mundo.

3.1 – TV por assinatura

Se a TV Globo se destaca nos canais abertos, a história não é diferente nos canais fechados, já que as Organizações Globo são pioneiras no Brasil, principalmente no setor esportivo. As primeiras televisões pagas surgiram, ainda na década de 40, nos Estados Unidos, quando comunidades estavam com dificuldade de receber o sinal dos canais abertos. Na época, no Brasil, ainda se estava no começo do processo do surgimento da televisão. Vinte décadas depois, a história se repetia. Na região serrana do Rio de Janeiro, o sinal era deficiente. Com antenas instaladas no alto da serra, os sinais eram retransmitidos e os usuários das cidades de Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo passaram a pagar uma taxa mensal pelo serviço.

Na década de 80, no Brasil, surgiram as primeiras transmissões dos canais por assinatura, com notícias vinte e quatro horas por dia na CNN e videoclipes na MTV. Mas, somente a partir de 1991, grandes grupos brasileiros investiram no setor. A Globosat, das Organizações Globo, foi a primeira programadora e tinha quatro canais: GNT, Top Sports, Multishow e Telecine. Mais a frente, o Grupo Abril fundou a TVA.

O primeiro canal vinte e quatro horas de esporte surgiu em 92: SporTV, da Globosat. No ano seguinte, surge a primeira concorrente: TVA Esportes. A batalha pela audiência e transmissões dos principais campeonatos foi intensa entre os dois grupos. A TVA se aliou ao Clube dos 13, entidade que reunia os maiores clubes de futebol do país, e garantiu contrato de transmissão exclusiva do Campeonato Brasileiro por três anos, enquanto a Globosat firmou parceria com a Confederação Brasileira de Futebol [CBF], entidade organizadora das competições no Brasil. Ao final do contrato de três anos, a TVA ficou proibida de entrar nos estádios brasileiros.

¹⁴ Entrevista concedida à autora

Em 1995, a TVA desistiu de depender do material exclusivo da Globosat, mais especificamente do SporTV, e decidiu encerrar as atividades e investir na criação da ESPN Brasil. Se na década de 40, a discussão era em torno de rádio com programação exclusiva, agora, a novidade era TV dedicada ao esporte, mas paga, como acontece até hoje, uma vez que, no país, há apenas um canal aberto com grade exclusivamente esportiva, o Esporte Interativo, que por questões políticas e econômicas de mercado não consegue contrato com grandes operadoras.

O alto custo da mensalidade e o baixo alcance sempre fizeram com que a TV paga fosse considerada um privilégio. Em 1994 existiam, apenas, 400 mil domicílios assinantes¹⁵. Esse número passou a crescer e em 2001 eram registrados 3,5 milhões. Um crescimento de 750% em seis anos¹⁶. Atualmente¹⁷, o crescimento por ano atinge 12,24 % e são usados por cerca de 56,3 milhões de brasileiros.¹⁸ Sendo atendidos 5.565 municípios e a disponibilidade de 220 canais.¹⁹

Esse crescimento, em menos de vinte anos impressiona, mas isso se dá, principalmente pelo marketing e pelos canais de programações exclusivas. A maior parte desses canais pagos tem a grade dedicada a um assunto específico, como esporte, filmes, séries, desenho, culinária, arte, educação, noticiário. Dessa forma, a publicidade específica fica mais fácil atingindo o público certo.

No caso do esporte, atualmente, existem vinte e um²⁰ canais fechados, dependendo da operadora: SporTV, com três; ESPN, com três; FoxSports, com dois; BandSports; Sports+; Premiere FC, com até oito canais *pay-per-view* [por evento] ou pacote; Combate, de lutas e artes marciais, canal *pay-per-view* [por evento] ou pacote; e *Off*, de esportes radicais, e *Woohoo*, de esportes radicais, além de música e comportamento²¹. Mostrando a evolução do setor na televisão. Na TV aberta são seis canais de programação esportiva, que variam entre vinte e cinco e nenhuma hora fixa na grade, e, apenas, um canal vinte e quatro horas diárias: Esporte Interativo, 24 horas por dia; Bandeirantes, com 25 horas semanais;

¹⁵ Disponível em: <http://canaisglobosat.globo.com/index.php/tv_por_assinatura/historia>. Último acesso em: 05 de maio de 2014

¹⁶ Ibidem

¹⁷ Dados de Novembro de 2013

¹⁸ Disponível em: <<http://tecnoblog.net/148835/numeros-tv-por-assinatura-brasileira-novembro-2013/>>. Último acesso em: 05 de maio de 2014

¹⁹ Disponível em: <http://www.abta.org.br/dados_do_setor.asp>. Último acesso em: 05 de maio de 2014

²⁰ O canal PREMIERE não é vinte e quatro horas. Os oito canais funcionam durante os eventos ao vivo de futebol.

²¹ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/a-invasao-do-esporte-na-telinha>>. Último acesso em: 05 de maio de 2014

Globo, 16 horas semanais; RedeTV!, 15 horas semanais; Record, 2 horas semanais; SBT, sem programação esportiva fixa ²².

O Brasil é o país da América do Sul com maior quantidade de canais esportivos disponíveis. Contudo, nenhuma operadora tem todas as ofertas de canais. Essa é a maior concorrência do rádio, tendo em vista que esses canais compram os direitos de transmissão de eventos e passam todas as modalidades, principalmente o futebol. Nos canais abertos são 76 horas de esporte por semana, entre eventos ao vivo e programas, enquanto na TV paga, a programação passa de 410 horas, sem contar com as transmissões eventuais, fora da grade ²³.

A televisão aberta ainda tem uma grade restrita ao horário e ao público-alvo. Os canais fechados dedicam mais tempo, com programas diários e transmissões, podendo funcionar como o rádio, com aberturas maiores antes das partidas, programas após o final do jogo com debates entre comentaristas e, em alguns casos, vestiário dos times. Sem contar que há espaço a qualquer momento para atualização de informação. Por outro lado, a TV fechada ainda é de alto custo no país para algumas classes da sociedade. Esse trabalho visou à comparação de audiência entre rádio e televisão deve ser feita nos canais abertos, considerando que o acesso está mais próximo.

3.2 – A transmissão futebolística televisiva

A partir desses dados é possível observar que são necessárias duas análises do futebol na TV, em razão do nicho, público-alvo e pela audiência. No início, como se pôde constatar, a TV aberta considerava que o esporte não tinha espaço por causa do grande retorno obtido com as novelas e os noticiários. A partir do momento que começa a transmitir, o objetivo passa a ser o de agradar os dois lados: aqueles que esperam o futebol e aos que são fiéis à grade do entretenimento e do jornalismo. Por isso, a abertura do jogo acontece em cima da hora, entre cinco a quinze minutos antes do início da partida. Antes da bola rolar, a escalação é passada e, quando possível, uma entrevista rápida, de cada time, apresentando o repórter de campo nesse momento, e a introdução do comentarista.

Na TV por assinatura, o pré-jogo é maior quando se trata de grandes eventos, com cobertura do local. Nesse caso, o pré-jogo dura, cerca, de trinta minutos. Se os

²² Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/a-programacao-de-esporte-na-tv-aberta>>. Último acesso em: 05 de maio de 2014

²³ Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/a-invasao-do-esporte-na-telinha>>. Último acesso em: 05 de maio de 2014

profissionais ficam no estúdio, ou seja, para campeonatos internacionais as organizações não costumam enviar os narradores e repórteres e a abertura começa entre cinco a quinze minutos antes do início do jogo. A diferença se dá quando a TV fechada está no local do evento, caso contrário, segue um roteiro parecido com dos canais abertos.

A TV a cabo: SporTV, FoxSports, ESPN, elas fazem nos grandes eventos, o antes e o depois que o rádio antigamente fazia [...] Antigamente, o rádio tinha acesso ao vestiário, coisa que não acontece. Na área restrita, somente as TV's que têm os direitos adquiridos. Isso dá uma velocidade na informação e uma riqueza que o rádio dava anteriormente (ARAÚJO, ANEXO II, p. 74)²⁴.

No primeiro caso, o roteiro é, basicamente, o mesmo que o da TV aberta. A segunda transmissão oferecida pela TV por assinatura, conta com a maior participação do narrador, que traz os acontecimentos do dia, por exemplo, resultado de outras partidas e jogos que estão em andamento, como seria no rádio, a função exercida pelo plantonista. O espaço ao comentarista, ainda antes da bola rolar é maior. Ele participa diversas vezes para comentar a expectativa com a partida, presença de público, qualificação das equipes e sobre o campeonato em si. Sem contar, que o comentarista está inteirado de outros eventos e pode comentar diversas partidas simultaneamente. O repórter de campo também participa mais, tendo espaço para entrevistar o público, se necessário; passar informações sobre a equipe e entrevistas com jogadores ou técnico antes do início do jogo.

No transcorrer da partida, a transmissão da TV aberta e fechada é muito semelhante. A diferença maior está no envolvimento do telespectador. Na primeira, o narrador convida o torcedor a participar e, normalmente, quadros são criados para enviarem vídeos ou perguntas para os comentaristas. Essa é uma forma de atrair mais o público, mesmo aquele telespectador que não é muito ligado a esporte, mas está acompanhando porque faz parte da audiência certa do canal pela grade como um todo. A TV fechada divulga canais de interatividade, principalmente a internet, mas não costuma criar um laço com o público durante a transmissão da partida, somente durante os programas.

O modelo de narração na televisão é discutido desde as primeiras transmissões, uma vez que os narradores vieram do rádio e trouxeram a emoção e a vibração que era empregada no veículo. Isso porque neste meio é necessário se criar aquele imaginário para

²⁴ Entrevista concedida à autora

o ouvinte que não está acompanhando a jogada com os olhos, apenas com a voz dos radialistas. No primeiro tempo da transmissão televisiva, o narrador não precisa descrever cada lance, por ter o apoio da imagem, como fala o narrador da TV Globo Luís Roberto, “é uma dobradinha da narração com a imagem” (MÚCIO, ANEXO V, p. 95)²⁵. Ainda não há um modelo ideal. Alguns locutores fazem comentários enquanto narram os jogos, outros dizem os nomes dos jogadores, há ainda os que preferem antever a jogada e os que passam a palavra para o comentarista analisar.

Como no rádio você tem que detalhar aquilo que está acontecendo, você então cria um nível de entusiasmo que, na televisão, se você fizer com a sua voz o que você faz no rádio, você fica *over*, passa do ponto. O que eu acredito é que na televisão a voz complementa a imagem (MAURO, ANEXO IV, p. 92)²⁶.

O repórter é acionado para dar informações complementares, que não estão sendo visualizadas. Algo que ele tenha acesso por estar próximo ao lance e ao campo. Entretanto, é necessário tentar registrar essa imagem para quando o repórter tiver que dar a sua participação, complementar com a situação, no caso de briga de torcida, reação do técnico ou situações com o banco de reservas.

O comentarista participa em alguns momentos, como no rádio. E, neste quesito, há uma nova diferença entre a televisão aberta e paga. Normalmente, a TV aberta tem também o comentarista de arbitragem e cabe a ele participar, por exemplo, em lances, como cartão mostrado, falta ou pênalti. A TV fechada deixa essa função para o único comentarista, que fala sobre os lances, as jogadas, os gols, os jogadores e a arbitragem, de forma mais parecida com o rádio, apesar de no início o comentarista de arbitragem ter surgido nas transmissões radiofônicas.

Gols em outros jogos importantes em andamento são informados através de uma imagem na tela apresentando o placar, que é comentado e melhor detalhado pelo narrador. Em um momento que a bola esteja parada ou fora de perigo de gol, o narrador chama a imagem do lance da outra partida e descreve, complementando com mais detalhes de lances da outra partida: quem marcou e, em alguns casos, até a pontuação no campeonato com a classificação. E, assim como no rádio, os foguetes [pequenos anúncios durante os

²⁵ Entrevista concedida à autora

²⁶ Entrevista concedida à autora

noventa minutos de jogo] são acionados durante a partida, quando não há perigo de gol, mas não são lidos pelo narrador. Entra um selo com a marca da publicidade e o áudio.

No intervalo, como durante toda a transmissão, ao contrário do que se dá no rádio, o locutor está no comando. Na saída de campo, os repórteres entrevistam jogadores. Inclusive, em alguns estados do Brasil, como no Rio de Janeiro, a televisão, para ter uma imagem limpa, sem muitos microfones poluindo, tem o direito de pegar o atleta em separado, como uma pequena exclusiva. O narrador chama o comentarista para avaliar a análise do jogador e fazer a sua própria, projetando o segundo tempo. Nesse período, os melhores momentos do primeiro tempo são exibidos com comentários em um bate-papo do narrador e do comentarista. Os gols dos outros jogos em andamento também costumam ser transmitidos no intervalo, podendo ser descritos pelo narrador ou por um apresentador, como o caso do Léo Batista na TV Globo ou narrador *stand-by*, como no SporTV. Esse roteiro de intervalo de jogo é intercalado por dois comerciais. Lances de outros esportes podem aparecer nesse intervalo, principalmente na TV fechada, que tem transmissão na grade de outras modalidades.

Antes do retorno para a segunda etapa, o repórter de campo ainda tenta novas entrevistas para saber a conversa entre técnico e jogadores no vestiário e ainda confirma alterações nas equipes. O transcorrer do segundo tempo é como no primeiro. Ao final, voltam às diferenças entre TV aberta e por assinatura, quando no local do evento. Na aberta, o repórter de campo faz as entrevistas, normalmente, com, no máximo, um representante de cada time e o narrador encerra a transmissão, chamando a programação da sequência.

Nos canais fechados, ainda há uma última análise do comentarista ao final. Sem contar que, na maioria das vezes, as transmissões ao vivo de partidas emendam em programas de mesa redonda. O narrador passa o comando para apresentador do programa seguinte e ainda é acionado durante o debate junto do comentarista, ainda direto do local. Nesse momento, há espaço para a coletiva de imprensa dos técnicos, mas não na íntegra, como acontece no rádio e não é considerada a transmissão do evento, por ser em um programa, com outro nome, com outros profissionais na bancada que comentam todos os jogos da rodada. Há um espaço maior para o pós-jogo, assim como para o pré.

Além da transmissão ao vivo, o jogo ainda gera matérias. Essas, sobre a partida para ser rodadas na programação, ficam a cargo do repórter de campo ou, às vezes, até de outro profissional que não participou da transmissão ao vivo para se dedicar a um olhar

diferente do jogo e passar uma novidade para o telespectador. A matéria costuma rodar de noite ou no dia seguinte.

4 – ESTUDOS DE CASO

Como analisado, a popularização do futebol se deu, principalmente, pelo rádio, tendo em vista a época dos acontecimentos. Contudo, a televisão e a mídia impressa também exercem função importante na adoração do esporte pelo brasileiro. “A transmissão esportiva no Brasil constitui um gênero à parte. Uma espécie de ópera sonora, muitas vezes

superior ao espetáculo que supostamente procura descrever.” (SAROLDI *apud* ABREU, 2000, p.1). A partir dessa constatação, essa pesquisa se preocupou em avaliar todos os detalhes da transmissão, seja televisiva ou radiofônica. A forma como se cria um lugar único para o acompanhamento do espetáculo depende de uma harmonia perfeita entre profissionais, sonoplastia, imagem e torcida.

É válida a discussão sobre a forma ideal de narração tanto para o rádio quanto para a TV. Nos anos 30, Nicolau Tuma seguiu o modelo de “metralhadora”, como ficou bastante conhecido, mas na televisão o ajuste não foi imediato e ainda hoje há quem diga que não existe um formato ideal. Para o narrador de TV Luís Roberto (ANEXO V, p. 96)²⁷, depende do carisma do jornalista, a forma de passar as informações, a intensidade da emoção de forma adequada aos fatos, respeitando as imagens. O narrador de rádio José Carlos Araújo (ANEXO II, p. 77)²⁸ acredita que como a imagem é fria, o narrador não precisa descrever o que já está sendo mostrado. O fato é que o rádio, por precisar criar o imaginário do ouvinte, valoriza a narração e precisa se atentar a cada detalhe. Depois do surgimento da televisão, a transmissão radiofônica foi obrigada a se tornar mais atrativa e emocionante, sem os exageros, que agora são percebidos pela imagem.

Entretanto, a análise da transmissão, ao vivo, de futebol vai além da narrativa empregada pelos profissionais. Segundo Edileuza Soares (1994) foi para aumentar a emoção que as emissoras acrescentaram ruídos musicais ou não à voz dos locutores. As mudanças e a preocupação não ficaram, apenas, na narrativa. O torcedor quer acompanhar o máximo de informações do seu time, antes da partida para saber a formação tática, como foi a semana de preparação e se a equipe está focada para o jogo. Com a bola rolando, quer todos os detalhes do estádio que ele não acompanha, nem pela imagem e nem pelo som. Depois da partida, o torcedor busca uma análise, de profissionais e do próprio time: técnico e jogadores. Até porque, quando um jogo de futebol acaba, o pensamento está na sequência, afinal, esse esporte é como na vida, se há derrotas, tem sempre a próxima partida e é preciso estar de cabeça erguida para encarar, assim como se há vitórias, não se pode deixar levar porque ainda tem muito por vir. Dessa forma, a narração não é o único ponto a ser avaliado na transmissão da mídia.

Esse trabalho de conclusão de curso não tem como objetivo julgar ou apontar diferenças importantes entre a transmissão esportiva de cada meio de comunicação, mas

²⁷ Entrevista concedida à autora

²⁸ Entrevista concedida à autora

analisar o caminho escolhido e o espaço destinado ao jogo de futebol, o espetáculo ao vivo. A programação pode ser extensa durante a semana, mas o crucial para o torcedor são os noventa minutos de bola rolando, a expectativa e análise, e como a televisão e o rádio trabalham com a emoção do torcedor antes, durante e depois do jogo em si.

Para analisar comparativamente, foram escolhidos um jogo e duas transmissões, rádio e TV, e um vídeo de uma sátira do humorista Marcelo Adnet. Dessa maneira, é possível avaliar cada tópico da transmissão ao vivo, mencionadas neste trabalho, podendo exemplificar. A análise será feita em cima dos personagens: narradores, repórteres e comentaristas. O que é exemplificado e analisado no jogo é comparado a imitação humorizada de Marcelo Adnet.

A partida escolhida foi o clássico do futebol carioca, que aconteceu em 16 de fevereiro de 2014, Vasco e Flamengo, pela oitava rodada da primeira fase do Campeonato Carioca de 2014. Além da importância do jogo, que tem as duas maiores torcidas do Estado e a grande rivalidade entre as duas equipes, o jogo foi polêmico, por causa de um gol mal anulado pela arbitragem da partida, tornando possível avaliar como rádio e TV atuaram em cima do caso, no momento do lance e posteriormente. Os veículos para análise escolhidos foram a TV Globo e a Rádio Transamérica FM. A primeira por ser a televisão aberta com maior audiência no país. A Rádio Transamérica foi escolhida por ter como primeiro narrador o conhecido José Carlos Araújo, Garotinho, que participou da cobertura de dez Mundiais de futebol, completou cinquenta anos trabalhando em rádio no dia 1º de abril de 2014 e passou por grandes emissoras, como Rádio Globo e Super Rádio Tupi. Apesar do espaço maior dado ao futebol em canais vinte e quatro horas de esportes, esses são canais em TV por assinatura. Rádio é acessível ao público de baixa e alta renda. Canais a cabo, no Brasil, ainda são uma realidade de um público com poder aquisitivo de mediano para alto. A abrangência do rádio é local, a transmissão é feita para o Estado, nesse caso o Rio de Janeiro, como a TV Aberta, que em campeonatos estaduais faz uma transmissão para cada região, enquanto a TV fechada é em escala nacional.

Outro objeto analisado, o vídeo, mostra Marcelo Adnet, humorista, na festa de encerramento do Campeonato Brasileiro, maior campeonato nacional, em 2010. Adnet faz uma sátira das diferenças das transmissões do futebol no rádio e na TV, simulando a narração de alguns lances de uma partida nos dois meios. Na plateia estão jogadores, ex-jogadores, dirigentes e imprensa, que aplaudiram e riram das imitações do comediante, como forma de concordância com o espetáculo de humor. A análise desse vídeo foi

selecionada para o trabalho de conclusão de curso, pois Marcelo Adnet destaca diferentes pontos da transmissão. O foco principal é a narração, mas durante a imitação ele acrescenta outros detalhes importantes das transmissões, que muitas vezes não são observados em outras análises, como reportagem de campo, comentários e foguetes.

4.1 – Abertura/pré-jogo

O rádio tem uma programação esportiva intensa antes das transmissões. O foco, normalmente, é o jogo que vem na sequência. Os repórteres participam do pré-jogo falando sobre a preparação das equipes, os desfalques, a situação do time no campeonato e passam a escalação do jogo para o ouvinte, assim que divulgada pelos treinadores, quarenta minutos antes do início. Em dia de semana, a abertura da jornada costuma acontecer entre uma e duas horas antes. Nos finais de semana, principalmente no domingo, o espaço destinado ao futebol começa, em algumas emissoras, pela manhã, com mesas de debates e “aquecimento”.

Na televisão, o início da transmissão acontece entre quinze e cinco minutos antes do apito inicial, tornando a participação é mais resumida. O narrador é quem abre a transmissão da cabine, direto do estádio, passando ao telespectador que todos os profissionais da emissora estão no local e vão acompanhar a partida de perto. Na transmissão *offtube*, do estúdio e não do local do evento, os profissionais aparecem e assumem que não estão lá, principalmente nos canais abertos. Ao contrário do rádio que, muitas vezes, diz estar lá, mesmo fazendo *offtube* pela imagem da TV.

Na transmissão televisiva, os repórteres entram com informações curtas e, no máximo, tem uma entrevista no pré-jogo. O comentarista, quando consegue um espaço antes da bola rolar, é bem objetivo e fala das condições de cada equipe para o jogo. Apenas na TV por assinatura, o pré-jogo é maior, tendo, em média, trinta minutos e uma participação maior de cada profissional e, até, matérias específicas.

Nessa partida entre Vasco e Flamengo, a Transamérica teve abertura de uma hora, com apresentação do repórter Gilson Ricardo; comentários de Gérson, ex-jogador de futebol; reportagem de Bruno Azevedo, Bruno Cantarelli, Lucas Machado e Raphael Saladich; plantão esportivo de Rodrigo Gomes; e interatividade de Maurício Filardi. Por ser uma rádio jovem, a abertura da jornada não é muito grande e em diversos momentos entram músicas, além das vinhetas, a maioria em ritmo de *funk*, visando atrair o público, não apenas os fãs e seguidores do locutor Garotinho e sua equipe. A linguagem do rádio é

informal, para manter proximidade com o ouvinte, o que fica bastante claro na transmissão esportiva, principalmente antes e depois do jogo. O clima é de conversa e descontração, um bate-papo, com vinhetas descontraídas, que visa envolver o torcedor. Entretanto, alguns profissionais do meio exageram e perdem o foco, com piadas internas, que afastam o ouvinte, que fica sem entender.

Na TV Globo, o pré-jogo foi de dez minutos com a apresentação do próprio narrador, Luís Roberto, que anuncia a partida do dia e lembra a modificação na fórmula do Estadual de 2014, ressaltando a importância do jogo. Na televisão, o locutor sempre está no comando da transmissão.

O protagonista da transmissão é o narrador [...] Eu posso chegar atrasado, o Arnaldo [César Coelho] pode chegar atrasado, mas o narrador não pode. Se ele chegar atrasado não tem transmissão, na TV. Antigamente, no rádio era assim. Hoje, o narrador só entra de cinco a dez minutos antes. Eu acho que é legal isso também, porque durante a transmissão o narrador é o protagonista e não é fácil (GAMA JÚNIOR, ANEXO III, p. 88 - 89).²⁹

Nessa transmissão, específica, por se tratar do primeiro clássico entre Vasco e Flamengo no novo Maracanã, após a reforma para a Copa de 2014, a TV Globo passou trechos da matéria especial do *Esporte Espetacular*, programa de domingo do canal, com os dois grandes ídolos de cada clube: Roberto Dinamite e Zico.

Os repórteres de rádio quando acionados na abertura trazem sonoras, trechos de entrevistas de jogadores, que aconteceram durante a semana, proporcionando ao ouvinte informações de quem acompanha o dia-a-dia do clube na preparação para o jogo. Na televisão, esse recurso só acontece se tiver uma declaração polêmica durante a semana e, quando há tempo no pré-jogo, caso contrário, as entrevistas são feitas ao vivo, como no rádio também faz, só que com número maior de pessoas, pelo tempo disponível, como com diretores dos clubes, que, em alguns casos, ficam acessíveis antes dos jogadores entrarem no gramado.

A escalação em primeira mão no rádio fica clara na participação do repórter Bruno Cantarelli: “A escalação do Flamengo saindo neste momento aqui do forno, Gilsão. E eu já passo para o torcedor rubro-negro.”³⁰. O ouvinte sabe o time que vai a campo no mesmo

²⁹ Entrevista concedida à autora

³⁰ Jogo Rádio Transamérica Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

momento que o treinador divulga. Por outro lado, como o rádio tem uma extensa jornada de abertura, como é chamada, o apresentador, o repórter e o comentarista ficam durante um tempo especulando o time que vai a campo pela percepção do repórter que acompanhou os treinos da semana. Analisando uma partida que vai começar, trazendo informações e comentários sobre jogadores que poderão não atuar. No momento que é divulgada a escalação, passa a existir um foco. Na televisão, todos os profissionais entram no ar sabendo ao certo o time que vai atuar e, por isso, podem dispensar comentários e análises daqueles que estarão de fora da partida do dia.

Os repórteres de campo do rádio são setoristas do clube, cobrem o dia-a-dia dessas equipes. O contato e o conhecimento de pequenos detalhes são maiores. O repórter da televisão precisa se atualizar a cada transmissão ao vivo sobre a situação da equipe. Na narrativa de Bruno Azevedo é possível ver o conhecimento do repórter ao passar uma curiosidade, um detalhe:

Desse time que enfrenta o Flamengo hoje aqui, no Maracanã, apenas dois jogadores já têm essa experiência, dentro desse clássico. O atacante Edmilson e o meia Felipe Bastos. O restante do time ainda não teve um clássico desse porte: Vasco e Flamengo. Luan, por exemplo, criado na base do Vasco já esteve no clássico dos milhões [como a partida entre Flamengo e Vasco é conhecida], mas como jogador do time de juniores [time da categoria de base do clube]. Agora será a primeira vez como profissional.³¹

Na TV, o repórter recorre a estatísticas para acrescentar informações durante o jogo. Na abertura, o próprio narrador comenta algumas novidades, como contusões e estreia de algum jogador, como foi o caso do Douglas, na partida de Vasco e Flamengo.

Com tempo disponível até o início da partida, o apresentador de rádio chama os repórteres de outros clubes. Nesse caso especificamente, Raphael Saladich, que cobre o Botafogo, e Lucas Machado, com informações do Fluminense. O time alvinegro jogou na sequência contra o Duque de Caxias. O primeiro jogo a ser transmitido tem abertura maior e o segundo é colado com o final da primeira partida. Sendo assim, o pós-jogo do primeiro é junto do pré-jogo do segundo. O repórter da partida seguinte entra em diversos momentos, trazendo a preparação da equipe e, até mesmo, sonoras da semana. O repórter entra na transmissão quando a escalação é divulgada, mesmo que não esteja mais na

³¹ Jogo Rádio Transamérica Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

abertura, principalmente quando o jogo na sequência for importante e tiver relação com a partida anterior, como, por exemplo, do mesmo campeonato, até para chamar a audiência. A participação de Lucas Machado, com notícias do Fluminense, é uma forma de manter o torcedor atualizado, assim como os adversários que acompanham os outros clubes. Apesar de a partida ter acontecido no dia anterior, o repórter entra com informações sobre o time. Nem sempre o repórter participa ao vivo. Em muitas vezes, ele faz um boletim gravado que é utilizado, já que a participação é menor, uma vez que é um aquecimento para os jogos que estão por vir.

Em todos os casos, o comentarista participa das análises, mesmo que esteja escalado para comentar o jogo Vasco e Flamengo. Ao final da participação dos repórteres, ele conversa com o apresentador sobre as equipes, os resultados e a competição, se mostrando inteirado de todos os times. O espaço do comentarista é grande antes do início da partida. No momento em que o jogo está rolando, as observações devem ser feitas de forma sucinta para que o narrador não perca o lance. No caso da televisão, o comentarista pode se alongar um pouco mais, se não houver perigo de gol, por o telespectador ter o auxílio da imagem.

Na televisão não há reportagem sobre outras partidas, mas uma apresentação dos jogos da rodada, com a classificação das equipes. A imagem de apoio é uma arte, lida pelo narrador para o fácil acompanhamento do telespectador. Os gols dos times de maior investimento, chamados grandes, são mostrados, com narração do Léo Batista. No caso da transmissão analisada nesse trabalho, tiveram os lances de Fluminense e Boavista.

No caso da transmissão pela Transamérica, o narrador Garotinho assumiu o comando dezessete minutos antes do início da partida. A passagem é feita com vinheta e o locutor entra com bordão: “Cheguei”, seguido pela apresentação da equipe e do jogo que vai acontecer. No caso do Garotinho, ele parabeniza os aniversariantes do dia antes de falar dos outros jogos da rodada. Na sequência, chama a escalação que, desta vez, é anunciada com vinheta, informações adicionais, como número de vitórias, e no clima do jogo, ou seja, um ritmo mais acelerado e com mais emoção como costuma ser a transmissão radiofônica. Na partida em análise, Bruno Azevedo anunciou a escalação do Vasco da seguinte maneira: “Quatro vitórias e três empates! O Vasco ainda não perdeu neste Campeonato Carioca e é assim que pretende se manter após o final da oitava rodada. Para faturar os três pontos, diante do Flamengo, o técnico Adílson Batista tem a estreia de

Douglas”³² e passou a anunciar os jogadores titulares e reservas, com o número das camisas. Bruno Cantarelli, por sua vez, escala desta forma: “Peço licença a maior torcida do Planeta. O Mengão está em campo no clássico dos milhões, que volta ao Maracanã. Força máxima do técnico Jayme de Almeida com a escalação”³³, fazendo referência a torcida do Flamengo. A arbitragem também é divulgada pelos repórteres de campo.

Na televisão, a escalação é dada dois minutos antes do início da partida. O próprio narrador que passa para o telespectador, com o auxílio de uma arte mostrando o esquema tático das equipes. Assim como os árbitros. A câmera foca no trio de arbitragem e eles são creditados. Neste jogo, na TV Globo, o comentarista não foi acionado no pré-jogo.

Depois que o narrador assume no rádio, não tem mais comercial. Na televisão, como quem comanda a abertura é o locutor, ele mesmo quem chama comercial. Na TV Globo, por exemplo, nesta transmissão, apesar de menos de dez minutos de pré-jogo, Luís Roberto ainda precisou chamar um comercial.

Antes do início do jogo, o narrador pede a participação do comentarista para, de forma resumida, falar sobre a partida que vai se iniciar, privilegiando os destaques. Garotinho, especificamente, ainda divulga as formas de participação do ouvinte e dá detalhes sobre o local: público, gramado, arbitragem. A participação dos repórteres antes do jogo acontece, ainda, trazendo a entrada dos times ao campo e entrevistando uma ou duas figuras importantes dos times, privilegiando os treinadores, que justificam a escalação. Até mesmo na hora de devolver o comando ao narrador há uma passagem característica dos repórteres, na emoção do futebol radiofônico.

Eu devolvo para ele, que é a voz do clássico dos milhões! De volta a casa, de volta ao Maracanã. Ele que comanda a festa, galera! Aqui com o *DJ* e ele vai soltar o MC do Maraca. Alô *DJ*, solta a fera aí!”Solta a vinheta e Garotinho se prepara para narrar o primeiro tempo, falando sobre o minuto de silêncio, posicionando o ouvinte no campo e descrevendo quem vai sair com a bola.³⁴

Na entrada em campo, desta vez, a televisão saiu na frente. Além de mostrar a imagem dos jogadores do Vasco com a faixa contra o racismo, Luís Roberto ainda

³² Jogo Rádio Transamérica Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

³³ Jogo Rádio Transamérica Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

³⁴ Jogo Rádio Transamérica Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

ênfatiou o acontecimento. O fato não foi mencionado no pré-jogo da Rádio Transamérica. Nesta transmissão específica, Rafael Nadal, tenista espanhol, esteve presente no gramado do jogo para dar o pontapé inicial da partida. O fato foi registrado nas duas transmissões, inclusive com entrevista em campo. No caso do rádio, com a descrição tanto do narrador quanto dos repórteres de campo e na televisão, o locutor falava sobre o atleta e a câmera mostrava as ações, especialmente a mais importante: o pontapé inicial, que foi, apenas, citado por alto pelo repórter de campo no rádio. A única entrevista dessa transmissão antes do jogo da TV Globo foi com o tenista Rafael Nadal. O repórter Edson Viana participou mais uma vez para informar que o minuto de silêncio estava sendo em homenagem a um cinegrafista da TV Bandeirantes. A informação, na Rádio Transamérica, só foi dada quando a bola estava em jogo.

4.2- Intervalo

A forma como o intervalo é acompanhado na televisão e no rádio é diferente, e é devido principalmente pela fonte da informação. No instante em que acaba o primeiro tempo, o locutor do rádio chama os repórteres de campo que acompanham a saída dos jogadores. Na televisão, há a imagem da saída dos atletas e o repórter entrevista um ou dois deles antes de deixarem o gramado. Nesta partida, especificamente, teve muita reclamação dos jogadores do Vasco e o repórter Bruno Azevedo descreve a confusão no meio do campo, emitindo opinião.

A revolta dos jogadores do Vasco é, exatamente, por conta do gol invalidado injustamente. O gol que seria de Douglas na cobrança de falta. Os jogadores inconformados. Eu acho que a comissão técnica tem que dar um pulinho lá pra tirar esses jogadores antes que as coisas fiquem... Olha só! O Guñazu, Garotinho, tá pegando no braço do árbitro.³⁵

A descrição do cartão amarelo e da entrada da Polícia Militar [PM], no intervalo, também foi feita pelo repórter, abrindo discussão para o comentarista, que questiona a ausência dos dirigentes do Vasco. Com a demora na saída dos jogadores, o narrador volta a comentar sobre o primeiro tempo até a chamada do repórter para entrevistas. Neste momento, Rodrigo Gomes, plantonista, é acionado para atualizar o placar de outros jogos em andamento. Na sequência, os repórteres de campo seguem para as entrevistas.

³⁵ Jogo Rádio Transamérica Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

Na TV Globo, a imagem descreve a situação e o narrador, Luís Roberto, comenta em cima dela, ao invés de descrevê-la. O repórter quem chama o locutor quando tem um entrevistado, e neste caso, um de cada lado: Vasco e Flamengo. Eles fazem a pergunta e devolvem ao narrador sem comentários sobre a situação ou a resposta dos jogadores. Enquanto a entrevista acontece, as imagens da confusão seguem sendo exibidas ao telespectador. Antes dos policiais chegarem ao centro do campo, onde está o foco da câmera, o repórter Edson Viana³⁶ entra com a informação de forma sucinta: “Luís, a polícia tá entrando em campo”. Dessa maneira, a câmera captura todos os acontecimentos durante outros comentários ou ações, como entrevistas, são realizados e não se perde um momento. Para Júnior (ANEXO III, p. 83)³⁷, a imagem é muito forte, às vezes, não é preciso falar porque o telespectador está vendo, por isso, quando a câmera foca em alguma coisa, comenta sobre aquilo, mas tem a opção de deixar só a imagem e falar sobre outro assunto. Como, neste jogo Vasco x Flamengo, na hora em que um jogador abraçou e se desculpou com o bandeirinha do jogo. Na TV Globo, o acontecimento foi filmado e comentado, na Rádio Transamérica este fato não foi irradiado.

A informação do cartão amarelo recebido pelo jogador do Vasco recebeu foi passada com precisão pelo repórter da Rádio Transamérica. Na televisão o mesmo não aconteceu. A câmera filmou e, como foi durante uma confusão no centro do gramado, o repórter arriscou que o atleta recebeu cartão vermelho. O narrador prefere esperar a confirmação da punição, que chega logo na sequência na voz do repórter de campo que, ainda assim erra o jogador punido, e, no *replay*, que a televisão confirma a informação correta.

Antes de passar o comando para o apresentador, no rádio, o narrador chama o comercial para demarcar o início do debate do intervalo. Nesse período, o espaço é do comentarista. Os melhores momentos são lembrados na voz do especialista, que descreve os lances, posicionamento, erros e gols, que, normalmente, são reproduzidos. O comentarista destaca as declarações dos atletas na saída do gramado. Neste caso analisado, especificamente, sobre a arbitragem e a confusão na saída de campo. O próprio apresentador emite opiniões e participa do debate que, em algumas rádios e, dependendo da importância do jogo, conta com mais de um comentarista.

Na TV, o comando de toda a transmissão é do narrador. Antes de começar a analisar o jogo, ele chama o comercial, mantendo uma mesma linha de transmissão entre

³⁶ Jogo TV Globo Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

³⁷ Entrevista concedida à autora

rádio e televisão. O intervalo é ainda momento de debate na televisão e no caso da TV Globo leva o nome de *Show do Intervalo*, reforçando a ideia de espetáculo dada ao futebol. O locutor relembra os jogos da rodada, como no rádio é feito pelo plantonista. No caso da Rede Globo, Léo Batista exerce uma função parecida e narra os lances dos gols transmitidos. Isso acontece antes e no intervalo do jogo em andamento. Esse é o momento em que o regionalismo é deixado de lado nos dois meios de comunicação, pois todos os gols do Brasil, e em algumas vezes, até internacionais, são transmitidos.

Após o giro pelos resultados, os comentaristas entram em cena, já tendo passado metade de o intervalo. Na TV Globo, dois comentaristas participam, sendo um deles específico de arbitragem: um deles o ex-jogador Júnior analisa os melhores momentos do primeiro tempo, que são reproduzidos na tela. Por um lado, é positiva essa escolha, pois o comentarista poderia acabar esquecendo algum fato, como no rádio. Por outro, ele é obrigado a citar todos separados e pode achar que faltou algum específico que não vai poder escolher como destaque do jogo, pois na televisão é preciso falar daquilo que se está sendo visualizado. Depois, o segundo comentarista avalia a atuação o trio de arbitragem. Neste caso específico, Arnaldo Cezar Coelho teve grande participação e comentou os lances com *replays*, frisados e marcados, com lente de aumento e dados, como os centímetros que a bola entrou no gol, para tirar a dúvida dos telespectadores.

É interessante ressaltar que a televisão, atualmente, consegue ter acesso a audiência do momento e sabe quando os concorrentes, outros canais com a mesma transmissão, estão no comercial. Segundo o comentarista Júnior (ANEXO III, p. 84)³⁸, há um investimento maior de comentários e imagens naquele momento da transmissão, com uma dose maior de emoção e cuidado para prender o telespectador, que pode estar mudando de canal enquanto os concorrentes passam comerciais.

No retorno dos times ao gramado, os repórteres de rádio são acionados com informações dos times para o segundo tempo e entrevistas sobre a conversa no vestiário e expectativa para a sequência do jogo. O apresentador confirma se há alguma modificação nos times para a segunda etapa. Faltando cerca de um minuto para o início da segunda etapa, o comando é repassado para o narrador. Na televisão o repórter só participa na saída de campo. No retorno não há entrevistas e eles entram com a informação de possíveis substituições e conversa de vestiário com a bola rolando para o segundo tempo.

³⁸ Entrevista concedida à autora

É preciso analisar também a forma como cada meio de comunicação lida com os imprevistos. Nesta transmissão, na Rádio Transamérica, o gol reproduzido no intervalo estava errado. A solução encontrada pelo apresentador foi seguir lembrando, apenas, os melhores momentos e gols com o comentarista, sem o áudio. Assim como no momento em que o repórter foi acionado e não entrou, provavelmente por falha técnica. No caso da TV Globo, os comentaristas ainda conversavam sobre arbitragem quando o jogo recomeçou e o narrador teve que tomar as rédeas da transmissão, sem interromper a frase do comentarista, mas sem deixar o debate seguir adiante.

4.3 – Publicidade

Nas transmissões esportivas, a publicidade está inserida de diferentes formas. A mais comum é o comercial, que acontece ao longo de toda programação de rádio e televisão. No jogo analisado, por exemplo, ao longo do intervalo, tiveram dois comerciais na TV Globo e um na Rádio Transamérica. Esse é um dos motivos, por exemplo, para o comentarista de televisão não ter tanto espaço quanto no rádio. Os melhores momentos em imagem são resumidos em segundos, enquanto no rádio está na voz do comentarista e o tempo que ele pode levar para detalhar algum lance.

Outra forma de publicidade nos dois meios de comunicação durante as transmissões são os foguetes. Pequenas chamadas durante o jogo, que devem acontecer de forma curta e sem jogada de ataque. Para Edson Mauro (ANEXO IV, p. 93)³⁹, essa é uma preocupação de ambos na transmissão. No rádio, a inserção desta chamada é na voz do próprio locutor e na TV, entra o áudio gravado e é inserida na tela a arte da propaganda que está falada, como, se é da *Caixa*, entra a logo da *Caixa*. Para o narrador da TV Globo, Luís Roberto, a forma utilizada pela televisão é melhor, pois “assim o jornalista não é garoto propaganda.” (MÚCIO, ANEXO V, p. 96)⁴⁰. Por outro lado, o foguete na voz do narrador é a segurança ao ouvinte da garantia de qualidade do produto.

Eu tenho a obrigação, durante o jogo de, primeiro, vender aquele produto da melhor forma possível de acordo com aquele momento do jogo. Segundo, não fazer com que aquele produto que eu estou vendendo àquela hora, vá prejudicar o desenvolvimento de uma jogada que pode resultar em gol, porque se assim o fizer, eu estarei lançando uma propaganda negativa para aquele produto junto ao meu cliente, que é o

³⁹ Entrevista concedida à autora

⁴⁰ Entrevista concedida à autora

meu ouvinte e que poderia ser cliente em potencial daquele produto. (ARAÚJO, ANEXO II, p. 80) ⁴¹.

No clássico Vasco x Flamengo analisado teve um foguete a mais no rádio em cada tempo. Na Transamérica foram sete chamados pelo narrador. Esta emissora, como algumas outras, coloca os repórteres de campo para ao final de algumas participações durante o jogo, falar algumas propagandas, na voz deles. Neste jogo foram três em cada tempo, divididos entre os dois pontas. Na TV Globo foram seis, todos chamados pelo narrador, mas teve um erro no primeiro tempo na televisão. Durante um foguete, sem áudio do narrador, foi mostrado o *replay* do gol do Flamengo, com a lupa, uma técnica para provar que a bola, de fato, entrou. Entretanto, só pode acontecer quando o narrador pode comentar a situação. Ao final da publicidade, Luís Roberto comentou o lance, mas o *replay* ficou por pouco tempo, já que ele estava sendo exibido ao telespectador anteriormente.

Na apresentação do comediante Marcelo Adnet, analisada para complementação destas análises, foi possível destacar a sátira do comediante com os momentos de inserção dos foguetes nas transmissões. No rádio, Adnet narra um foguete a cada momento de bola parada, seja pelo locutor, repórter de campo ou plantonista. Na televisão, o humorista imita o foguete na hora que o jogador perde um gol, o que é costumeiro nas transmissões televisivas, pela tecnologia do *replay*, ao contrário das radiofônicas, que são mais raras pela necessidade da participação do ponta para ilustrar a jogada.

A terceira forma de publicidade é mais uma maneira de divulgação do próprio veículo, através da interatividade. Os profissionais de comunicação convidam os torcedores a participarem da transmissão. Na TV Globo, por exemplo, é, apenas, via internet e específica. Os telespectadores devem avaliar os jogadores, dando notas, e não há espaço para comentários. A participação do telespectador já está pautada. No primeiro tempo, Luís Roberto divulga duas vezes e na segunda etapa entra com o resultado da votação, que é comentado por Júnior. Em algumas transmissões, os telespectadores são convidados a enviarem vídeos de incentivo ao time. O rádio explora mais a interação com o ouvinte, por isso convida mais vezes e de diferentes formas a participação. José Carlos Araújo passou os canais de contato cinco vezes em cada tempo de jogo, pedindo comentários, nota para jogadores e perguntas. No rádio há um profissional, normalmente que participa da produção da transmissão, responsável pelo contato com os ouvintes e que

⁴¹ Entrevista concedida à autora

entra no ar com vinheta para o narrador saber que tem mensagem. O comentarista responde indagações de ouvintes, quando pertinentes.

Eu tenho a participação permanente de ouvintes e estou interagindo com eles [...] Porque o futebol hoje é um produto, como é um produto, eu não tenho que ler texto, eu tenho que vender esse produto, então esse desafio que eu tenho nas transmissões, me obriga a focar exatamente além da transmissão no meu cliente, àquele que está me prestigiando, àquele que está me apoiando (ARAÚJO, ANEXO II, p. 78)⁴².

Outra forma de relacionamento no rádio passa a sensação de interatividade, mas, ao mesmo tempo, tem o seu lado comercial e de política da boa vizinhança. Ao longo da narração, o locutor cita nome de pessoas que torcem pelos times que estão atuando em campo, como: “Gente que se liga na gente, Samuel Monteiro, torcendo pelo Flamengo na presidência da Bradesco Imobiliário”⁴³, muitas vezes são patrocinadores do rádio ou do próprio narrador e são lembrados durante a transmissão, além de amigos, principalmente famosos, como Sandro Gama, repórter da TV Bandeirantes, e Bruno Mazzeo, ator.

Para finalizar, uma maneira diferente de publicidade são as campanhas, como a torcida da vida, de doação de sangue aos torcedores de futebol; segurança nos estádios; exploração sexual infantil. O narrador do rádio e, em alguns casos, da TV, lê um texto previamente preparado para divulgação da ação.

4.4 – Encerramento/pós-jogo

Após o apito final, o roteiro do encerramento se dá como no início do intervalo, principalmente no rádio. A saída de cena do narrador acontece após as entrevistas de campo e a atualização dos resultados e classificações pelo plantonista. No rádio, os repórteres fazem um revezamento nas entrevistas e tentam pegar o maior número de declarações possíveis, por ter tempo disponível. Na televisão, um jogador, apenas, para cada lado, tem espaço de analisar o jogo em entrevista ao repórter. Antes de devolver para o narrador, depois das entrevistas, os repórteres de campo, na transmissão radiofônica, fazem um pequeno resumo das informações em destaque da partida, como erro de arbitragem, estreia de jogador e, até, planejamento para a próxima rodada. Na TV, a participação do repórter fica limitada, mais uma vez, às entrevistas, sem comentários.

⁴² Entrevista concedida à autora

⁴³ Jogo Rádio Transamérica Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

Como a participação é curta, o profissional busca o nome do jogo e, muitas vezes, precisa aguardar a saída desse atleta, como foi o caso analisado. Gabriel, do Flamengo, que marcou gol no final, voltou ao centro do campo para agradecer a torcida e o repórter André Galindo ficou aguardando-o para a entrevista.

Neste Vasco x Flamengo, Luís Roberto, antes de chamar as entrevistas do pós-jogo, pede ao Arnaldo Cezar Coelho, comentarista de arbitragem, uma nota para o árbitro. Algo fora do padrão, mas que ocorre pelo excesso de erros e polêmicas na partida.

No rádio, a passagem para o apresentador acontece depois de um comercial. Há um debate sobre o jogo, durante o intervalo. Durante a análise genérica do comentarista, destacando alguns pontos, como as informações que os repórteres passaram no resumo final, acontecem as entrevistas coletivas dos técnicos, que são transmitidas, em sua maioria, na íntegra. Depois disso, o comentarista passa a falar sobre as declarações das equipes.

O pós-jogo acontece junto com pré quando há duas partidas seguidas. Com isso, as coletivas não são irradiadas, como foi o caso do Vasco e Flamengo, do dia 16 de fevereiro. Após esse jogo, teve a partida do Botafogo. O pós-jogo foi menor, com vinte e sete minutos. Durante esse período, o comentarista debateu junto ao apresentador, repetindo a narração dos gols. Como o clássico foi marcado de polêmicas, esse foi o assunto que mais rendeu no encerramento da jornada. Ao citar a facilidade do lance e o erro da arbitragem, o apresentador confessa que acompanhavam pela TV, pelo *replay*. “Daqui a gente viu que a bola entrou, confirmado depois pela televisão.”⁴⁴

Na TV Globo, o pós-jogo teve cinco minutos. Depois das entrevistas, o locutor valorizou os lances polêmicos ao lado do comentarista de arbitragem. Luís Roberto aproveita para valorizar os equipamentos disponíveis da emissora, mostrando o lance de todos os ângulos e com tira-teima, em desenho, apontando que a bola entrou. Essa imagem foi divulgada, pela primeira vez, no intervalo e foi repetida e comentada ao final do jogo, para valorizar a tecnologia do canal. Após a análise dos lances duvidosos, são exibidos os gols da partida, com participação do comentarista Júnior, que aproveita para usar as estatísticas. “Você, se basear no número, eu acho que pode ser uma bengala pra você falar

⁴⁴ Jogo Rádio Transamérica Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

alguma coisa. Você tem o teu conceito e usa o número pra comprovar. Não dá pra partir do número como conceito.” (GAMA JÚNIOR, ANEXO III, p. 85)⁴⁵.

Antes do encerramento, o comentarista elege o melhor e o pior jogador em campo na partida, um costume de todas as transmissões radiofônicas. Na TV não há essa eleição. Durante a partida, alguns narradores pedem para o comentarista opinar o melhor e pior em campo, mas não é uma regra, como se tornou essa ‘eleição’ no rádio. Dependendo da emissora, tem o voto dos comentaristas da mesa e dos ouvintes, que podem opinar via internet e telefone, convidando o torcedor no pós-jogo a acompanhar não só a coletiva, mas a opinião dos críticos.

No jogo analisado, especificamente, é possível confirmar a proximidade dos profissionais de rádio com o ouvinte. Durante a análise do Gérson, o Gilson Ricardo manda um abraço para um médico conhecido, que estava acompanhando o fim da jornada pela Transamérica. “Mandar um abraço pro Doutor Paulo, lá na Ilha, que está ouvindo a gente. [sobe o tom de voz] Doutor Paaaulo, Mengão, Doutor Paulo. Está feliz lá com o Mengão. O homem que descobriu o Nogueira [jogador do Flamengo].”⁴⁶. Emendando, na sequência, em brincadeiras com o Gérson, que volta a comentar sobre o segundo gol.

Na televisão, a classificação do campeonato é repassada para o telespectador com arte na tela, com indicativo dos classificados para as quartas-de-final e os rebaixados até aquele momento, e com leitura do narrador. Para finalizar, anuncia o próximo dia de transmissão de jogo pela emissora, uma forma de começar a chamar o telespectador, e divulga o programa com atualizações de esporte, no caso, *Fantástico*. Para outras notícias, o locutor passa a página de esportes do canal na internet: *globoesporte.com*. Essas informações são passadas durante a reprise dos gols para o telespectador e a transmissão é encerrada, com essas imagens.

4.5 – Narração

“A narração de rádio é uma, a narração da televisão é outra completamente diferente.” (GAMA JÚNIOR, ANEXO III, p. 84)⁴⁷. O comentarista e ex-jogador sintetiza o que a maioria dos profissionais de comunicação concorda. Os motivos são diversos, mas está focado na necessidade de situar o ouvinte no rádio, enquanto a TV existe o apoio da

⁴⁵ Entrevista concedida à autora

⁴⁶ Jogo Rádio Transamérica Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

⁴⁷ Entrevista concedida à autora

imagem. O tom de voz é diferente, já que no primeiro veículo, o torcedor imagina a situação e precisa saber com a bola está próxima ao ataque do seu time. Na televisão, a emoção acontece quando a jogada está perto da grande área. Para o narrador de rádio, Edson Mauro (ANEXO IV, p. 92)⁴⁸, a emoção na televisão está na imagem e no rádio a locução é som e imagem. José Carlos Araújo concorda, mas cita Nelson Rodrigues:

A emoção está na imagem, mas como dizia o Nelson Rodrigues, naquela época, que não havia muito, não havia transmissão ao vivo, ele dizia que o videoteipe era burro. Eu digo mais, o videoteipe, a transmissão pela televisão é fria, a imagem é fria. A única imagem que choca, eu acho que é, por exemplo, de um baita de um choque de dois jogadores (ARAÚJO, ANEXO II, p. 77)⁴⁹.

Na televisão ou no rádio, o narrador tem papel crucial na transmissão, ao vivo, do futebol. Por isso é a parte mais estudada e destacada das transmissões. No primeiro veículo ele pode ser complemento da imagem, mas como afirma o locutor televisivo Luís Roberto, a voz deve estar em sintonia, pois “a narração dá vida as imagens, é primordial estar em cima do vídeo, as pessoas prestam atenção no conjunto imagem/áudio.” (MÚCIO, ANEXO V, p. 95)⁵⁰ No rádio, o jogo é feito por completo na voz: imagem e som. Por isso, os narradores estão no comando dos meios de comunicação no momento em que a bola está rolando. A partida pode transcorrer de formas diferentes aos profissionais, mas o simbolismo é o mesmo.

Nos dois meios, ao começar o jogo, o narrador está à frente da transmissão e anuncia o apito inicial. No rádio, uma vinheta acompanha, e na televisão, em alguns casos, há o som de um apito, como o usado pelo árbitro. No transcorrer do jogo, o locutor vai sempre privilegiar uma jogada de perigo. O restante da transmissão, como comercial, reportagem e comentários, pode ser esquecido e interrompido quando há chance de gol.

Para demarcar as diferenças, o narrador de rádio precisa ser descritivo e o mesmo profissional na televisão ainda não tem um padrão, tem mais liberdade, pelo apoio da imagem, ou seja, o torcedor não deixa de acompanhar o andamento do jogo se o locutor estiver fazendo comentário ou o repórter apresentar um dado mais demorado. Há narradores que assumem essa postura e outros não, mas mesmo esses fazem comentários

⁴⁸ Entrevista concedida à autora

⁴⁹ Entrevista concedida à autora

⁵⁰ Entrevista concedida à autora

como no jogo em questão: “Começa o jogo corrido e movimentado”⁵¹, assinalou Luís Roberto no primeiro minuto de bola rolando. Ele também chama programação de forma mais detalhada, ainda mais se relacionada com o futebol. Mesmo assim, os locutores procuram ter o cuidado de fazer isso com a bola está parada ou, então, sem chance de ataque. É preciso de atenção, pois o futebol é imprevisível e a qualquer momento, um jogador pode decidir arriscar um chute do meio de campo, por exemplo, e o narrador perder o lance, como aconteceu com o narrador número um da TV Globo, Galvão Bueno, na narração do gol no amistoso entre Brasil e África do Sul, no dia 5 de fevereiro de 2014. Nesse momento, a única postura a assumir é o reconhecimento da falha.

No segundo objeto de estudo analisado, Marcelo Adnet, imita a narração no rádio e na TV. O humorista destaca essas principais diferenças entre os locutores, como ritmo, velocidade, demarcação do espaço no campo, para situar o ouvinte. Adnet referencia José Carlos Araújo, que costuma falar “garotinho” durante as transmissões. O narrador que está há cinquenta anos no rádio é um ícone para o torcedor carioca. Na sátira, o profissional exagera em alguns momentos, na imitação do rádio e da televisão, para demarcar a diferença na narrativa. Exalta, por exemplo, a emoção exagerada do narrador que passa a sensação ao ouvinte que uma jogada perdida quase foi gol. Algo que nos dias de hoje é mais evitado, uma vez que o torcedor pode estar acompanhando a imagem. Na imitação, ficam é possível identificar as características de narração no rádio, no instante em que o humorista faz questão de detalhar o jogador, o posicionamento e a jogada: “Lá vai Léo, garotinho. Número 10 na camisa. Coloca a bola no chão. Passa o pé por cima da bola. Agora ele faz um lançamento na ponta esquerda, matou a bola no peito, garotinho, o número 6.”⁵². Na televisão, ele cita o nome dos jogadores que participam do lance, sem narrar a ação, o posicionamento e a maneira de atuar, pois está registrado na imagem. Adnet enfatiza a necessidade do narrador de acompanhar a imagem transmitida ao telespectador. O comediante ironiza o momento da transmissão em que o foco da câmera está na arquibancada: “Aí o sorriso da criança na torcida. Que bonito, que bacana. Família no estádio, coisa bonita.”⁵³

⁵¹ Jogo TV Globo Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

⁵² Apresentação de Marcelo Adnet na festa de encerramento do Campeonato Brasileiro de 2010. Disponível no Anexo VI

⁵³ Apresentação de Marcelo Adnet na festa de encerramento do Campeonato Brasileiro de 2010. Disponível no Anexo VI

Apesar da unânime maioria de entrevistados e estudiosos apoiar que na TV o narrador tem mais espaço como comentarista, uma vez que o locutor de rádio precisa criar o imaginário do ouvinte, José Carlos Araújo discorda. Para Garotinho, antes cada um tinha uma função, mas agora, no rádio, o locutor assume o papel de comunicador.

Qual é a diferença? O comunicador do rádio não se limita a contar a história do jogo. Ele tem que vender aquele produto, apresenta um grande *show*, chama o jornalismo, faz comentário [...] Hoje o comunicador é cobrado para emitir opinião sobre todos os aspectos daquilo que está envolvendo aquela partida. Isso acontece somente no rádio (ARAÚJO, ANEXO II, p. 80)⁵⁴.

Outro ponto que demarca a necessidade de descrição do narrador de rádio é com a atualização do placar e tempo de jogo. Na televisão, o locutor pode até fazer menção, mas uma arte está sempre inserida na tela com as informações. No rádio, uma vinheta é emitida a cada cinco minutos de jogo e o locutor informa horário, local da partida, tempo de jogo e placar. Cada narrador tem um bordão para esse momento. No caso do Garotinho é o famoso: “apite comigo, galera!”. Ao final, o plantonista participa, atualizando as partidas da rodada, em andamento ou já finalizadas. Este é um dos momentos sagrados da transmissão, como os foguetes e gols, não podendo ser interrompido por repórter, narrador ou plantonista no meio. Afinal, é uma informação crucial para situar o ouvinte no jogo. O roteiro só é alterado quando acontece um lance de perigo, uma vez que a chance de gol é sempre mais importante, pois vale a credibilidade do narrador. Para manter o ouvinte atualizado durante toda a partida, o locutor cita o tempo de partida e, em algumas vezes, com o placar: “Dois minutos e meio de jogo, zero a zero.”⁵⁵. No vídeo analisado da festa de encerramento do Campeonato Brasileiro de 2010, na parte da imitação da transmissão no rádio, Marcelo Adnet destacou essa necessidade de informar o tempo de jogo, incluindo a vinheta, que, atualmente, é uma marca nas transmissões.

Além da entonação da voz, no rádio o ritmo é fundamental. Por precisar descrever mais detalhadamente os lances e passar informações ao ouvinte, o narrador mantém uma dinâmica ao falar do placar do jogo, chamar reportagem, plantonista e interatividade. Uma das formas é manter uma linguagem descontraída, o que cativa o ouvinte, aproximando-o. A linguagem do esporte é considerada mais informal do que o jornalismo em si, mas

⁵⁴ Entrevista concedida à autora

⁵⁵ Jogo Rádio Transamérica Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

alguns bordões ficaram marcados na história da comunicação. No rádio, isso é ainda mais forte e é marcado a todo o momento do jogo, para descrever lances ou inserir comentário, como Garotinho no Vasco x Flamengo ao chamar a participação do repórter, fazendo referência a uma jogada em que a zaga estava desatenta: “Houve um *vacilão* [grande vacilo] aí, não houve não?”⁵⁶, além de expressões⁵⁷ como: “O que tá quente não é o tempo, é o clima do jogo”; “Jogo tá nervoso, tá escamado”; “A bola vai chorada, chorada pra fora”, utilizadas no transcorrer da partida.

Os narradores de rádio precisam se atentar para todos os detalhes que devem situar o ouvinte e os de televisão precisam encaminhar de uma forma que a narrativa não fique monótona ao telespectador. Por isso, a maneira da narração ideal sempre foi muito questionada neste meio. Uma das formas encontradas pelo locutor de TV, atuais, é a estatística. No rádio, o repórter entra com os detalhes, como a abertura da transmissão da TV é em cima, as informações sobre os times times são passadas ao longo dos noventa minutos. As estatísticas não ficam a cargo, somente, do repórter. Como a participação deles é mais resumida a esses números e reações, são os que mais se utilizam dos dados extracampo, mas o narrador também traz dados da partida em andamento, como tempo de bola rolando, número de escanteios e posse de bola, que inclusive, é informada no segundo tempo com arte na tela e vira assunto a ser debatido entre narrador e comentarista.

No vídeo do humorista analisado, Marcelo Adnet satiriza o uso das estatísticas pela televisão, ao citar, por exemplo, um jogador: “Marco Aurélio que nasceu em Itu, em 15 de janeiro de 1992. Ele tem um metro e setenta, oitenta quilos e passou por Ponte Preta, Guarani e Atlético-Goianiense”⁵⁸ ou um tabu “O Atlético-Goianiense não vence o Guarani, jogando fora de casa, em dias ímpares do mês de agosto, jogando em casa e com transmissão da Rede Globo há oito anos! Olha o tabu na tela!”⁵⁹. Ao final da apresentação, o comediante confessa que para ele, é muito difícil ser criativo com a televisão porque se está vendo o lance todo acontecer, não é poético, como no rádio que pode usar da imaginação do ouvinte.

⁵⁶ Jogo Rádio Transamérica Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

⁵⁷ Jogo Rádio Transamérica Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

⁵⁸ Apresentação de Marcelo Adnet na festa de encerramento do Campeonato Brasileiro de 2010. Disponível no Anexo VI

⁵⁹ Apresentação de Marcelo Adnet na festa de encerramento do Campeonato Brasileiro de 2010. Disponível no Anexo VI

A busca pela inovação e atração do público acontece em ambos os meios de comunicação. As emissoras radiofônicas, por exemplo, passaram a usar música durante a transmissão. José Carlos Araújo é um dos maiores adeptos desta mudança na transmissão futebolística, principalmente, agora, trabalhando para uma emissora jovem e mais voltada à música. Esse momento de descontração se dá com a bola está parada, para uma cobrança de escanteio ou falta. Neste clássico, por exemplo, Garotinho, colocou música três vezes no primeiro tempo e em duas oportunidades na segunda etapa. No caso da televisão, a inovação são os recursos tecnológicos da emissora e o narrador destaca-as no seu discurso, como câmeras exclusivas com posicionamento de novos ângulos ao telespectador, esclarecendo as jogadas. No caso analisado, foi de suma importância pelas diversas polêmicas de arbitragem.

Como mencionado no pós-jogo, os lances polêmicos fizeram com que fosse externado aos torcedores algo curioso que, nem todos sabem: na cabine de transmissão do rádio, os profissionais acompanham os *replays* da televisão. “Vou ver no meu monitor, daqui a pouquinho, na repetição”⁶⁰, comunicou José Carlos Araújo na transmissão da Rádio Transamérica, após o gol mal anulado aos onze minutos do primeiro tempo. Neste caso específico, a situação foi tão evidente que repórter, Gilson Ricardo, e comentarista, Gérson, confirmaram que a bola tinha entrado. Na televisão e no rádio os narradores preferiram a confirmação das imagens gravadas. Na TV Globo, o *replay* foi ao ar tão rápido que não deu tempo de qualquer profissional emitir opinião antes, apesar de na análise ter ficado claro que os comentaristas de televisão entram, em todos os lances polêmicos, somente após a repetição do lance. Arnaldo Cezar Coelho e Junior, os dois comentaristas escalados para a transmissão, garantiram que era possível notar que foi gol sem a repetição da imagem, que, apenas, corroborou, segundo eles. A exaltação da tecnologia, citada, fica evidente na reação de Luís Roberto após o *replay*: “a câmera da [TV] Globo mostrou”⁶¹, não há dúvidas e não há o que questionar. Neste período, na Transamérica, Garotinho ficou quase um minuto sem participar enquanto a mesa debatia o lance, algo raro com jogo em andamento.

Além de tirar dúvidas, o *replay*, é usado com a câmera fechada para mostrar algum jogador específico que fez uma jogada ou uma falta. Dessa maneira, não é necessária a

⁶⁰ Jogo Rádio Transamérica Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

⁶¹ Jogo TV Globo Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

participação do repórter para confirmar o lance ou descrever reações, como acontece no rádio. Apenas o narrador faz observações se necessário. Essas câmeras chamam a atenção do locutor para lances específicos que não são observados no andamento da partida, como um jogador segurando a camisa do outro na cobrança de falta. Um favorecimento maior do que o rádio, que trabalha com a visão, e a repetição só pode ser vista na televisão. Se o narrador de rádio quer dar esse tipo de informação, ele é obrigado a denunciar que está monitorando as jogadas pela televisão.

Em momentos de confusão na partida e atendimento a jogador lesionado, com a imagem, o narrador de TV enaltece outros lances, fazendo outros comentários. No caso do Luís Roberto, ele prefere o tom de brincadeira, quando não é algo grave. Por exemplo, no primeiro tempo deste jogo, Elano e Guiñazu, discutiram depois de uma falta. O locutor da TV Globo irradiou da seguinte forma: “Ih rapaz! Houve negócio de braço pra lá, braço pra cá. O juiz chegou. Braço pra lá, chamou pra dançar. ‘Você tá suado, sai daqui rapaz!’ ‘Que isso? Tira a mão de mim’”⁶², como se estivesse fazendo leitura labial do momento e descrevendo uma possível conversa entre os jogadores envolvidos na confusão. No rádio, o narrador recorre aos repórteres para descrever a ação e ao comentarista para analisar, também de forma mais descritiva. No segundo tempo de Vasco x Flamengo, José Carlos Araújo comenta a situação, mas chama o repórter para dar o detalhe do que está acontecendo. “O bicho tá pegando aí, tá pegando aí, Gilson!”⁶³.

O momento auge do locutor não é diferencio de acordo com o meio de comunicação. “Narrador grita gol, deixa ele gritar. Não interrompe que aquilo ali é hora sagrada dele.” (GAMA JÚNIOR, ANEXO III, p. 88)⁶⁴. Se em ataques é preciso ter cuidado para não entrar com informação ou *replay* de jogada, no momento do gol, o narrador tem o comando absoluto da transmissão. Mesmo que ele demore minutos para terminar de descrever o lance é preciso aguardar. A interrupção só acontece, principalmente no rádio, quando o repórter nota que o narrador não sabe quem marcou o gol.

Na televisão, este momento demonstra a necessidade da narração. “Imagine um gol sem narração na TV, em silêncio. Certamente na TV a narração também é primordial pra que o momento de um gol [...] seja transmitido com a importância e a emoção que o

⁶² Jogo TV Globo Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

⁶³ Jogo Rádio Transamérica Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

⁶⁴ Entrevista concedida à autora

momento pede.” (MÚCIO, ANEXO V, p. 95)⁶⁵. A irradiação pela TV costuma ser mais curta do que no rádio e é colocado o hino do clube. Antes de o comentarista ser acionado, a jogada é remontada pelo narrador com o *replay* sendo exibido ao telespectador. No rádio, o grito costuma ser mais longo, seguido por uma vinheta padrão da emissora e a descrição do lance de forma mais detalhada. Na sequência, o repórter de campo é acionado para passar um detalhe a mais do que foi irradiado e, também, para o comentarista.

Neste jogo analisado, Vasco x Flamengo, o primeiro gol marcado pela equipe rubro-negra também teve polêmica. De primeiro momento, nenhum dos narradores irradiou. Esperaram a confirmação do árbitro. José Carlos Araújo afirmou que parecia que a bola tinha entrado, assim como Luís Roberto, que também ficou na dúvida: “E agora? E agora? Os jogadores do Flamengo cercam o juiz que vai marcar: gooooooooo!”⁶⁶.

A partir do momento que o jogo passa a ter gol, os narradores fixam ao torcedor o placar, mesmo na televisão, lembrando o lance. Neste caso, através do *replay* e no rádio, o locutor enfatiza o resultado, fazendo rápida descrição para lembrar como o gol foi marcado. Isso acontece até o final do jogo, incluindo na hora do apito final, ao confirmar o placar da partida.

4.6 - Reportagem

A distribuição de funções em uma transmissão de futebol é, basicamente, a mesma na TV e no rádio. Entretanto, para Luís Roberto (ANEXO V, p. 96)⁶⁷ a performance é diferente. O trabalho de reportagem acontece nos dois veículos. O repórter do rádio tem um acompanhamento maior daquele clube específico: vai aos treinamentos no dia-a-dia, costuma fazer todos os jogos da equipe e conhece a todos: dos jogadores à diretoria. Na televisão, o repórter é escalado para diferentes partidas, até pelo apelo nacional do meio e pela falta de acompanhamento do treino diário dos clubes, considerando que a programação não é extensa o suficiente.

No ao vivo, como mencionado em análises anteriores, há uma grande diferença. O repórter de campo de rádio participa da abertura da transmissão, trazendo informações e buscando entrevistas. Os de televisão, quando participam antes da bola rolar, fazem uma rápida entrevista com os técnicos ou jogadores. No caso da TV fechada, quando o pré-jogo

⁶⁵ Entrevista concedida à autora

⁶⁶ Jogo TV Globo Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

⁶⁷ Entrevista concedida à autora

é maior, por exemplo, de trinta minutos, o número de vezes que o repórter é acionado aumenta, podendo trazer informações, imagens recuperadas da chegada dos times e, até, entrevista com torcedores. Para driblar a falta de espaço antes do jogo começar, os repórteres precisam sintetizar informações e passar com o jogo em andamento, como substituição no intervalo do jogo ou conversa no vestiário. Na apresentação de Marcelo Adnet no vídeo analisado, é notável a diferença de participação nos dois meios, tendo em vista que o humorista destaca os pontos importantes de cada transmissão e o repórter só aparece na imitação do rádio.

Na entonação de voz, o repórter de rádio deve acompanhar o narrador e entrar no mesmo nível: ritmo, emoção e mesmo grau de detalhamento. No caso da televisão, o tom é mais abaixo e existe a preocupação de ter a imagem de qualquer informação passada no ar. A participação na transmissão radiofônica se dá a cada gol, lance de perigo, falta, cartão e confusão em campo ou nos arquibancadas. O profissional complementa a informação do narrador que está na cabine, também demarcando o posicionamento dos jogadores em campo, como faz o locutor. Ele pode falar sobre a jogada em si, dando mais detalhes ou novas informações, como confusão, reação, punição. O narrador aciona o repórter com uma deixa: “Que perigo, hein Bruno?”⁶⁸

Como não há placar no rádio, o repórter é outra forma de fixar o resultado para o ouvinte, por isso, encerra as participações com o placar do jogo: “É pegaram o Hernane, enquanto o Flamengo descia pela esquerda. Cartão amarelo para Felipe Bastos. Justo o cartão. Ele reclama sem motivos e a falta é boa para o Flamengo, hein Garotinho! Zero a zero.”⁶⁹ Em alguns casos, acrescenta detalhes, como o time estar melhor em campo. Ao imitar o profissional de rádio, Marcelo Adnet, mostra o repórter complementando lances, como forma de repetição, ressaltando o placar no final da atuação, inclusive com propaganda, como fazem algumas emissoras. “[...] segue zero a zero, placar agrião e mel, você tomou e a gripe creú.”⁷⁰

Na televisão, a participação do repórter fica mais restrita, uma vez que o *replay* tira dúvida de lance; reprise para o telespectador; e mostra reações tanto em campo quanto na torcida. Fica a cargo de o repórter buscar um diferencial e, na maioria das vezes, eles

⁶⁸ Jogo Rádio Transamérica Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

⁶⁹ Jogo Rádio Transamérica Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

⁷⁰ Apresentação de Marcelo Adnet na festa de encerramento do Campeonato Brasileiro de 2010. Disponível no Anexo VI

optam por estatísticas ou informações que não podem ser filmadas. Como na partida analisada, André Galindo diz que a dúvida do técnico do Flamengo em colocar jogadores titulares era em decorrência ao cansaço após a viagem do time de um jogo válido por outra competição e que o pedido dos jogadores foi determinante para a decisão final da escalação do time. Vale ressaltar que, quando há um repórter para cada time, ainda mais se tratando de um clássico, com torcidas divididas acompanhando a transmissão televisiva ou radiofônica, é preciso ter o cuidado de dar a mesma quantidade de informação para cada lado, o mesmo espaço. Por isso, o repórter que estava cobrindo o Vasco pela TV Globo ⁷¹, Edson Viana, imediatamente, traz a informação sobre a escalação específica de um jogador do Vasco para a partida. Nas vezes em que o comentário do repórter pode ser filmado, é preciso associar imagem e voz, por exemplo, André Galindo informou o aquecimento do goleiro reserva do Flamengo, Paulo Vitor, e a imagem foi recuperada.

As punições do árbitro em jogo também são repassadas de maneiras diferentes nas transmissões. No rádio a confirmação de uma punição, por exemplo, é na voz do repórter. Na televisão, entra uma arte na tela com a imagem do jogador, o nome e a punição recebida. Cabe ao narrador destacar essas informações. O repórter só é responsável por transmitir esse dado se a câmera não captar o momento e o narrador não percebe, como foi ao final do primeiro tempo do jogo analisado, aos 40 minutos, quando André Santos levou cartão amarelo. Assim acontece para substituições ao longo do jogo. No rádio, o repórter de campo informa a ida dos jogadores do aquecimento, atrás do gol, para a lateral. Se o narrador de rádio fizer a observação antes, ele chama o repórter, que complementa quem é o jogador que vai entrar e no lugar de quem. Na televisão acontece o oposto, o locutor informa que o jogador vai entrar e o repórter complementa, antecipadamente, qual atleta vai sair. O mesmo acontece para o acréscimo de tempo nas duas coberturas: no rádio a informação é dada pelo repórter e na televisão só acontece quando a câmera não filma. Somente a renda e o público são informados pelos repórteres de campo nas duas transmissões.

O repórter de televisão, no campo, não tem acesso ao monitor e não sabe exatamente o que está sendo transmitido para o telespectador, sendo guiado pela narração. Se o locutor demora a falar de uma substituição, lesão, falta, impedimento, jogador caído, é

⁷¹ Jogo TV Globo Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

porque, provavelmente, não viu. É nestes casos que chama o narrador para passar a informação.

Outra diferença crucial na reportagem é o posicionamento dos profissionais durante o jogo. O repórter de rádio fica atrás do gol, acompanhando a partida para passar os detalhes dos lances. Antigamente, alguns pontas deste meio de comunicação ficavam na mesma linha que o bandeirinha para saber a linha de impedimento, mas hoje ficam, apenas, atrás do gol para ter uma visão privilegiada do ataque. Os repórteres de televisão ficam próximo ao treinador e ao banco de reservas. Isso se dá pela necessidade de informação de cada um no jogo. O repórter da TV busca um diferencial, como reações no banco de reservas. Por essa razão, consegue saber primeiro, por exemplo, substituição, quem vai sair para a entrada de qual jogador reserva. Esses dois posicionamentos podem gerar grandes detalhes interessantes ao torcedor, como na partida analisada.

Bruno Cantarelli, da Rádio Transamérica, irradiou a seguinte situação no ar, após o primeiro gol do Flamengo: “O goleiro Felipe [do time rubro-negro] virou para o assistente que fica atrás do gol dele, o Rodrigo Saraiva Castanheiras e disse que o de lá acertou. ‘Você não sabe nada. O de lá acertou.’”⁷² O goleiro estava criticando a arbitragem pelo erro contra a equipe adversária. Na TV Globo, o bom posicionamento do repórter na linha lateral também gerou detalhes complementares. André Galindo informou a substituição no time do Flamengo com a entrada do Alecsandro e comentou a conversa do jogador com o quarto árbitro: “Eu quero entrar agora porque eu quero fazer esse gol!”⁷³ A imagem depois mostra o atacante rubro-negro pedir ao árbitro, dentro de campo, para esperar ele chegar na área, confirmando o detalhe do repórter.

Em algumas emissoras de rádio, existe um repórter que acompanha a movimentação no meio de campo, considerando a posição dos pontas atrás do gol. Na Transamérica, é o caso do apresentador e repórter Gilson Ricardo. Ele não vai a campo, como os de televisão, fica da cabine fazendo mais comentários, com sua irreverência e experiência, e ainda detalhando lances que acontecem na intermediária.

Apesar do repórter não ser o artista principal deste espetáculo que é a transmissão de futebol, ele tem grande importância. “A participação dos repórteres pretende passar a impressão de que o ouvinte está junto ao campo, acompanhando tudo com os “olhos”.”

⁷² Jogo Rádio Transamérica Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

⁷³ Jogo TV Globo Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

(ABREU, 2000, p.5) Por isso, precisa se atentar em passar o maior número de informações e de forma correta. Se o profissional nota que fez uma observação errônea durante a transmissão, é preciso corrigir. O que pode ser feito espontaneamente, invertendo a situação como se não tivesse confundido, ou assumindo o erro, como Bruno Cantarelli fez nesta partida: “Informação do seguinte: eu troquei os manjas [forma como estavam chamando o árbitro de trás do gol, por causa do erro] aqui, Garotinho. Rodrigo Saraiva Castanheira, atrás do gol do Felipe, e Leonardo da Silva Carvalheira, atrás do gol do Martín Silva.”⁷⁴ O importante é manter o torcedor informado e interessado, como se estivesse na partida.

4.7 – Comentarista

Para o locutor radiofônico, o papel do comentarista nos dois meios de comunicação é o mesmo. “Se você está vendo um jogo, ele [o jogo] é o mesmo e a maneira de você comunicar não pode ser diferente. Isso porque você está falando de uma parte técnica e aí não há diferenciação.” (MAURO, ANEXO IV, p. 92)⁷⁵. De fato, dentre todos os profissionais envolvidos na transmissão ao vivo de futebol, a função do comentarista em qualquer meio é a mais parecida. A diferença se dá pelo espaço e na liberdade de não precisar comentar algo associado a uma imagem, como ressaltam Luís Roberto (ANEXO V, p. 96)⁷⁶, José Carlos Araújo (ANEXO II, p. 79 - 80)⁷⁷ e Júnior (ANEXO III, p. 88)⁷⁸.

No rádio, o comentarista tem bastante espaço para análises quando o jogo não está em andamento, ou seja, pré-jogo, intervalo e depois do apito final. Se o narrador é o protagonista durante a partida, o comentarista tem destaque com a bola não rola, porque o ouvinte está interessado em saber a opinião dele sobre a atuação do time, sobre um jogador específico ou, da arbitragem e de lances polêmicos. Ao longo dos noventa minutos de jogo, além das participações espontâneas, o narrador pede para o comentarista analisar, não só jogadas de gols e de perigo, mas o andamento da partida. José Carlos Araújo, por exemplo, também tem bordões, como “E aí, tá gostando?” e “Quem tá de brincadeira?”, para saber quem está mal no jogo. Com a partida quase no final, o comentarista avalia um jogador, ou

⁷⁴ Jogo Rádio Transamérica Vasco x Flamengo, 16 de fevereiro de 2014, pela oitava rodada do Campeonato Carioca. Disponível no Anexo VI

⁷⁵ Entrevista concedida à autora

⁷⁶ Entrevista concedida à autora

⁷⁷ Entrevista concedida à autora

⁷⁸ Entrevista concedida à autora

jogadores, como no caso do jogo Vasco x Flamengo, Gérson, comentarista da Rádio Transamérica, deu nota para o meio de campo do time rubro-negro e para a arbitragem.

Na televisão, os comentaristas são anunciados com bola rolando e a análise final acontece nos minutos finais da partida. A primeira participação, no jogo em questão, aconteceu antes do primeiro minuto. Júnior foi chamado para comentar a expectativa de acordo com a escalação dos técnicos. Logo na sequência Arnaldo Cezar Coelho é chamado para avaliar o árbitro escolhido para a partida. Na maioria das transmissões da TV Globo há dois comentaristas, sendo um deles de arbitragem, lembrado na sátira de Marcelo Adnet na apresentação do vídeo analisado. Na TV fechada, apesar da especificidade do canal, apenas um comentarista é escalado por partida, como no rádio.

O comentarista de arbitragem analisa considerando punições, faltas, impedimentos, lances esquecidos e situações que podem passar imperceptíveis ao árbitro e aos profissionais de comunicação, percebido com a tecnologia da televisão. O quadro fechado do lance com *replay* em câmera lenta mostra, muitas vezes, uma novidade. Durante o comentário sobre algum lance polêmico, o *replay* aparece na tela. Ele relembra, ainda, as regras do futebol, como impedimento ou saída de bola. O tira teima traça uma linha, imaginária no jogo, e deixa claro um lance ao telespectador quando não é possível perceber a jogada a olho nu. Por isso, atualmente, é difícil cravar uma situação em jogo no rádio e, principalmente, na televisão, já que as repetições vão mostrar a realidade.

Você tem a imagem a seu favor. Com trinta e duas câmeras, não tem necessidade de você correr para dar opinião. Espera e mostra os ângulos até chegar a uma conclusão. Comentarista que quer adivinhar, primeiro não vai ganhar na mega-sena nunca. Segundo que a probabilidade de errar é muito grande. Pode sempre colocar como uma possibilidade, mas afirmar não. Na TV não dá (GAMA JÚNIOR, ANEXO III, p. 89)⁷⁹.

Nesta partida o comentarista de arbitragem foi bastante acionado devido aos erros na partida. No lance mais polêmico do jogo, Arnaldo Cezar Coelho, participa após a certeza do gol e precisa acrescentar alguma informação para tornar válida a sua presença. Ele lembra ao telespectador a presença do vigia, árbitro atrás do gol, que estava a cerca de cinco metros de distância e não viu. Da mesma maneira que fez Gérson, de forma descontraída na Rádio Transamérica. Na transmissão do jogo analisado, Júnior, que só tinha participado uma vez desde o início da transmissão, interrompeu o narrador para

⁷⁹ Entrevista concedida à autora

entrar no debate da polêmica, que abriu espaço na TV Globo para a discussão do uso da tecnologia no futebol. No rádio, esse debate precisa ser feito no intervalo de jogo, uma vez que não há a imagem para que o torcedor acompanhe enquanto os profissionais levantam possibilidades e ideias.

Os comentaristas ao serem acionados, nos dois meios, analisam escalação, mudança tática com substituição no time e mudança no ritmo do jogo. Da mesma maneira que narradores têm bordões, principalmente no rádio, comentarista também pode ter. Arnaldo Cezar Coelho, por exemplo, é conhecido pelo “a regra é clara”, que fala antes de esclarecer sobre regras de futebol. No jogo analisado, até os profissionais da Transamérica citaram Arnaldo Cezar Coelho e seu bordão, ao falar do lance polêmico.

Vale ressaltar que existem tipos distintos de comentaristas. (ARAÚJO, ANEXO II, p. 79)⁸⁰ Um deles, como especificado, é o de arbitragem. Tem ainda o ex-jogador, como Júnior e Gérson, que participaram do clássico Vasco x Flamengo, pela TV Globo e Rádio Transamérica, que para José Carlos Araújo (ANEXO II, p. 79)⁸¹ costumam priorizar a posição que atuaram, como zaga e meio de campo, tentando manter uma abordagem ampla do jogo. “Nós, ex-jogadores, não somos melhores do que os comentaristas que não jogaram, mas eles nunca tiveram o frio na barriga de saber quando você entra e de jogar uma decisão. É diferente.” (GAMA JÚNIOR, ANEXO III, p. 85)⁸² Os que não foram jogadores, procuram um diferencial para agradar o público e, normalmente, usam o recurso da linguagem popular.

Os que não foram jogador, por exemplo, o Washington Rodrigues, o Apolinho [como é conhecido], ele comenta pelo lado jocoso, irônico e, de certa forma até, bem popular, com a linguagem bem coloquial. Por isso, às vezes, tem um agrado maior do grande público (ARAÚJO, ANEXO II, p. 79 - 80)⁸³.

A utilização de ex-atletas nessa posição acontece há muito tempo no meio da comunicação esportiva, no futebol e em outros esportes, como vôlei e basquete. Para Capinussú (*apud* GUERRA, 2012, p. 106) esses comentaristas acrescentam aspectos negativos pela falta de ética em criticar um ex-companheiro de trabalho e pelo excesso de erros de português. Essa é uma realidade aumentada na época de Mundiais. Na Copa do

⁸⁰ Entrevista concedida à autora

⁸¹ Entrevista concedida à autora

⁸² Entrevista concedida à autora

⁸³ Entrevista concedida à autora

Mundo de futebol, por exemplo, grandes nomes atuaram como comentaristas em emissoras, como Pelé, Zico, Ronaldo Fenômeno e Romário. Em ano de Copa do Mundo no Brasil, vai se repetir em larga escala, como o caso de Juninho Pernambucano, que se aposentou oficialmente no começo de 2014 e assumiu o posto na TV e na Rádio Globo. “Eu sei que existe certo preconceito, é claro. Eu não tive a formação acadêmica. A minha formação é de jogar no profissional [...] Essa é a minha base [...], mas não me impede de ter a minha personalidade e de que eu consiga me impor [...]”⁸⁴

Por que isso? Porque são grifes, são marcas. Eles não sabem ver o jogo como o torcedor, mas, porque a audiência da Copa do Mundo é muito maior do público que não é ligado no dia-a-dia no futebol. E, por isso, essas figuras, figurinhas carimbadas, são, realmente a atração maior. Mas aí passa a Copa, vão ser descartados (ARAÚJO, ANEXO II, p. 80)⁸⁵.

4.8 – Plantão Esportivo

A transmissão da informação de outros jogos em andamento, classificação e resultados é uma das maiores diferenças entre rádio e TV. No primeiro há um profissional do estúdio atualizando todos os jogos em andamento durante toda a transmissão, desde o pré até o pós-jogo com todos os resultados, próximas partidas e tabela de classificação atualizada. Durante os noventa minutos, o plantonista participa a cada giro de tempo e placar do narrador informando alguns resultados. É emitida uma vinheta quando há gol em outro jogo e o profissional informa em qual partida e quem foi o autor do gol. Igual a todos os profissionais da transmissão, o plantonista também participa na mesma entonação mais alta e ritmo mais acelerado, como o narrador.

Em algumas emissoras, como no caso da Rádio Transamérica, o plantonista informa dados adicionais sobre os jogadores, como quantos gols eles têm, e o time que está em campo. Normalmente, o narrador que aciona essa informação complementar de um jogador que já marcou na partida em andamento, como aconteceu no final do primeiro tempo do jogo analisado. Na TV essas estatísticas de gol são passadas pelo repórter de campo.

A utilização de um profissional facilita e é usada por todas as emissoras radiofônicas atualmente. No início das transmissões de futebol, os técnicos de rádio recebiam telefonema de repórteres que acompanhavam os jogos e passavam para o

⁸⁴ Declaração de Juninho Pernambucano ao programa *Redação SporTV*, do canal SporTV, no dia 22 de abril de 2014. Disponível no Anexo VI

⁸⁵ Entrevista concedida à autora

narrador o placar, que ele informava no ar. O primeiro plantão esportivo foi uma revolução, ainda na década de 30, e batizado de *Esporte nas Antenas* (RIBEIRO, A., 2007, p.78).

Na televisão, da mesma forma que não há um apresentador para a abertura e o protagonista é o narrador durante toda a transmissão, fica a cargo deste as informações de jogos finalizados e em andamento. No pré ou no início do jogo, ele passa resultados do dia anterior; classificação, que tenha relação com a partida que será transmitida; e fala da possibilidade dos times em campo, colocação que podem chegar com o resultado do dia. Durante os noventa minutos, se houver gol, entra uma arte na tela. De primeira, o narrador diz que tem gol, mas aguarda um momento mais tranquilo do jogo para completar a informação. Com a bola parada, o narrador aproveita para, em algumas ocasiões, mostrar o gol ao telespectador. Na partida analisada, são mostrados os gols de Corinthians e Palmeiras, no Campeonato Paulista, e o próprio narrador descreve o lance. Nessa transmissão de Campeonato Carioca, só foi passado ao telespectador os resultados de São Paulo e Rio de Janeiro, exaltando o eixo Rio-São Paulo no futebol. No rádio, o plantonista passou o resultado de todos os jogos em andamento, em todos os estaduais no Brasil, demonstrando a abrangência nacional do rádio, apesar da audiência local.

No segundo objeto analisado, o vídeo da apresentação de Marcelo Adnet, o papel do plantonista foi lembrado pelo humorista, como os resultados são exibidos na televisão. A diferença ficou clara pela interpretação do profissional, que faz questão de destacar que na TV o narrador precisa aguardar que a arte entre na tela para ter o resultado: “Olha a bolinha pintando na tela tem gol na [Copa] Sul-americana... De quem será?”⁸⁶ No rádio, o repórter responsável pelo plantão informa gol marcado em outra partida, e o locutor decide o melhor momento para pedir a atualização dos resultados. O humorista destaca, assim como fez na imitação do repórter de campo, a participação do plantonista no mesmo tom e ritmo que o narrador radiofônico.

⁸⁶ Apresentação de Marcelo Adnet na festa de encerramento do Campeonato Brasileiro de 2010

5- CONCLUSÃO

Durante o período de um século, o jornalismo esportivo passou por mudanças radicais. O início das transmissões televisivas, nas décadas de 50 e 60, interferiu no rádio, mas, ao longo do tempo, serviu para reorganizar este meio, que buscou inovações e diferenciações. Há profissionais, como José Carlos Araújo (ANEXO II, p. 78)⁸⁷, que o veem como complemento da TV, e outros, como Edson Mauro (ANEXO IV, p. 91)⁸⁸, com vida própria. A principal questão é que com a entrada de novos meios de comunicação, os outros precisam se readaptar. Foi assim com a mídia impressa, o rádio, a televisão e, agora, a internet.

Com a entrada da TV, com o som e a imagem, o rádio teve que se readaptar como hoje acontece com as novas mídias que vêm surgindo e que geram impactos. Hoje, a internet gera impacto na TV, gera impacto no rádio, gera impacto na mídia impressa. Na verdade nenhuma delas morre, todas elas se readaptam e vão se readaptando ao momento. (MAURO, ANEXO IV, p. 91)⁸⁹

José Carlos Araújo ressalta, ainda, a importância do mais novo meio de comunicação para a interação com o ouvinte, essencial nas transmissões. “Você abre várias ferramentas, vários canais, quando antigamente somente um telefone era o recurso que tinha o ouvinte para se manifestar, para participar.” (ARAÚJO, ANEXO II, p. 78)⁹⁰. Demonstrando que o mais importante é o movimento em prol do jornalismo esportivo.

Assim como jornal, rádio e televisão passaram por momentos de provação na cobertura do esporte, a internet ainda está traçando seu caminho. Apesar de estar cobrindo Mundiais de futebol desde 1998, na Copa da França, e ter uma ampla atualização diária, ainda há quem não veja o meio com bons olhos, principalmente entre os jogadores de futebol, que precisaram se acostumar com o assédio dentro e fora de campo. Para o novo comentarista e ex-jogador, Juninho Pernambucano⁹¹, o principal problema da internet é que os repórteres não assinam todas as matérias e, dessa forma, a comunicação vai continuar sendo ruim.

⁸⁷ Entrevista concedida à autora

⁸⁸ Entrevista concedida à autora

⁸⁹ Entrevista concedida à autora

⁹⁰ Entrevista concedida à autora

⁹¹ Declaração de Juninho Pernambucano ao programa *Redação SporTV*, do canal SporTV, no dia 22 de abril de 2014. Disponível no Anexo VI

Além de complementares para as transmissões, a relação dos meios de comunicação é uma forma de manter o profissional no cotidiano do torcedor. Luís Roberto, por exemplo, participa inúmeras vezes do programa *Bem, amigos!*, do SporTV. Edson Mauro apresenta o programa *Olha o gol!*, na Rádio Globo. José Carlos Araújo é o mais versátil e mostra a importância de diferentes caminhos e recursos para construir a identidade com o público. O narrador escreve uma coluna semanal no jornal *Metro* e comanda o programa *Os donos da bola*, diariamente, na TV Bandeirantes do Rio de Janeiro, com os companheiros de rádio Gilson Ricardo e Gérson. “Eu faço televisão muito mais pra alavancar meu trabalho no rádio, tornar-me um profissional conhecido do grande público, exatamente pela imagem e não somente pela voz.” (ARAÚJO, ANEXO II, p. 75)⁹². O próprio novato, Juninho Pernambucano, segue pelo mesmo caminho e comenta em jogos televisivos e no programa *Futebol de Verdade*, na Rádio Globo.

É necessária uma organização para que os meios de comunicação sirvam como uma alavanca para o esporte. Não uma luta por audiência, mas por informação e formação de um torcedor mais entendido e exigente. Afinal, a importância do futebol é maior do que isso. Para Nelson Rodrigues (2013), o Brasil começou a existir para os brasileiros depois da vitória na Copa do Mundo de 1958 e fez com que o país passasse a acreditar em si mesmo. “Até 58, o brasileiro não ganhava nem cuspe à distância. O sujeito dormia enrolado na derrota como num cobertor. Ninguém acreditava no Brasil, nem o Brasil acreditava em si mesmo.” (RODRIGUES, 2013, p. 132).

Neste período, apenas o rádio transmitia os jogos do Mundial. É como indaga Ruy Castro (2014) no começo de sua crônica sobre a maior competição de futebol naquele ano: “Aos olhos de hoje, é como se a Copa do Mundo de 1958 [...] tivesse sido jogada em segredo. Afinal, como assistir a ela, se a TV praticamente não existia?” (CASTRO, 2014, p.131). O próprio autor responde mais adiante, que todas as estações brasileiras enviaram profissionais para a Suécia; os jornais descreviam minuto a minuto em suas páginas; as revistas ilustravam as partidas com crônicas e reportagens especiais; o cinema exibia alguns dias depois trechos dos jogos; e nas ruas, a população ia criando um carnaval fora de época e aumentando os alto-falantes com as transmissões. “[...] em meio à euforia nacional, o futebol me ensinou que, sim, talvez fosse possível morrer de prazer.” (CASTRO, 2014, p.133). Os tempos mudaram, mas a paixão do brasileiro pelo esporte é

⁹² Entrevista concedida à autora

passada de geração em geração, fazendo necessárias as inovações e evoluções, assim como um acompanhamento, de todos os meios de comunicação criados.

A partir das análises dos estudos de caso neste trabalho de conclusão de curso, foram perceptíveis semelhanças e diferenças nas transmissões de rádio e televisão, principalmente quanto à expectativa e repercussão. Ainda assim, mudanças surgem a todo instante no jornalismo esportivo, especialmente em ano de Copa do Mundo, no Brasil. No dia-a-dia, as emissoras radiofônicas precisam perceber que, atualmente, o diferencial está no aquecimento e no pós-jogo. Para José Carlos Araújo, as emissoras deveriam cobrir a reação da torcida em bares nas zonas da cidade durante o encerramento da jornada, pois é uma informação somente repassada no dia seguinte pela televisão, e que o rádio poderia driblar com o imediatismo. “Eu, na [rádio] Transamérica, não faço porque é uma rádio jovem, de música, que de repente eu não tenho o espaço jornalístico pra cobrir isso.” (ARAÚJO, ANEXO II, p. 75)⁹³. Na televisão, a exploração da tecnologia e dos recursos é fundamental para o telespectador, que consegue ver algo que não teria acesso nem se estivesse no estádio.

Como analisado, no ao vivo, cada um tem o seu espaço, tanto os meios de comunicação quanto os profissionais. A competitividade é saudável quando visa à melhoria e a diferenciação em uma cobertura cada vez mais tolhida pelas assessorias, clubes e a própria imprensa. O foco deve permanecer no torcedor e no esporte, pois o espaço de um meio não é tomado por outro. Menos ainda quando envolve paixão, como visto ao analisarmos a trajetória do rádio e da televisão. O estudo de caso mostrou que a informação e o formato podem ser parecidos, com narradores, repórteres, comentaristas, e comerciais, mas a forma de lidar que encanta o torcedor. O jornalismo esportivo, em todos os meios, e o futebol brasileiro devem continuar seguindo “juntos num só ritmo”, como o slogan da Copa de 2014 na “pátria de chuteiras”.

⁹³ Entrevista concedida à autora

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, João Batista de. *Metáforas, hipérboles e metonímias, uma jogada de efeito – o discurso do radiojornalismo esportivo*. Trabalho apresentado para a disciplina Comunicação e Significação, do Prof. Milton José Pinto, do programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ, 1. Sem.2000. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/93756778511380654608609040927908697856.pdf>> Último acesso em: 06 de maio de 2014

ACKER, A. *Imagens do futebol e experiência estética no canal 100*. IN: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 35., Ceará. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0657-1.pdf>> Último acesso em: 06 de maio de 2014

AMARO, F; HELAL, R. *Das ondas do radio à tela da TV: notas sobre a evolução da narração esportiva*. IN: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 35., Ceará. Disponível em: <http://www.academia.edu/4879065/Das_ondas_do_radio_a_tela_da_TV_notas_sobre_a_evolucao_da_narracao_esportiva> Último acesso: 05 de maio de 2014

AMÉRICO, M. *Observatório do esporte: uma visão crítica da mídia esportiva*. IN: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 18., São Paulo. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1770-1.pdf>> Último acesso: 06 de maio de 2014

ALMEIDA, Alda. *Rádio e futebol: gritos de norte a sul*. IN: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2., 2004, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, 15- 17 de abril de 2004.

ASSAF, Roberto. *Banho de bola: os técnicos, as táticas e as estratégicas que fizeram história no futebol*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

BARK, A; BARK, R; RODRIGUES, D. *Na cara do gol*. IN: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 12., Paraná. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-0415-1.pdf>> Último acesso em: 05 de maio de 2014

BEZERRA, A.; LOPES, G. *Radiojornalismo esportivo e o comportamento do torcedor de futebol*. IN: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 13., Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-0962-1.pdf>> Último acesso em: 06 de maio de 2014

BOCHEMBUZO, D; SOFFNER JUNIOR, J. *Histórias dos craques da bola: o resgate da memória esportiva no rádio*. IN: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 18., São Paulo. Disponível

em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0695-1.pdf>>
Último acesso em: 06 de maio de 2014

BOURDIEU, Pierre. Os Jogos olímpicos. In: _____. *Sobre a televisão*. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

CALEIRO, M; DINIZ, I. *Esporte e mídia: uma interdependência de consumo*. IN: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 17., Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-0058-1.pdf>>
Último acesso em: 06 de maio de 2014

CAMARGO, Vera Regina Toledo. *A trajetória da mensagem esportiva: dos sons à imagem paulistana*. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/4bda965829a410175c1ec3cb770190a0.PDF>>
Último acesso em: 04 de maio de 2014

CARMONA, Lédio; POLI, Gustavo. *Almanaque do futebol*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra : COB, 2006.

CASTRO, Ruy. *Os garotos do Brasil: um passeio pela alma dos craques*. Rio de Janeiro: Foz, 2014.

DAMATTA, Roberto. *A antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro*. Disponível em: < <http://www.usp.br/revistausp/22/02-damatta.pdf>>
Último acesso em: 06 de maio de 2014

DAOLIO, Jocimar. *As contradições do futebol brasileiro*. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd10/daolio.htm>> Último acesso em: 05/05/2014

ESPORTE. Redação SporTV. Rio de Janeiro: SporTV, 22 de abril de 2014. Programa de TV.

GUERRA, Márcio de Oliveira. *Análise da narrativa radiofônica e sua influência no imaginário do torcedor*. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2000.

GUERRA, M. *Copa de 70: craques em campo e na transmissão radiofônica: inovações nas regras da competição, novidades na cobertura esportiva*. IN: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 35., Ceará. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0563-1.pdf>> Último acesso em: 06 de maio de 2014

GUERRA, Márcio de Oliveira. *Rádio x TV: o jogo de narração. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor*. Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e Editora, 2012.

HELAL, Ronaldo. *Mídia, ídolos e heróis do futebol*. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/4cb518892536d392040cd7bf518544ea.pdf>>
Último acesso em: 05 de maio 2014

MELLO, Fernando Vieira. *Esporte no rádio: o som do gol é diferente no rádio brasileiro*. Disponível em: <<http://www.tecsi.fea.usp.br/eventos/contecsi2004/BrasilEmfoco/port/comunica/radio/esporte/index.htm>> Último acesso em: 06 de maio de 2014

MONTEIRO, E. *A experiência do rádio na formação do narrador de futebol televisivo*. IN: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 30., Santos. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1603-1.pdf>> Último acesso em: 06 de maio de 2014

MOSER, V.; PRODANOV, C. *O “maior espetáculo da terra”: o futebol como elemento da cultura de massa brasileira*. IN: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 13., 2012, Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-0700-1.pdf>> Último acesso em: 06 de maio de 2014

ORIGUELA, M; SILVA, C. *Apostamentos sobre a assistência aos jogos de futebol pela televisão*. IN: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 18., São Paulo. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0232-1.pdf>> Último acesso em: 06 de maio de 2014

PAIVA, Raquel. *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

POLITO, Reinaldo. *Há um jogo no campo, outro no rádio e outro muito diferente na televisão*. Disponível em: <http://reinaldopolito.com.br/portugues/artigo.php?id_nivel=12&id_nivel2=153&idTopico=232> Último acesso em: 04 de maio de 2014

RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

RIOS, R; VASCONCELOS, P. *Esporte e midiaticização: um panorama da trajetória do futebol a partir do programa Bate-bola*. IN: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 35., Ceará. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-1022-1.pdf>> Último acesso em: 05 de maio de 2014

RODRIGUES, Mariana. *Vozes que fizeram história*. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/10285>> Último acesso em: 04 de maio de 2014

RODRIGUES, Nelson. *A pátria de chuteiras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. Disponível em: <<http://www.ediouro.com.br/lancamentosdenelsonrodrigues/livros/ImagePatriaDeChuteiras%20em%20Baixa.pdf>> Último acesso em: 06 de maio de 2014

SILVA, M. *Os “melhores momentos”*: jornalismo, populismo e televisão. IN: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 36., Amazonas. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1658-1.pdf>> Último acesso em: 06 de maio de 2014

SOARES, Edileuza. *A bola no ar: o radio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus editorial, 1994.

TELLES, M. O *replay* no futebol televisivo: linhas gerais e funções específicas. IN: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 35., Ceará. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-1150-1.pdf>> Último acesso em: 04 de maio de 2014

Matérias e sites

“A invasão do esporte na telinha”. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/a-invasao-do-esporte-na-telinha>> Último acesso em: 05 de maio de 2014

“A programação de esporte na TV aberta”. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/a-programacao-de-esporte-na-tv-aberta>> Último acesso em: 05 de maio de 2014

“Anatel: número de assinantes de TV por paga cresce 12,24%”. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia,anatel-numero-de-assinantes-de-tv-paga-cresce-12-24,175088,0.htm>> Último acesso em: 05 de maio de 2014

Anatel - TV por assinatura em números. Disponível em: <http://sistemas.anatel.gov.br/satva/hotsites/conheca_brasil_satva/default.asp> Último acesso em: 05 de maio de 2014

Associação Brasileira de Televisão por Assinatura – Dados do Setor. Disponível em: <http://www.abta.org.br/dados_do_setor.asp> Último acesso em: 05 de maio de 2014

“Brasil é o segundo no mundo onde mais se ouve rádio por mais tempo, diz pesquisa”. Disponível em: <<http://radiodeverdade.com/2014/03/14/brasil-e-o-segundo-no-mundo-onde-mais-se-ouve-radio-por-mais-tempo-diz-pesquisa/>> Último acesso em: 05 de maio de 2014

“Conheça os bastidores da transmissão de jogo de futebol para rádios”. Disponível em: <<http://esportes.r7.com/esporte-fantastico/video/conheca-os-bastidores-da-transmissao-de-jogo-de-futebol-para-radios-4d5936fd9dfc1bf61d9a511d/>> Último acesso em: 04 de maio de 2014

“Diferença entre futebol no Rádio e na TV”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rek0yLTSdMw>> Último acesso em: 06 de maio de 2014

“Em 1945, a Rádio Panamericana, hoje Jovem Pan, se transforma na emissora dos esportes”. Disponível em: <<http://jovempan.uol.com.br/70-anos-radio-jp/em-1945-a-radio-panamericana-hoje-jovem-pan-se-transforma-na-emissora-dos-esportes.html>> Último acesso em: 06 de maio de 2014

“Galvão Bueno fala sobre gol que não narrou”. Disponível em: <<http://globo.com/globocom/amistosos-do-brasil/v/galvao-bueno-fala-sobre-gol-que-nao-narrou/3193035/>> Último acesso em: 04 de maio de 2014

“História da TV por assinatura”. Disponível em: <http://canaisglobosat.globo.com/index.php/tv_por_assinatura/historia/> Último acesso em: 05 de maio de 2014

“IBGE: pela 1ª vez, domicílios brasileiros têm mais TV e geladeira do que rádio”. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-04-27/ibge-pela-1-vez-domicilios-brasileiros-tem-mais-tv-e-geladeira-d.html>> Último acesso em: 05 de maio de 2014

“Marcelo Adnet – Futebol”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gEIL3tjHFyg>> Último acesso em: 06 de maio de 2014

“Números da TV por assinatura brasileira: 17,9 milhões de assinantes e NET com mais de 50% do mercado”. Disponível em: <<http://tecnoblog.net/148835/numeros-tv-por-assinatura-brasileira-novembro-2013/>> Último acesso em: 05 de maio de 2014

“Número de assinantes de TV paga, pode dobrar em 3 anos, diz ministro”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/08/numero-de-assinantes-de-tv-paga-pode-dobrar-em-3-anos-diz-ministro.html>> Último acesso em: 05 de maio de 2014

“Número de casas com TV supera o das que têm geladeiras”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/09/numero-de-casas-com-tv-supera-o-das-que-tem-geladeira.html>> Último acesso em: 05 de maio de 2014

“Os novos canais esportivos que chegam ao Brasil”. Disponível em: <<http://oi-tvnews.blogspot.com.br/2013/10/os-novos-canais-esportivos-que-chegam.html>> Último acesso em: 05 de maio de 2014

7 - ANEXOS

7.1 - Anexo I

Entrevista Teixeira Heizer (comentarista do canal SporTV)

1- Como foi a mudança do rádio para a televisão, com o início da transmissão ao vivo da TV?

Nós temos que considerar primeiro os homens que abriram o caminho do rádio. Nós tivemos homens de grande valor no rádio. No rádio esportivo. Eu me lembro de nomes como Gagliano Neto, que foi o primeiro grande locutor esportivo. Ele transmitiu a Copa do Mundo de 1938. Foi uma transmissão espetacular através de uma linha telefônica, transmissão a cabo, precária. Transmitiu todos os jogos do Brasil. A partir dali, as transmissões de futebol internacionais se tornaram, não rotineiras, mas transmissões comuns para o público esportivo. O próprio Gagliano Neto criou uma estação de rádio no Rio de Janeiro chamada Emissora Continental. Emissora porque havia uma loja chamada Rádio Continental, então ele usou esse prefixo: Emissora Continental chamada PRD8. E essa Emissora transmitia todos os acontecimentos esportivos e informativos. Ele contratou grandes locutores e entre eles o mais famoso, o intelectual gaúcho, chamado Oduvaldo Cozzi. A partir do Cozzi surgiram outros nomes de grande valor. Nesta época havia locutores em São Paulo e em todos os quadrantes do Brasil. Em São Paulo havia Pedro Luís, Edson Leite, nomes de grande repercussão em todo território nacional. No Rio de Janeiro, de ano em ano surgiam novas grandes vozes.

O advento da televisão obrigou muitas modificações nas transmissões esportivas. A televisão não era uma transmissão agradável. Primeiro porque a imagem, no princípio, era precária. Preto e branco, imagem difusa, os próprios narradores saíam do rádio, mas não encontravam a rota certa. Alguns, e eu mesmo, tentávamos o comentário dos lances ao invés da transmissão dos lances. Nós entendíamos que como o telespectador estava vendo a jogada, ele não precisava da narração e sim de um comentário, de uma ajuda. Mas os narradores por terem mais talento foram superando essa tentativa dos comentaristas. E surgiram homens de maior nomeada e de transmissões singulares, por exemplo, o Ary Barroso, era um pianista famoso, um compositor famoso, um apresentador de programas excepcional, um nome que atravessava fronteiras, e ele transmitia futebol e foi transmitido em televisão. No meu entendimento ele era um fracasso, mas no entendimento dos telespectadores ele era um sucesso com a sua gaitinha. O Ary Barroso usava a gaitinha pra

esconder um de seus pontos fracos. Ele não sabia o nome dos jogadores ou não sabia identificar o jogador que estava com a bola. E muito menos o autor do gol. Então no lance do gol ele ficava tocando a gaitinha até que o seu comentarista ou seu auxiliar colocasse o dedo no papel, indicando o autor do gol. Aí sim ele parava de tocar a gaitinha e gritava: “GOL! GOL do fulano!”

Estratégias como essas eram usadas por homens como o Ary Barroso. Outros surgiram também. Aqui no Rio de Janeiro, o locutor que tinha a voz mais agradável para as transmissões de futebol Rui Viotti. Rui ficou no meio termo entre a transmissão tipo narração e o comentário. Ele transmitia na TV Tupi. A minha transmissão pessoal, na TV Continental, nessa época, era mais de comentário. O Luís Mendes saiu da Rádio Globo e foi para a TV Rio, que era uma estação muito qualificada também. O Luís Mendes, pra mim, foi o melhor homem de TV esportiva do país. Conhecedor profundo de futebol e de toda história do futebol. Ele transmitia narrando, mas também explicando. Ele era um historiador que aproveitava os hiatos, os intervalos, para sempre dizer alguma coisa a mais. Eu comentei alguns jogos para o Luís Mendes e sei bem de sua qualificação como homem de televisão de esportes. Ele fez bem a transmissão do rádio para a televisão.

Outra estação que se ocupou de boas transmissões foi a TV Excelsior, que tinha a base em São Paulo. No Rio de Janeiro, o narrador chamava-se Dolar Tanus. Ele tinha uma voz linda, transmitia pausadamente. Depois de algum tempo eu fui seu comentarista. Era uma transmissão muito discreta, tanto na parte de narração quanto de comentários e era bastante do agrado. Foi um ciclo em que a televisão se ocupou muito do Pelé. Uma fase de ouro do Pelé. Então nós não podíamos narrar um jogo diretamente. Tínhamos que gravar pra passar na segunda-feira. O jogo era feito no domingo e transmitido na segunda-feira. Mas era um sucesso em São Paulo e no Rio de Janeiro. Era uma transmissão feita com bastante discrição, sem gritaria. Não tinha o grito de gol. Era apenas falado o gol. O narrador não gritava. O gol era gol e não um grito. O telespectador se sentia parte da história e não parte de um grito. Foi uma fase em que a gente também se sentiu como se fosse uma metade de alguma coisa e não uma estrutura total de alguma coisa. Isso se refere às transmissões do Rio e de São Paulo, mas houve também transmissões em outros estados. Locais que mereceram aplausos, sem dúvida alguma.

2 – Você participou da primeira transmissão externa da TV Globo, como foi?

Na TV Globo, as coisas foram muito complicadas porque a TV Globo começou com muita modéstia, sem recursos para grandes gastos. Quem vê hoje o poderio da TV Globo não sabe das dificuldades materiais resultantes de dificuldades financeiras que marcaram o princípio da Rede Globo. Não havia dinheiro, em última análise, então a TV Globo não tinha caminhão de externa e isso dificultava muito as transmissões. Na época eu chefiava o setor de esportes e tinha sido, por ser da equipe inicial, o homem que tinha participado da colocação do primeiro jornal falado no ar, que foi o *TeleGlobo*, e de outros programas também. Quase todos os programas eu participei por ter sido da primeira equipe. Mas o esporte me seduzia e eu tinha dois programas. Um chamado *Em cima do lance* e outro *Por dentro da jogada*. Os próprios nomes são indicativos do que eram esses programas. Eu acho até que esses programas eram bons, eram bonitos, apesar da falta da boa cobertura cinematográfica. E eu quando chegava nos sábados e domingos olhava com uma ponta de inveja as outras emissoras, como a TV Tupi, e pensava quando nós íamos, pelo menos, nos igualar aos nossos adversários.

Eu me sentia menor que meus concorrentes e um dia teve um jogo da Seleção contra a Seleção Russa, no Rio de Janeiro, e eu pensei em tentar alguma coisa de excepcional. Contratei dez “malucos” motociclistas que andavam pela madrugada e estabeleci com eles um trabalho de eles ficarem no Maracanã trazendo latas de filmes na medida em que o jogo se desenvolvesse. Eles gostaram da ideia. Contratei dois cinegrafistas da melhor qualidade e os coloquei em cima das cabines do Maracanã. Peguei uma máquina de cinema, som e imagem, peguei o José Carlos Araújo, o Garotinho, que até hoje é o grande locutor de futebol do Rio, fiz uma canga, coloquei nos seus ombros e coloquei a máquina na frente do seu peito, a máquina de som nas costas e o coloquei dentro do gramado do Maracanã pra entrevistar os jogadores. Então a filmagem era feita de cima com duas câmeras e o Zé Carlos Araújo embaixo entrevistando os jogadores. Cada lata de filme que era feita, eu passava para um dos motociclistas e ele voava para o filme ser revelado, copiado e montado. Pela norma estabelecida, o horário de exibição era até às oito horas da noite que podia ser exibido o jogo. Eu tinha até às oito horas pra fazer essa montagem e cada lata de filme ia sendo atravessada até a montagem. Isso foi feito. Eu tinha um problema que eram os últimos dez minutos de jogo, que coincidiam com a saída do público do Maracanã. Fizemos filmagens maravilhosas. Tudo foi feito, muito melhor do que na televisão, porque máquinas de filmar são muito mais fáceis de mover. Mas a última

lata era muito difícil e também a minha locomoção para colocar voz nos filmes porque esse era outro dado importante. O último motociclista era o mais louco de todos porque ele tinha que atravessar o público e me atravessar na garupa da motocicleta. Mas nós conseguimos chegar, colocar o som no filme e às oito horas em ponto, colocamos o filme no ar. Foi uma surpresa no Rio de Janeiro a entrada daquele filme, maravilhosamente montado, e diante das transmissões de VT, muito piores da TV Rio e da TV Tupi. Foi a sensação do Rio de Janeiro e chamada a primeira transmissão externa da TV Globo. Foi o filme de Brasil e Rússia, que terminou dois a dois. Eu credito tudo isso à montagem e aos malucos que toparam participar disso. Na filmagem, fizemos questão de colocar os 90 minutos, mas tiramos o material ruim e mesmo assim conseguimos manter os 90 minutos de promoção pra botar no ar. Há ainda na TV Globo grande parte deste material, mas muita coisa foi queimada no incêndio que houve lá.

3 – Por que você chamou o Garotinho, na época, pra fazer parte disto, levando em conta que ele era repórter de rádio e não de TV?

Ele era da Rádio Globo e era um auxiliar meu, passava notícias pra mim pros meus programas. Ele ganhava um cachê pra trabalhar também pra TV Globo. Além de ser cria minha na Rádio Globo, quando eu trabalhei lá. Tenho orgulho de ter sido um companheiro dele mais velho. Ele tem bastante orgulho de ter trabalhado comigo, ele fala isso pra todo mundo.

4 - Como você acha que a TV foi conquistando o público do futebol, que era fiel ao rádio? Quais foram os principais pontos?

É um pouco complicado falar disso sem se emocionar. Eu comecei no rádio. Os locutores que me ensinaram a trabalhar eram gênios. Eu me lembro muito bem do Waldir Amaral, eu tinha estudado direito e ele também. Antigamente todas as famílias queriam que seus filhos fossem médicos ou advogados. Nós tínhamos a mesma linguagem no sentido real. Nós gostávamos de nos entender. Uma vez quando nós voltamos do Chile, em 1962, da Copa do Mundo, o Waldir voltou com lágrimas nos olhos e me confessou no avião que a sua voz era muito pequena e que ele sentia que já estava perdendo pra outros locutores de voz mais forte, mais ampla, e que ele estava com vontade de parar. Eu me assustei porque novo como ele era... Eu o peguei pelo braço quando chegamos ao Rio e fizemos um percurso que antes era muito comum: direto ao bar. Fomos a um bar em

Copacabana e eu disse pra ele que apresentaria soluções nas 48 horas seguintes. Falei pra ele que a primeira coisa que ele tinha que fazer era aprender a respirar, pois ele não sabia. A segunda coisa era aprender pontuação que ele não sabia. Fui muito cruel falando isso. Mas o gênio Waldir Amaral se submeteu a aprender comigo pontuação. Eu me lembro que eu disse pra ele que ele tinha que colocar vírgula, usar orações intercaladas e os olhos deles faiscavam. Durante um mês eu pratiquei com ele. O Waldir transmitiu por mais vinte anos só porque ele aprendeu gramática e a respirar. O Waldir não tinha voz, não tinha recursos vocais e era um locutor excepcional porque ele conseguia dizer para o público como o público queria.

Eu tinha uma coisa que era a percepção do que o ouvinte queria. Eu não sabia transmitir, eu não tinha voz adequada, eu não tinha nada. Eu sempre imaginava que estava do outro lado. E a pessoa que estava do outro lado tinha que ver o que eu estava dizendo. Um dos slogans do Waldir era: “veja o jogo ouvindo a Rádio Globo”. Quando você localiza os jogadores em campo, o ouvinte sabe onde eles estão exatamente. Isso ativa o ouvinte e essa forma de ativar emociona.

Na televisão ela passa certa preguiça, pois o telespectador está sentado vendo o jogo e os lances vão passando. Ontem [16 de março de 2014] vi o clássico Fluminense x Vasco e se você me perguntar algum lance eu vou lembrar de uns três ou quatro, pois aquilo passou. Passou sem chamar a atenção. É claro que a televisão tem recursos extraordinários, mas ela ativa menos do que o ouvinte de rádio. Até porque o rádio durante muito tempo penetrou na Amazônia. Fez a pessoa lá no interior “ver” o que estava acontecendo. É muito comum um time da capital chegar no interior e o torcedor encontrar um jogador que ele nunca viu e já saber que aquele jogador é aquele que ele ouviu no rádio porque ele guardou que aquele pode ser o jogador. Essas coisas são as emoções que são transmitidas pelo rádio. Mas ver, realmente é outra coisa. Há fatos que são muito melhores você ver porque eles transcendem as dificuldades, nos aparecem com muito mais facilidade, e a televisão está aí pra isso. Agora então, com essa infinidade de recursos, as coisas se tornaram muito mais fáceis.

5 - Você acha que tem muita diferença, não só na narração, mas na transmissão do futebol como um todo no rádio e na TV?

Esse é um assunto delicado. Eu não gosto do trabalho dos repórteres hoje em dia, pela monotonia da repetição. Eu sempre falo com meus companheiros que eles devem se

auto pautar. Há o risco de, ao fazerem isso, eles caírem na repetição da pergunta. Mas mesmo assim é melhor você já ir com as primeiras perguntas prontas na sua cabeça e depois sim usar a pergunta de acordo com os incidentes do jogo. Mas é terrível pro telespectador que o repórter pergunte: “Como foi a partida? O que você achou?” Você deve chegar já com um episódio qualquer ou com algum episódio que aconteceu na partida. E os repórteres não têm tido esse cuidado de se auto pautarem. Quando você vai para o campo você já deve estar se preparando pra isso. Se eu for ouvir o Pelé, eu não vou perguntar se ele pretende fazer gol. Eu não vou perguntar ao Zico o que ele acha do jogo de hoje porque eu já sei a resposta. Eu não vou perguntar porque sei que ele vai dizer que o jogo é difícil. Ele pode achar o jogo mole, mas vai dizer que tem que respeitar o adversário. Certas coisas são sempre as mesmas.

Então isso aí é um pedaço da transmissão que a gente precisa ter um pouco mais de cuidado. Eu acredito até que a chefia deva estar tendo esses cuidados. Até porque os repórteres são jovens e ainda estão na fase de se articularem melhor. Os narradores já estão praticamente prontos. Eu tenho impressão que não há muitas restrições a fazer e eles não se modificarão também porque eles já trazem o discurso decorado. Os personagens mudam, mas a construção não muda porque a repetição dos lances é uma realidade. Então você tem que jogar com a voz, com a velocidade, com a maleabilidade, em certos esportes como basquetebol e voleibol, e o narrador não pode variar. O narrador tem que acompanhar a bola e pra isso ele não tem que ser brilhante, tem que ser apenas um narrador.

6 - Você acredita que, durante a transmissão, o repórter de TV e de rádio ainda têm a mesma função?

Não, não acho que é muito parecida. Se o repórter estiver sendo focalizado é bom que ele se componha. Ele deve prestar atenção à câmera para não tomar a frente do entrevistado. Porque o repórter de rádio ele pode tomar a frente do entrevistado. É bom que ele tome a frente do entrevistado pra não deixar o entrevistado fugir. Já o repórter de televisão não pode fazer isso se a câmera estiver focalizada, se não ele vai tomar a frente da imagem.

Outro aspecto é o tom de voz do repórter de rádio por causa da “batida” do rádio, que é muito mais rápida, mais forte. Enquanto o de televisão, principalmente sendo mulher, é aquele tom de gentileza. O entrevistado, geralmente, tem mais carinho quando é mulher. Quando é homem ele é mais seco na resposta. Quando é mulher ela pode ser um

pouco mais indiscreta, digamos assim. Com cuidado, também, porque se ela for indiscreta e atravessar o sinal ela pode também abrir a guarda pra ter uma resposta mais direta. Esse é o drama da televisão. Ter o cuidado.

7- Você acha que tem diferença entre a transmissão no rádio e na TV?

Tem uma grande diferença. A transmissão do jogo hoje nem tanto porque o aproveitamento dos locutores de rádio é uma evidência. Quase todas as transmissões em todos os quadrantes do Brasil, ela está sendo feita por ex-locutores de rádio ou atuais locutores de rádio que transmitem suas rádios e chegam ao sábado ou no domingo, no dia do grande jogo, como eles são os artistas do lugar, eles transmitem na televisão também.

8 - A diferença da transmissão fica em que esfera?

Talvez um pouco no ritmo, na dinâmica. Os que se lembram de diminuir um pouco essa dinâmica são um pouco mais lentos. Nós temos exemplos hoje no SporTV de narradores que se você for relembrar as transmissões deles no rádio, eles eram muito mais rápidos. Temos caso como o Milton Leite que criou um estilo próprio. Por exemplo, além do lado das brincadeiras que são ótimas, ele abre as vogais. “ATIIIIIRAAAA!!!” Essa abertura da vogal é uma característica dele, é a marca dele. Então ele criou um estilo próprio, além de ser um ótimo narrador. O Luís Roberto também tem uma “batida” ótima, própria, e uma variedade no vocabulário, que é muito bom. Porque a repetição da frase acaba cansando o telespectador. O Luís Roberto cria variantes de acordo com os lances. O mesmo lance que se repete, ele muda. O que não acontece com a maioria dos narradores. Aquele mesmo lance ele só troca os figurantes.

9 – Quando se está em casa é raro uma pessoa só ouvir no rádio e não assistir na televisão. Por que você acha que essa TV conquistou praticamente todos aqueles ouvintes de rádio?

Ainda há quem prefira ouvir o rádio e abaixar o som da televisão. Esse fenômeno acontece com o José Carlos Araújo. Ele tem um público próprio dele e a pessoa ouve e liga a televisão. Tenho convicção disso. Isso já foi objeto de pesquisa. Mas é uma pequena fatia. Não é uma proporção grande. O normal é abandonar-se o rádio para ver televisão. Mas quando você não tem televisão, você tem que considerar que muita gente não pode

pagar as televisões fechadas, você vai para o rádio. Tem muita gente que só tem a TV aberta. Eu considero que isso aí é uma proporção bastante grande.

10 - O que você acha que mais atrai na televisão?

Eu simplifico muito as coisas. Eu acho que o locutor de rádio é melhor que o locutor de televisão. Não estou desfazendo dos meus colegas de televisão. Mas eles trabalham numa camisa de força porque eles têm que seguir aquilo que eles estão vendo. E os de rádio têm um leque maior. Eles podem sair daquele padrão. Por exemplo, vou me citar outra vez. Houve um período que eu fazia aquelas aberturas de transmissão pro Waldir Amaral. Então, eu escrevia pra ele. Quando chegava na Holanda, por exemplo, eu escrevia: “Parece um jogo de futebol em um campo de tulipas”. Um jogo de futebol em um campo de tulipas é um negócio poético, sabe? Já é outra coisa. Se vai jogar na Rússia: “Estão chutando em um campo de girassóis”. Quer dizer, você não está modificando nada, mas você sabe que a Rússia é o país dos girassóis e tal. Então é tão bonito você tocar nesses assuntos. Uma coisa que você busque que mexa com o coração da pessoa faz isso. Então, flor faz isso. É decisivo.

7.2 – Anexo II

Entrevista José Carlos Araújo – Garotinho (narrador radiofônico)

1 – A monografia vai analisar as transmissões de futebol no rádio e na TV

Como a televisão já mostra a imagem, essa imagem é fria. Então a narração na televisão ela parte do princípio de como está mostrando a imagem não precisa relatar o óbvio. O rádio tem um desafio muito grande. Ele trabalha com o imaginário do ouvinte, ou seja, ele cria imagens através de palavras com a cabeça de cada ouvinte. E esse ouvinte tem que ser informado, por exemplo, do posicionamento da bola, se ela está pela defesa, se ela está na direita, se ela está pela esquerda, para que esse ouvinte possa criar essas imagens cada vez mais ricas. Na medida, também, em que a bola sai de uma defesa, vai para o meio-campo, ultrapassa a metade [do campo], vai para intermediária contrária, pra entrada da grande área contrária, a tonalidade de voz tende a crescer pra poder transformar a emoção e fortalecer essa imagem. Vai crescendo e isso é pra vender a emoção com o *timing* do rádio. Isso não impede que o mais viciado pelo rádio esteja já condicionado a ter a imagem da televisão e ligar o rádio, mesmo quando o famoso *delay*, aquele retardado devido a declinação de satélite, proporcione à narração do rádio estar na frente da imagem da TV a cabo.

Quando a gente fala em diferenças de coberturas de televisão e de rádio, a TV a cabo: SporTV, FOX Sports, ESPN, elas fazem nos grandes eventos, o antes e o depois que o rádio antigamente fazia. Por que ela consegue fazer hoje o que o rádio antigamente fazia? É porque antigamente o rádio não pagava direitos, como hoje não paga. Mas mesmo não pagando direitos, antigamente, o rádio tinha acesso ao vestiário, coisa que não acontece. Na área restrita, somente as TVs que têm os direitos adquiridos. Isso dá uma velocidade na informação e uma riqueza na informação que o rádio dava anteriormente. Então, o grande desafio do rádio hoje é explorar a emoção na expectativa, quer dizer, o antes do jogo, e a emoção pós-jogo, ou chutando o balde, ou com a vibração excessiva com a conquista. Isso o rádio pode explorar com uma dinâmica que a TV não pode ter.

No pós-jogo, o pessoal sai “pê da vida” ou comemorando do Maracanã. Na praça Varnhagen [Tijuca], por onde eu passei uma hora e meia depois do jogo entre Flamengo e León [09 de abril de 2014], a galera estava bebendo mas não comemorando. Diria beber pra esquecer? Não sei. Mas pra se lamentar. Essa lamúria não é coberta pela televisão. O rádio poderia cobrir. Quantos e quantos bares, sejam na Zona Sul, na Baixada

[Fluminense], na Zona Oeste, Niterói e São Gonçalo também tiveram o mesmo comportamento ou saiu briga, um vascaíno que provocou um flamenguista. A televisão não cobriu isso. Nem o rádio. Eu, na [rádio] Transamérica, não faço porque é uma rádio jovem, de música, que de repente eu não tenho o espaço jornalístico pra cobrir isso. Mas de repente uma pauta jornalística decente, com espaço pra se cobrir, cobriria essa repercussão pós-jogo, e o dia seguinte antecipado: aquilo que vai sair no *Globo Esporte* [programa da TV Globo] no dia seguinte, aquilo que vai sair nos jornais, eu já teria coberto na madrugada.

Então em princípio é isso. A diferença da cobertura esportiva na televisão acaba para a TV aberta, no caso a Globo e a Bandeirantes têm os direitos. Ela não tem tanto espaço devido à sua grade de programação que têm as emissoras como SporTV, ESPN e a FOX (Sports).

2 - Você trabalhava no rádio quando surgiu a televisão, como foi esse surgimento da TV nessa cobertura?

Bom, eu trabalho em rádio desde os 14/15 anos. Quando eu fui pra televisão, eu fui como a maioria dos profissionais de rádio vai pra televisão só que a maioria se empolga com o veículo de televisão e quer abandonar o rádio. Eu tenho na minha raiz, no meu DNA, o rádio. Então, eu sei que eu sou um profissional de rádio. Eu faço televisão muito mais pra alavancar meu trabalho no rádio, tornar-me um profissional conhecido do grande público, exatamente pela imagem e não somente pela voz. Porque antes de eu aparecer na televisão, era comum eu entrar no táxi e falar com o motorista e ele olhar pra trás assustado e falar: “Seu Zé Carlos?” Hoje não acontece isso. Quando eu faço sinal ele já sabe que sou eu. E o fato de você entrar na casa das pessoas diariamente dá também certa liberdade de abordagem do público na rua. É diferente de quando eu só fazia rádio. Não havia esse assédio ou interpelação por algo que eu disse no rádio. E o ouvinte-telespectador, ele mistura. Ele é capaz de me cobrar na rua ou na rádio através de e-mail, algo que eu falei na televisão. Ele não desliga aquela figura, aquela imagem, do profissional do rádio, do profissional da televisão. Eu passo a ser uma figura só.

3 – Você também participou da primeira transmissão da TV Globo em 1965. Como foi essa experiência?

Antes de qualquer coisa eu vou dizer que o Teixeira Heizer foi um dos maiores mestres que eu tive no rádio. Porque quando a TV Globo surgiu em 1965, eu entrei pra Rádio Globo em 1964, em primeiro de abril. Eu já era plantonista em 1963, mas eu era locutor comercial da Rádio El Dourado. E o Teixeira era um profissional, como é até hoje, com uma linguagem corretíssima, com um texto maravilhoso e um purista da nossa língua. Então ele corrigia alguns erros nossos de redação, de colocação. O Teixeira é advogado, não é jornalista de faculdade, de formação. Como eu sou professor de geografia, que não tem nenhuma relação. Mas somos profissionais do jornalismo por vocação. Eu me lembro que quando surgiu a TV Globo. Ela não tinha profissionais próprios. Ela usava profissionais do esporte da Rádio Globo pra preparar o texto que o Teixeira entrava no Jornal Nacional. Porque a bancada do Jornal Nacional tinha o Teixeira Heizer como o colunista do esporte. E eu fazia o resumo das notícias do esporte do dia.

O primeiro diretor da TV Globo foi o Rubens Amaral, que tinha sido o nosso diretor, grande locutor e grande repórter, tinha sido nosso diretor na Rádio Globo. Quando surgiu a primeira transmissão, não ao vivo, era gravado, você gravava em uma máquina antiga e ia para o laboratório pra revelar, ele deve ter explicado isso, e juntava os áudios com as imagens. O Teixeira narrou. Eu fazia ponta pra Rádio Globo mas, o antes, o intervalo e o final quem fez as entrevistas de campo fui eu pra TV Globo. Só que o acervo da TV Globo, quando houve o grande incêndio, no Jardim Botânico, lambeu tudo que tinha de celulóse lá das imagens. Mas eu fui o primeiro repórter de campo da TV Globo e o Teixeira foi o primeiro narrador. Um detalhe curioso desse jogo é que terminou Brasil 2 x 2 União Soviética, e o Manga era goleiro da Seleção Brasileira e no tiro de meta que ele bateu, eu estava exatamente atrás daquele gol à esquerda da tribuna. Ele chutou a bola, bateu na cabeça do camisa 9, Banishevski, da União Soviética e entrou. Foi gol da União Soviética por precipitação e apavoramento do goleiro Manga. Isso eu nunca mais esqueci. Como tenho boa memória me lembro de todos esses detalhes do jogo e me lembro também da transmissão. Mas foi o Teixeira quem me chamou a atenção muitos anos depois que aquela tinha sido a primeira transmissão. Pra mim aquilo ali, eu estava trabalhando na Rádio Globo, e tal, e aquilo tinha passado batido. Ele que me chamou a atenção pra importância histórica daquele trabalho que nós efetuamos. Aquele filme foi revelado e

parece que só foi colocado no ar de noite. O laboratório era nas Laranjeiras. Me lembro até do cinegrafista.

4 - A emoção no rádio está na voz. Você acha que na televisão a emoção está na imagem?

A emoção está na imagem, mas como dizia o Nelson Rodrigues, naquela época, que não havia muito, não havia transmissão ao vivo, ele dizia que o videoteipe era burro. Eu digo mais, o videoteipe, a transmissão pela televisão é fria, a imagem é fria. A única imagem que choca, eu acho que é, por exemplo, de um baita de um choque de dois jogadores. Essa imagem choca e emociona. No jornalismo é comum a televisão vetar determinadas imagens de chacina, de atropelamento com a violência muito grande, um acidente mutilando as pessoas. Isso choca muito.

O que realmente traz a emoção é a conjugação da imagem com o áudio. Como o rádio, não tem essa imagem, é o grande desafio, e é o que faz o diferencial entre os diversos profissionais, através de a voz conseguir transmitir essa emoção. Então, é por isso que o profissional do rádio ele é mais valorizado do que o profissional da televisão, em determinados aspectos: quando ele é muito bom, ele é diferenciado, ele, realmente, é muito mais valorizado. Na televisão, poucos são aqueles que, mesmo em bancada de telejornais, conseguem improvisar pra poder transmitir uma emoção maior. Porque o texto lido do *teleprompter* (TP) friamente, e que não foi produzido por quem está lendo, fica falso até quando ele quer vender um momento de emoção. Ele pode até conseguir transformar aquele texto em emoção, se ele improvisar em cima daquele texto e ele tiver capacidade pra isso.

5 - Você acha que tem uma narração ideal pra TV?

A caixa do rádio, e hoje, um iPhone é que o cara ouve o rádio pelo celular, ele já tem um som mais agudo e a emoção é muito mais forte, quando o som tem frequências mais altas, mais aguda. A caixa da televisão, até as mais modernas, ela tende a ter uma frequência mais baixa, um som mais grave. É mais difícil pelo áudio você transmitir emoção. Até porque o grito de gol com uma tonalidade alta, aguda, vai lá pra cima, se você botar grave ele não tem a mesma vibração e a caixa da televisão ela puxa. Eu vejo hoje nas televisões brasileiras uma preocupação óbvia pela imagem e os profissionais de engenharia não se preocupam com a equalização do áudio. Enquanto que o rádio, como só tem o

áudio, ele tem a preocupação. Eu tenho um ouvido que os colegas falam que é ouvido de tuberculoso. Sei analisar quando está uma equalização muito grave, quando está uma equalização muito aguda. Não pode ser nem lá, nem cá. É lógico que cada transmissor de cada rádio já sai um sinal com uma tonalidade firme, já sai na mesa de som uma tonalidade fixa. O que vai mudar é a equalização da mesa da cabine e a equalização da mesa do retorno numa central técnica, mas eu sou muito preocupado com a qualidade do som. Não estou falando em potência, eu estou falando em qualidade, exatamente porque eu dependo transmitir minha emoção desse produto final chegando com equalização ideal.

6 - Você vê o rádio atualmente como um complemento da televisão?

Eu vejo o rádio não apenas como complemento da televisão, como eu vejo a internet um complemento do rádio. Entendeu, quando muita gente diz assim: “Ah! Você não acha que a internet vai ser a grande concorrente do rádio?” No radiojornalismo não, eu acho que ela é um complemento. Ela realmente é um, dá uma contribuição muito grande hoje com a interatividade, porque você abre várias ferramentas, vários canais, quando antigamente somente um telefone era o recurso que tinha o ouvinte para se manifestar, para participar. Eu transmito futebol com meu iPad, antigamente era meu laptop, hoje é com iPad. Eu tenho a participação permanente de ouvintes e estou interagindo com eles. Embora, na retaguarda tenha a participação permanente *facebook* não dá para você transmitir com *facebook*, *twitter*, telefone, e-mail, então não dá. Porque o futebol hoje é um produto, como é um produto, eu não tenho que ler texto, eu tenho que vender esse produto, então esse desafio que eu tenho nas transmissões, me obriga a focar exatamente além da transmissão no meu cliente, àquele que está me prestigiando, àquele que está me apoiando. Enquanto que na televisão, o produto quando, o locutor deixa pra entrar o foguete, e geralmente, três, cinco segundos a marca, a logo da marca, aparece e sai para o cara fixar. E há determinados fatores inclusive, isso fixa muito, inclusive que é proibido, não sei se é pelo Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar), existe uma legislação, que se você piscar, por exemplo, um produtor, digamos assim: *Coca-cola*, piscar um tempo, é proibido. Porque se não aquilo ali, induz você a ficar mais ainda do que as outras mensagens.

7 – Análise da participação do repórter na transmissão de rádio e de TV.

São espaços inteiramente diferentes. Hoje o futebol, na cobertura jornalística, está muito mudado, porque eu sou do tempo que o repórter, em que eu entrava no vestiário, antes e depois do jogo. Quantas vezes eu entrevistei o Zico, ele fazendo massagem no vestiário, ele ia para o chuveiro, barra a banheira, batia papo. E a gente fazia amizade com os jogadores. Hoje os jogadores são blindados por uma série de assessores de imprensa. A formatação, como é globalizada, universalizada hoje é um ou dois que participam da coletiva, geralmente é o técnico e só. Você, na cobertura diária dos treinos, tem um ou dois que participam dessa coletiva. Então o talento do grande repórter foi tolhido.

Hoje eu ponho um estagiário para cobrir clube. Por que estagiário para cobrir clube? Porque ele vai me trazer o áudio, que é padrão, todas as emissoras vão ter, televisão e de rádio. Então, eu preciso dos profissionais mais talentosos com as suas fontes de informação pelo telefone. Preciso dos grandes talentos e mais experientes que utilizem as suas amizades dentro do clube, ligando para algum conselheiro, para colher uma ou outra informação que o estagiário não vai ter. Mas ao mesmo tempo, aquele material padrão que ele traz para redação da coletiva pós-jogo ou da coletiva pós-treino vai servir para eu orientá-lo e mostrá-lo. Além do mais, é uma repetição de perguntas óbvias e eu, uma coisa que eu me preocupo muito é orientar o jovem repórter. A pergunta longa, muito longa, às vezes até embutindo um comentário ela vai representar uma resposta curta. Enquanto a pergunta inteligente, curta, pode promover uma resposta longa.

8 - E quanto ao papel do comentarista?

Eu acho que aí já não faz muita diferença não, porque o comentarista, ele tem que analisar. Existem vários tipos de comentarista. Existe, por exemplo, ex-jogador. Uma observação que quase ninguém faz é que se ele é meio campo, o Gérson ou o Roger, ele se preocupa em comentar o meio campo. O lide do comentário dele é o meio campo. Quando o Raul Plasma era comentarista, eu sentia que ele tinha uma visão mais globalizada, mas se preocupava muito mais de comentar a defesa, as zagas. O Júnior, por exemplo, era jogador de defesa, mas ele tem uma abordagem mais ampla. O Falcão era jogador de meio campo, é um comentarista que tem uma abordagem mais ampla, mas sempre tem um foco muito direcionado para a atuação dos meios campos, isso eu tenho observado. Isso é ex-jogador. Os que não foram jogador, por exemplo, o Washington Rodrigues, o Apolinho [como é conhecido], ele comenta pelo lado jocoso, irônico e, de certa forma até, bem popular, com

a linguagem bem coloquial. Por isso, às vezes, tem um agrado maior do grande público. Quando vem chegando a Copa do Mundo, eu me lembro que a [TV] Globo contratava o Pelé, Ronaldo Fenômeno. Por que isso? Porque são grifes, são marcas. Eles não sabem ver o jogo como o torcedor, mas, porque a audiência da Copa do Mundo é muito maior do público que não é ligado no dia-a-dia no futebol. E, por isso, essas figuras, figurinhas carimbadas, são, realmente a atração maior. Mas aí passa a Copa, vão ser descartados.

9 – Quanto aos comerciais e foguetes na TV e no rádio?

O foguete é o seguinte: eu já falei aqui, eu tenho a obrigação, durante o jogo de, primeiro, vender aquele produto da melhor forma possível de acordo com aquele momento do jogo. Segundo, não fazer com que aquele produto que eu estou vendendo àquela hora, vá prejudicar o desenvolvimento de uma jogada que pode resultar em gol, porque se assim o fizer, eu estarei lançando uma propaganda negativa para aquele produto junto ao meu cliente, que é o meu ouvinte e que poderia ser cliente em potencial daquele produto.

10 - Você acha que a TV também tem essa preocupação?

A televisão tem porque quando o narrador pede o comercial é com uma bola fora ou uma bola na lateral. Uma diferença grande é que o profissional top do rádio esportivo, que era o locutor, muitos anos atrás o *speaker*, hoje é o comunicador. Na televisão ele não tem a obrigação de ser comunicador. Qual é a diferença? O comunicador do rádio não se limita a contar a história do jogo. Ele tem que vender aquele produto, apresenta um grande *show*, chama o jornalismo, faz comentário. Antigamente narrador só narrava, comentarista só comentava e comentarista de arbitragem só comentava arbitragem. Hoje não. Hoje o comunicador é cobrado para emitir opinião sobre todos os aspectos daquilo que está envolvendo aquela partida. Isso acontece somente no rádio.

7.3 – Anexo III

Entrevista Leovegildo Lins da Gama Júnior– Júnior (ex-jogador e comentarista da TV Globo)

1 - Na época que surgiu a TV, você era jogador de futebol. Como foi conviver com essa mudança?

Eu vivi muito mais a fase do rádio. O rádio pra gente era tudo. Aquele *slogan* da Rádio Globo, “Veja o jogo ouvindo a Rádio Globo”, acho que isso expressa pra quem gosta de futebol, a frase mais expressiva, mais legal de todas elas, que você pode pegar. Porque, realmente, quando a gente escutava o rádio, ainda garoto, e depois como profissional, o rádio tinha esse impacto. E, naturalmente, com o passar do tempo, a televisão foi ocupando esse espaço. É lógico que o visual é muito mais do que qualquer coisa. Quando você tem uma imagem, não adianta você falar porque a pessoa vai prestar muito mais atenção na imagem do que na tua fala. A diferença está na modernidade, nos próprios recursos que ela tem. Quando eu escuto o cara dizer assim, “eu não gosto de fulano, eu abaixo o volume e vou escutar o jogo no rádio”, mas você tem um *delay*, atraso. O cara do rádio tem que passar uma emoção diferente da emoção que o cara da TV passa. Eu já fiz essa experiência e fica uma coisa completamente sem sentido. Por exemplo, “passou perto do trave”, o cara mostra o *replay* e a bola passou três metros de distância. Acho que são dois recursos legais.

Eu sou “rádiomaníaco”. Ouço a Rádio Globo sempre, talvez seja o vício. Eu comecei a gostar de futebol com o meu tio, irmão da minha vó. A noite ele chegava do trabalho e tinha um programa na Rádio Globo, acho que era até o Panorama Esportivo, que ele ia das oito até às dez horas da noite. Então eu sentava, conversava com ele e me acostumei muito a escutar rádio. De viver o rádio. Claro que tem um fascínio completamente diferente da televisão.

2 - Você acha que dentro de campo, para os jogadores, foi um impacto a chegada e o crescimento da TV nas transmissões de futebol?

A força que tinha, e eu acho que tem, o rádio ainda é aquele negócio de você ter a ligação direta com os jogadores. Nós pegamos uma fase aonde os repórteres iam dentro do vestiário. Aliás, os e as repórteres, faziam entrevista, com os jogadores de toalha. É completamente diferente hoje que os jogadores têm certa privacidade que eu acho que tem

que existir. Hoje repórter não presencia mais certas situações em vestiário depois do jogo e discussão porque os jogadores estão isolados. Antigamente isso era impossível, você discutir com uns companheiros depois do jogo, e os repórteres estavam entrando. Então os jogadores viviam isso. Hoje tem uma privacidade. Nós éramos profissionais e os caras [repórteres] também, mas acabou o trabalho, a gente sentava junto pra tomar chope, se contava história em *off* e história em *off* morria. Sou amigo até hoje de Antônio Maria Filho, de Marcos Penido, dessa galera toda da antiga. Existia uma ética e um respeito muito grande. Tinha gente que você tinha mais intimidade e, de repente, você dava um furo pro cara [repórter]. Tinham outros que você tinha menos intimidade que o cara só sabia o básico, o normal do que saía. Essa é uma coisa que eu acredito que hoje em dia não exista mais.

Outro problema que eu acho que o rádio, hoje em dia, tem muito, pelo que se diz, é essa ligação que existe de muitos repórteres com empresários. Do repórter falar bem de determinado jogador, isso eu acho que ainda existe. Isso na nossa época era uma coisa que praticamente não existia. Hoje também existe a figura do assessor de imprensa. Que foi um “filão” que os jornalistas acharam, porque tinha gente que não sabia nem dar uma entrevista, não sabia a hora de dizer tal coisa. Então, hoje para o repórter chegar até tal jogador ele passa por umas barreiras. Eu acho que você, com isso, acaba quebrando aquele lance da amizade, da confiança, do respeito, vira uma coisa muito profissional. Os jogadores dificilmente falam alguma coisa além daquilo que é perguntado, pela falta de confiança que existe. Na nossa época era bastante diferente isso. Funcionava mais. Eu lembro que o Antônio Maria, todo mundo sabia que ele era torcedor do Botafogo e ele cobria o Flamengo na minha época, pelo Jornal do Brasil. E a gente via que ele torcia pra gente, porque o nosso sucesso diretamente era o sucesso dele. Aí na véspera do jogo [mundial contra o Liverpool] lá em Tóquio, falei pra ele que se a gente ganhasse eu ia carregar ele na volta olímpica e ele falou: “Eu vou!”. Ai quando começou a volta olímpica que fui atrás dele e falei: “Vamos lá Maria que você prometeu!”, e ele foi! Esse tipo de relação hoje eu acho difícil.

3 - Você acha que o rádio perdeu muito por não enviar profissionais ao estádio?

Isso é aquele problema da questão financeira. O rádio perdeu muito. Perdeu espaço não foi para o futebol. O rádio perdeu espaço para a publicidade. A publicidade da televisão, com a imagem, ela atinge muito mais forte. Por exemplo, quando você vai fazer

alguma coisa no rádio, você vai dizer assim: “Eu sou o Júnior.” Por mais que as pessoas estejam acostumadas com a minha voz na televisão, no rádio você tem que se identificar. Na televisão não precisa. Então perdeu muito isso aí.

Infelizmente a tendência vai ser uma caída maior ainda porque é a questão da televisão. Antigamente você não tinha na grade das TVs o futebol. Hoje você tem um programa na hora do almoço e você tem os jogos. Antigamente você só tinha o rádio. Em 1995, foi meu primeiro ano fazendo *freelancer* na [TV] Globo, transmitindo o Campeonato Brasileiro e Libertadores, era outra coisa, porque você não estava na grade. Você tinha os jogos, mas não tinha uma coisa certinha. Hoje não. Você está na grade. A novela acaba nove e quarenta e cinco da noite, então nove e cinquenta a gente está no ar com a audiência lá em cima. Assim como na última quarta-feira [Flamengo x León, pela Libertadores, no dia 09 de abril de 2014], a novela largou com 34 pontos e a gente estava com 32 pontos durante um bom tempo. É um número expressivo. Em jogos do Flamengo principalmente, que é uma coisa meio fora do padrão. Mas essa própria audiência faz com que tenha uma importância muito grande.

Mas, voltando, eu acho que a questão financeira fez com que as equipes [de jornalismo esportivo] não acompanhassem mais, porque o custo é muito alto e o retorno em termos financeiros é muito menor. Antigamente, a gente fazia aquelas excursões no meio do ano pra jogar os torneios na Espanha, como Tereza Herrera, com repórter com a gente. Era um negócio muito legal porque você pegava essa intimidade e essa relação que ia além da relação esportiva.

4 - No rádio a emoção está na narração. E na TV, está na imagem?

No rádio o ouvinte não vê a imagem. Então o narrador é obrigado a dar uma superdose de emoção para que prenda o ouvinte. Por que o narrador na televisão é mais picotado? Porque o telespectador está vendo o jogo. Então você não precisa falar porque ele está vendo aquilo ali. Existe uma reclamação muito grande de telespectador em função disso. E tem outra coisa também que acontece que é o seguinte: está tendo um lance e a câmera mostra outra coisa. Eu praticamente sou obrigado a dizer: “fulano está trocando de chuteira ali”. Então a imagem é muito forte.

5 - Você acha que por conta da emoção na narrativa da rádio, ainda tem muita gente que abaixa o volume da TV pra ouvir o jogo no rádio com a imagem da TV?

Acho que hoje em dia muito menos, a não ser que você tenha uma relação de contraste com quem está narrando. Mas eu acredito que a maioria ouça o áudio da televisão até por uma questão de equilíbrio mesmo.

6 - No começo da televisão, muitos radialistas foram pra televisão, narradores e repórteres. Você acha que com a chegada da TV, os narradores tiveram que se reinventar na narração?

Não digo nem se reinventar, eles tiveram que encontrar o *timing* certo daquilo, porque se não fica desproporcional. A narração de rádio é uma, a narração da televisão é outra completamente diferente. Então eles foram encontrando, porque no rádio você fala: “o jogador pegou a bola, tocou na direita” Na televisão não precisa porque você está vendo que o jogador está no lado direito. Então tem esse lado que vai da sensibilidade dos narradores de TV. Mas o pessoal de rádio você nota. Trabalhei cinco anos com o Luís Carlos Júnior e já estou há cinco com o Luís Roberto. São dois estilos diferentes. É claro que o Luís Roberto tem muito mais experiência do que o Luís [Carlos] e são dois estilos diferentes.

E tem outra coisa dentro da televisão que é a questão da audiência. Durante a transmissão o cara te diz “tem cinquenta ligados, trinta com a gente” e isso é uma forma. Muitas vezes é dito assim: “Vamos colocar pra cima porque o concorrente está no intervalo”. Então aí o narrador tem que dar aquela dose de emoção. Eu tive uma experiência com o Galvão, em 1998, que talvez tenha sido a maior transmissão que eu já vi um narrador fazer. Na Copa de 1998: Estados Unidos e Irã. O jogo estava passando para o Brasil às duas e meia da tarde. Quem vai ver Irã e Estados Unidos? Ninguém! E o Galvão foi capaz de pegar com uma audiência, por exemplo, 13 pontos e levar ao dobro. A primeira coisa foi no cara e coroa, antes de começar o jogo, ele falou: “O iraniano falou *thank you* para o americano”. O cara vai “pegando”. Ele leu o iraniano falar, entendeu? Então, quer dizer, isso é o carisma do narrador que faz com que dê certo. Naquilo que ele faz ele é insuperável, não adianta. Eu sou suspeito, ele é meu amigo. Defendo sempre. Mas foi uma experiência que eu nunca vi na minha vida. Porque você fazer Alemanha e Holanda é mole, fazer Itália é mole. Mas Irã e Estados Unidos é duro. Ele conseguiu fazer

com que as pessoas ficassem ali ligadas em um jogo horroroso. Ele transformou aquilo ali. E essa capacidade são poucos que têm.

7 - Você acha que na TV o narrador fica um pouco mais comentarista?

Quando ele quer. Antigamente você tinha o narrador que praticamente fazia tudo. Ele narrava e comentava. Tem muitos lugares ainda que você tem. A gente vê nos grandes eventos que ainda têm muitos que narram e comentam. Graças a Deus foi aparecendo o espaço para os comentaristas e depois para os comentaristas de arbitragem, que são muitos poucos lugares que usam. Eles usam um programa de arbitragem, como na Itália, por exemplo, chamado *Moviola*, que quer dizer “a câmera lenta”, então esse programa eles botam o ex-árbitro pra ele comentar exatamente as jogadas, mas ao vivo quem comenta é o comentarista e o narrador. Então eu acho que por isso muitos que ainda não se adaptaram que é um dos problemas que existem do nosso titular [Galvão Bueno].

Nós, ex-jogadores, não somos melhores do que os comentaristas que não jogaram, mas eles nunca tiveram o frio na barriga de saber quando você entra e de jogar uma decisão. É diferente. Por mais que o cara seja bom, que tenha a vivência do futebol, mas é diferente. Porque o cara não viveu aquilo ali. Eu não estou dizendo que são bons ou são ruins. Alguns dá para parar pra escutar, tem outros que nem isso.

Essa história agora de número. Futebol é o esporte coletivo, aonde o mais fraco pode ganhar do mais forte. No vôlei nunca acontece, quase nunca, né? No basquete menos ainda. No futebol acontece. Eu já perdi de 3 x 2 pro São Cristóvão com o time quase campeão do mundo e perdemos de virada. Quais são os números que vão comprovar isso? Tantas vezes o time começa a se defender, se defende por 89 minutos contra o grande e em um contra-ataque o cara chuta e é gol e acabou. Todos aqueles números já eram. Você, se basear no número, eu acho que pode ser uma bengala pra você falar alguma coisa. Você tem o teu conceito e usa o número pra comprovar. Não dá pra partir do número como conceito. “Ah, o time que faz mais falta ganha o jogo.” Não é verdade. O time que faz mais falta tem mais jogadores expulsos. Isso é verdade. Então pra você falar de uma expulsão você pode dizer: “o time que faz mais falta, normalmente, tem mais jogadores expulsos”, que é o natural.

É legal pra algumas coisas, por exemplo, o time está dominando o outro. A relação de um time dominar o outro é chutes a gol. Ações ofensivas. É até um gancho pra chamar o comentarista. É uma bengala mesmo. Ficamos monitorando os chutes de cada time e, por

exemplo, se tivermos 17 chutes contra 3, o Luís Roberto me aciona e a gente fala dos números. Eu acho que tem muita gente que usa demais e não pode ser assim. A estatística nem sempre, no futebol, quer dizer alguma coisa. No vôlei e no basquete sim, mas no futebol não. Tanto que os treinadores dessas modalidades usam isso.

8 - Você acha que o rádio é o complemento da TV?

Eu saio do Maracanã ou saio da TV e eu vou escutando a Rádio Globo. Porque vai me ajudar: o que o treinador vai falar na coletiva? Nós não temos mais a coletiva. Só vou ter a coletiva depois, no outro dia. Antigamente a gente ia para o Maracanã com o radinho de pilha. Meu tio dizia assim: “Ué, mas o homem está vendo o jogo. Ele precisa que alguém diga pra ele o que está acontecendo?” E eu dizia pra ele: “Mas tio é porque você entende de futebol, você gosta de futebol. O homem que não tem essa sua experiência, ele precisa de alguém que diga pra ele o que está acontecendo.” Mas é legal isso. Muita gente hoje ainda leva o radinho. Porque hoje, também, todo torcedor é comentarista. Ele sabe sempre tudo. Para ele pouco importa o que o jogador fez durante a semana. Se você não acompanhar o dia a dia você está arriscado, durante a transmissão, deixar um vazio no ar, no meu caso. Você tem que acompanhar o dia a dia. E o rádio te dá isso *online*. Você tem os programas, principalmente a noite, e tem o resumo do dia. Se para nós, que somos profissionais ajuda, você imagina o cara que passou o dia inteiro trabalhando. Por que a audiência desses programas é boa? Por que eles colocaram os programas até às 22h e não a partir das 22h? Porque o trabalhador no outro dia acorda cedo, então ele tem que dormir. E com o trânsito de hoje em dia, a pessoa começa a escutar os programas no carro e continua em casa. É a evolução.

9 - Como você analisa os repórteres de TV e de rádio na transmissão?

Eu acho que você ser repórter de rádio como jornalista deve dar um prazer muito grande. Porque você está vivenciando. Os setoristas dos clubes vivem o dia-a-dia até chegar o jogo. E ele acaba torcendo pelo sucesso do time. O cara da TV não. Hoje ele está no Vasco, amanhã vai estar no Fluminense, depois vai estar no Flamengo... Existe uma rotatividade muito grande. E talvez isso seja até uma estratégia da própria televisão de não ter setoristas. Antigamente até tinha. Hoje não. Os repórteres rodam para não ter vínculo mesmo. Não ter relação nenhuma. Em compensação o repórter da televisão tem muito mais o lado investigativo do que o repórter do rádio. O repórter de rádio é mais abusado. Ele te

pergunta ao vivo toda hora. O repórter da televisão só tem aquele espaço depois do treino ou então na saída do campo. O repórter do rádio, eu acho que tem mais liberdade pra isso. Eu acho que os estilos eles devem, naturalmente, acompanhar aquilo que tem na transmissão. Quer dizer, tem transmissões que a gente vê no rádio que a equipe brinca muito. E tem outras transmissões que são mais sérias. Então eu acho que o repórter tem que se encaixar em cada tipo de transmissão.

Outra questão é o repórter misturar a paixão com o trabalho. Ninguém vai vingar no futebol se não tiver um clube. Hoje eu estava até ouvindo o Penido começando o programa na Rádio Globo e o Tino Júnior que estava acabando o programa dele estava brincando com o Penido: “Vou revelar seu time em, Penido.” E ele falou: “Eu amo todos.” E o Tino respondeu: “Mas todo mundo tem um time, não tem jeito.” e o Penido disse: “Não tem problema não, pode revelar. Mas hoje eu gosto de todos pelo trabalho que eu faço. Lá atrás eu era Botafogo.” Mas é difícil o cara falar isso. Principalmente no rádio. Mas por exemplo, Jorge Cury nunca negou que era Flamengo. Carlos Marcondes nunca negou que era Fluminense. João Saldanha nunca negou que era Botafogo.

Eu tive uma experiência, que acho que foi o maior elogio que já recebi de uma torcedora, quando eu estava indo pra São Paulo fazer um jogo e a encontrei. Era uma senhora e pediu pra tirar uma foto comigo. Tirei a foto, autografei a blusa pra ela e saí. Quando eu estava andando ela falou: “Você tem que deixar de ser imparcial.” Aí eu falei pra ela que ela não sabia o elogio que ela estava me fazendo. Porque na minha testa isso está escrito. Mas aquele ali é meu trabalho, a empresa não me paga pra torcer. Não que eu não torça. Mas eu não posso expressar minha torcida. Até em questão de respeito aos torcedores dos adversários do Flamengo. Eu acho que isso é o número um. A prioridade é a imparcialidade. Mas tem gente, às vezes, que não consegue dominar o lado do coração. E esse, talvez, seja o grande erro dos comentaristas, até mesmo os caras mais experientes que demonstram mesmo. Eu só torço quando é o Brasil. Se eu estiver com a Seleção Brasileira não tem jeito. Na Copa do Mundo de 2002, por exemplo, eu fiz uma coisa que não se faz nunca. O narrador gritando gol e você entrar no meio da narração. O Luís Carlos gritava gol e eu gritava “A muralha também falha!” Aparece isso na transmissão. E ninguém me disse nada. Porque você ali está envolvido na emoção. E quando o Brasil joga, a torcida é geral. Ainda mais pra quem já esteve lá. E eu tenho uma relação com o pessoal da comissão técnica. Mas então, narrador grita gol, deixa ele gritar. Não interrompe que aquilo ali é a hora sagrada dele.

10 – E quanto ao comentarista? É a mesma função no rádio e na TV?

Eu acho que no rádio você pode até florear mais. Na televisão você não pode florear. Na TV o máximo que você pode tentar fazer, pela experiência que você já teve de ter jogado, é saber, mais ou menos, que algumas situações podem acontecer em função do que está rolando. No rádio você pode falar isso mole, porque ninguém está vendo. Então você pode dizer, mas não que seja uma coisa errada. É uma forma que o comentarista tem também de mostrar competência. A gente tem a ajuda da imagem, que eu acho que é muito favorável. Só que, muitas vezes, está acontecendo uma jogada no ataque e eu estou olhando o posicionamento da defesa de quem está atacando, quando estou no estádio, porque essa imagem não está na tela. Depois, por exemplo, se tiver a bola de contra-ataque, tem uma base pra dizer, “está no mano a mano, não tem sobra.” E quando você está fazendo isso *off-tube* [do estúdio], você fica meio refém. Você pode até incluir isso, mas você vai ter que contar. No estádio é só você dar uma olhada. Nós preferimos fazer do local. Do estúdio você perde um pouco aquele clima do estádio. Você tem que acompanhar o ritmo da torcida.

Agora, em questão de espaço. Se você for falar de comentarista do SporTV, pela experiência, foram cinco anos, você fala muito porque é um estilo. Se você bota no SporTV você quer ver esporte. Se você está na [TV] Globo, você está esperando uma novela, esperando um programa. Então não é um público específico do futebol. A maioria, pelo menos, é. Mas de repente você tem uma senhora de idade que está assistindo, então, até seu linguajar tem que ser cuidadoso, menos técnico. No SporTV [qualquer canal especializado] não. Dá pra você falar em esquemas táticos porque é o que o telespectador quer escutar. Essa é a diferença da televisão aberta para a televisão fechada, específica para o futebol.

Antes de ir para [TV] Globo, fiquei cinco anos no SporTV e foi uma bela preparação. Nos meus dois últimos anos, 2002 e 2003, eu só falava o essencial, porque quanto mais você fala, a probabilidade de você errar é maior. E comentarista fala demais, às vezes se torna repetitivo. E o telespectador se dá conta disso. Na [TV] Globo acontece menos isso. Lá o espaço é do comentarista e do narrador. O protagonista da transmissão é o narrador. O narrador que tem que “tocar o barco todo”. Eu posso chegar atrasado, o Arnaldo [César Coelho] pode chegar atrasado, mas o narrador não pode. Se ele chegar atrasado não tem transmissão, na TV. Antigamente, no rádio era assim. Hoje, o narrador só entra de cinco a dez minutos antes. Eu acho que é legal isso também, porque durante a

transmissão o narrador é o protagonista e não é fácil. Então é uma maneira de poupar a voz.

11 – E na publicidade, há diferenças?

Você viu a última partida que o Galvão [Bueno] perdeu o gol? Aquilo ali é muito difícil de acontecer. Porque o narrador dá o recado quando a bola está no meio-campo. Só que o “danado” do Hulk [atacante da Seleção Brasileira] deu um passe “de Gérson” [ex-jogador da Seleção], coisa que nunca acontece, e ele estava olhando para o outro lado. Se eu estivesse do lado do Galvão eu dava uma cutucada. Porque, às vezes, o narrador se distrai. Então a gente diz o seguinte: quando a bola estiver chegando na intermediária, você tem que ter a sensibilidade para saber se vai rolar o lance do gol.

A publicidade só é chamada no tiro de meta, quando alguém está machucado, que são aqueles quinze “segundinhos” que são uma eternidade na televisão. Eu acho que nas duas funções tem que ter a questão da sensibilidade, que é uma arma muito forte. O homem que tem essa sensibilidade, eu acho que ele sai na frente de todo mundo. Porque ele não vai nunca vacilar. Perder um gol é a morte do narrador, no rádio e na TV. Porque é o momento que o narrador bota aquele pulmão todo que ele trabalhou. E tem outra coisa, também. Se o narrador errar, tem que dizer que errou. Não tem essa de querer brigar com a imagem. De vez em quando a gente “sai” na briga lá com os comentaristas de arbitragem. O comentarista de arbitragem apitou 500 mil partidas. Mas ele não jogou. Ele não sabe, às vezes, quando você engata o braço junto com o outro jogador e cai. Ele vai pegando a manha disso aí. Você tem a imagem a seu favor. Com trinta e duas câmeras, não tem necessidade de você correr para dar opinião. Espera e mostra os ângulos até chegar a uma conclusão.

Comentarista que quer adivinhar, primeiro não vai ganhar na mega-sena nunca. Segundo que a probabilidade de errar é muito grande. Pode sempre colocar como uma possibilidade, mas não afirmar. Na TV não dá. Não só uma jogada, mas um possível resultado, uma performance. Não dá pra você cravar que é favorito. Favorito foi feito pra perder e isso é a grande verdade. Nunca tem favoritismo. Ainda mais quando você pega dois arquirrivais. Às vezes você sente que alguma coisa boa vai acontecer. Eu brinco com o pessoal dizendo: “Hoje estou sentindo que vai acontecer alguma coisa boa”. De acordo com o clima dos jogadores, com o que o treinador está falando, se os jogadores estão rindo, se eles estão soltos, se estão leves, etc. Tudo isso termina tendo um reflexo no campo. Aí

que eu digo que está a diferença de quem não viveu isso. Essa sensibilidade o cara não vai ter. A gente não tem a voz da verdade. Mas nesse sentido, a gente já viveu aquilo.

7.4 - Anexo IV

Entrevista Edson Mauro (narrador radiofônico)

1 - Como foi o surgimento da TV?

Como qualquer entrada de um novo meio no mercado, isso, obviamente, causou um impacto ao rádio que vinha até então, antes da entrada da televisão, soberano, como meio de comunicação falado. Com a entrada da TV, com o som e a imagem, o rádio teve que se readaptar como hoje acontece com as novas mídias que vêm surgindo e que geram impacto. Hoje, a internet gera impacto na TV, gera impacto no rádio, gera impacto na mídia impressa. Na verdade nenhuma delas morre, todas elas se readaptam e vão se readaptando ao momento. Então a mesma coisa aconteceu com o rádio. Percebo que o rádio hoje está, novamente, em plena atividade. Sentiu o impacto nos anos 50, 60, com a entrada da televisão. E continua sendo o mesmo veículo, com a mesma postura, prestador de serviços, companheiro, informativo e segue a vida. Então, a vida de todos os meios continua e a gente percebe isso com o correr dos tempos.

2 - Você acredita que o rádio é um complemento da televisão?

Não, eu vejo o rádio com vida própria. Inteiramente com a vida própria. Porque o rádio, hoje, ele complementa, por exemplo, a televisão, quando pessoas têm o hábito de ver o jogo com a imagem da TV e com o som do rádio. Isso é um complemento real que o rádio faz a televisão. O rádio faz e é um complemento positivo. Porque denota a preferência de pessoas pela transmissão do rádio e não a transmissão falada da TV. Mas o rádio tem inteiramente vida própria. O rádio tem o seu segmento, a sua clientela, hoje, tem além da internet e dos rádios domésticos o rádio dos automóveis como grande ponto de referência. Hoje, qualquer pessoa que entra no seu carro tem o hábito contínuo, imediato, de ligar o rádio e isso faz com que esse veículo continue a ter a sua importância, que sempre teve.

3 - Você acha que existem pessoas que escutam o rádio e não ligam a TV?

As pessoas, obviamente, com a imagem, preferem conferir o que está acontecendo ao vivo, a cores, em tela grande, e tudo mais. O hábito de você tirar o som da TV para escutar o som do rádio, isso é real. Agora, há pessoas também, principalmente pessoas que acreditam em algumas coisas ligadas ao sobrenatural, que acreditam que possam acontecer

determinados milagres que elas acreditavam anteriormente e continuam acreditando. As pessoas, na verdade, quando acontece um gol do seu time e você está sem ver a televisão, as pessoas têm o hábito de começar a ouvir apenas o jogo, sem ver a televisão para que aquilo, na verdade, dê certo novamente. É como se fosse um hábito que você adquire, superstição. Então, hoje tem gosto pra tudo. E é provável que haja, também, esse tipo de pessoa que acompanha o jogo de futebol sem a imagem da televisão e apenas acompanhando o som do rádio.

4 – A emoção do rádio está na narração. A da TV está na imagem?

A emoção, rigorosamente, está na imagem, porque no rádio você é som e você é imagem. Como no rádio você tem que detalhar aquilo que está acontecendo, você cria um nível de entusiasmo que, na televisão, se você fizer com a sua voz, o que você faz no rádio, você fica *over*, passa do ponto. O que eu acredito é que na televisão a voz complementa a imagem. No rádio você é som e imagem, daí essa emoção toda, o detalhamento que você tem que dar.

5 - O repórter de campo tem o mesmo papel na TV e no rádio?

Olha, acho que a única diferença que há entre o repórter de campo de rádio e de televisão é que na TV, ele tem que, obviamente, também cobrir a imagem e ele usa um tom de voz mais abaixo que o repórter de rádio. Já o repórter de rádio, como não tem a imagem, ele precisa detalhar, dentro da linguagem dele, que é a explicação que ele possa dar do que está acontecendo: se está entrevistando algum jogador, se está vendo algum lance. Eu vejo a diferenciação rigorosamente ali, no tom de voz.

6 - Você vê grandes diferenças na narração de rádio e TV?

Há uma grande diferença entre o narrador de rádio e o de televisão. O narrador da televisão tem o apoio da imagem e ele usa de um tom um pouco mais abaixo, também. O locutor de rádio, como não tem a imagem, sendo ele o som e a imagem, tem que procurar fazer o detalhamento da jogada. Por exemplo, se um jogador como o Léo Moura [jogador do Flamengo] vai pela ponta direita, conduzindo a bola com o pé direito, no rádio você tem que falar isso. Na televisão você não tem que falar isso porque todo mundo está vendo. Mas, por exemplo, uma inversão de jogada, Léo Moura está no lado direito com a bola dominada e faz a inversão da jogada para o lado esquerdo para o André Santos, você tem

que falar que ele fez a inversão da jogada de pé direito e virou da direita pra esquerda. Na televisão não é necessário isso. Então o grande diferencial é, realmente, a utilização da imagem.

7 - Você acha que o papel do narrador, também, antes do jogo muda um pouco?

São formatos, isso é questão de formato. Por exemplo, no rádio, ele vai se atualizando em relação a determinados formatos e vai criando um nível de agilidade e de novidades como qualquer outro meio é necessário se inovar, colocar coisas novas. Na televisão como a gente já tem a imagem, a imagem é a grande atração da televisão. No rádio é o pessoal da fala. Então você coloca hoje, por exemplo, no rádio um apresentador pra fazer a abertura da jornada, que passa para o locutor com 10/15 minutos antes de começar a partida e isso aí é um fato novo que vem acontecendo.

8 – O papel do comentarista é o mesmo?

Eu acho que aí eles se assemelham. Acho que entre o rádio e a televisão é rigorosamente o mesmo ponto de convergência porque o jogo é o mesmo. Se você está vendo um jogo, ele [o jogo] é o mesmo e a maneira de você comunicar não pode ser diferente. Isso porque você está falando de uma parte técnica e aí não há diferenciação.

Se você fala em espaço em relação há parte física do locutor, não. O locutor quando passa para o comentarista, concede ao comentarista, no intervalo um espaço muito maior do que tem o comentarista na televisão.

9 – Você acha que nos dois meios existe a mesma preocupação com a publicidade?

A imagem da televisão cria a preocupação do lance, porque é extremamente desagradável, tanto no rádio quanto na televisão, você ter um lance interrompido na sua sequência por um comercial. O comercial, obviamente é obrigatório, é quem paga a gente, é quem patrocina e tudo mais, mas você tem que ter um cuidado extremo tanto no rádio quanto na televisão, quanto as colocações. Tem que esperar sair um lateral, esperar que se cobre um tiro de meta, todas aquelas mecânicas que são usuais tanto no rádio quanto na televisão. Aí eles caminham paralelamente.

10 - O formato da transmissão, de uma forma geral, tem grandes diferenças a serem destacadas?

Eu acho que simplesmente o tom de voz que se usa no rádio, pela necessidade de você detalhar muito mais o que você vai passar para o seu ouvinte é o que, rigorosamente, está acontecendo, porque aquilo, afinal, sendo uma cobertura ao vivo, você está diante de um fato. É a mesma coisa se você estiver transmitindo um incêndio e, de repente, um sujeito pular do décimo segundo andar, vigésimo andar, você vai ter que detalhar aquela queda do cara. Eu vejo mais ou menos por aí. E na televisão, a imagem, realmente, te facilita e muito.

7.5 - Anexo V

Entrevista Luís Roberto Múcio – via e-mail (narrador televisivo)

1- Você, que já trabalhou, em rádio e TV vê grandes diferenças nas transmissões?

Enormes diferenças. O “texto” usado na televisão é uma dobradinha da narração com a imagem. No rádio a dobradinha é com a imaginação das pessoas. O rádio se ocupa do espaço. Na televisão se respeita o silêncio. Na TV a empatia, a conquista do público é feita pelo som e pela imagem dos jornalistas. O tom de voz deve estar em sintonia com as imagens. No rádio a percepção é feita apenas pela voz. Pelo jeito de falar. No esporte, então, nem se fala. A narração dá vida as imagens, é primordial estar em cima do vídeo, as pessoas prestam atenção no conjunto imagem/áudio. Se falar de algo que não está na tela você interrompe a comunicação. No rádio a narração cria a imagem. O importante é o que o locutor está falando.

2 – A emoção, no rádio, está na narração. E na TV, está na imagem?

No rádio, o narrador transmite a emoção. Só faz sentido a narração ter um teor alto de emoção se o que estiver acontecendo realmente for importante e emocionante. No rádio o viés local, regional, ainda conta muito. É possível o narrador fazer quase um papel de torcedor. Na TV isso é impossível pela reação da audiência. TV é um veículo de abrangência nacional, não dá para torcer.

Imagine um gol sem narração na TV, em silêncio. Certamente na TV a narração também é primordial para que o momento de um gol, de um ponto, de uma ultrapassagem seja transmitido com a importância e a emoção que o momento pede.

3 - Atualmente, ninguém que esteja em casa e tenha o jogo passando na TV, fica, apenas, com o rádio. Mas você acha que ainda existem muitos que baixam o volume da televisão e escutam o rádio?

Hoje, a maioria das rádios está com o áudio no satélite, o que causa uma falta de sincronismo entre a imagem e som da rádio. Também acho que a narração radiofônica não combina com o jogo visto pela televisão. São poucos os que ficam ouvindo pelo rádio e assistindo pela TV. Hoje, o que ocorre é o telespectador usar outra tela, no *tablet*, por exemplo, e interagir com a transmissão da TV ou acompanhar classificação em tempo real, informações de outros jogos, etc.

4 - Você acredita que o rádio é o complemento da TV?

Não, são veículos diferentes. Que são utilizados em momentos diferentes.

5 - Há um estilo de narração ideal para a televisão?

Difícil falar em narração ideal na televisão. No Brasil temos uma narração que se aproxima do que temos pelo mundo inteiro. O legal é o narrador ter conhecimento do que está transmitindo. Ter comentaristas que ajudem a decifrar o que está rolando. Entra também o carisma do jornalista, o jeito de colocar as informações, a intensidade da emoção deve ser compatível com os fatos. E principalmente respeitar e entender as imagens que estão sendo mostradas.

6 – Qual é a sua análise geral das transmissões nos dois veículos: repórter, comercial, comentarista?

A distribuição das funções pode até ser a mesma, mas a performance é totalmente diferente. Como disse antes, na TV é fundamental a dobradinha com a imagem. Por exemplo, o comentarista na TV tem que dizer algo que as pessoas estejam vendo. Se ele fala que o jogador tal está num posicionamento errado tem que mostrar no vídeo. No rádio, o comentarista tem que explicar essa imagem.

O repórter tem, no rádio, a função de complementar a narração com as entradas depois de cada lance importante.

A comercialização também é diferente. Na televisão entra um selo com a marca do anunciante e o número de vezes é bem menor. No rádio, historicamente, é próprio narrador que lê as publicidades. Acho mais legal o formato da TV. Assim, o jornalista não é garoto propaganda.

7.6 – Anexo VI

CD com gravações dos jogos Vasco x Flamengo pela TV Globo e Rádio Transamérica, Apresentação do humorista Marcelo Adnet e trecho do programa *Redação SporTV* com participação do ex-jogador Juninho Pernambucano.